



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Olesia Polisciuc

A ESCURIDÃO DO EU

O INCONSCIENTE E O PRIMITIVO NA LITERATURA
INGLESA DA VIRAGEM DO SÉCULO XIX PARA O XX

Dissertação de Mestrado em Estudos de Cultura, Literatura e Línguas Modernas,
orientada pela Professora Doutora Jacinta Maria Cunha da Rosa Matos,
apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de
Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2020

FACULDADE DE LETRAS

A ESCURIDÃO DO EU

O INCONSCIENTE E O PRIMITIVO NA LITERATURA INGLESA DA VIRAGEM DO SÉCULO XIX PARA XX

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	A escuridão do Eu
Subtítulo	O inconsciente e o primitivo na literatura inglesa da viragem do século XIX para XX
Autor/a	Olesia Polisciuc
Orientador/a(s)	Doutora Jacinta Maria Cunha da Rosa Matos
Júri	Presidente: Doutora Maria José Florentino Mendes Canelo
	Vogais:
	1. Doutora Adriana Conceição Silva Pereira Bebiano Nascimento
	2. Doutora Jacinta Maria Cunha da Rosa Matos
Identificação do Curso	2º Ciclo em Estudos de Cultura, Literatura e Línguas Modernas
Área científica	Literaturas e Culturas
Especialidade/Ramo	Estudos Ingleses e Americanos
Data de defesa	2-12-2020
Classificação	16

Agradecimentos

Deixo aqui os agradecimentos especiais para a minha orientadora, Professora Doutora Jacinta Maria Matos que foi uma verdadeira orientadora e me levou até à luz no fim deste túnel escuro, desconhecido e um pouco assustador, especialmente no início do percurso. Quero agradecer-lhe pela fé que teve em mim e que me transmitiu, o que me ajudou a andar em frente apesar de todos os obstáculos.

Também quero agradecer à minha colega e amiga Eduarda pela grande ajuda com o português e pelos conselhos muito úteis e profissionais.

E por último, agradeço à minha família que me serviu de fortaleza e suporte ao longo de todo o caminho.

RESUMO

“A Escuridão do Eu: O Inconsciente e o Primitivo na Literatura Inglesa da Viragem do Século XIX para XX”

O fascínio pelos enigmas mais escuros da mente humana sempre foram e serão atuais, pois estão em constante evolução – acompanhando o tempo. O contexto da época vitoriana e da viragem do século é um momento particularmente interessante para seguir a atração e mergulhar em busca do novo Eu: escuro, primitivo e misterioso. Este novo Eu nasceu especificamente nesta época graças ao conjunto de acontecimentos históricos e sociais durante a época vitoriana, como a industrialização, a expansão da metrópole e a urbanização, o progresso e as descobertas inovadoras na ciência e tecnologia.

A maior problemática que o indivíduo vitoriano enfrentou na viragem do século foi a percepção de que o inconsciente do indivíduo não é como se pensava antes – não pode ser explicado pela razão e a lógica, não pode ser controlado e pode ser bastante perigoso tanto para a sociedade, como para o próprio indivíduo. Após esta percepção, o indivíduo, fragmentado e em crise, teve de gerir o primitivo dentro de si e passar por um processo de interiorização deste primitivo.

Adicionalmente, a ansiedade e as incertezas em relação ao futuro geram uma crise existencial com qual o indivíduo vitoriano também tem de lidar. A análise deste processo de busca e de interiorização do primitivo no indivíduo pode ser feita recorrendo à Literatura Inglesa das últimas décadas do século XIX e da viragem do século, que refletem o contexto cultural da época.

Esta dissertação ocupa-se da análise de obras relevantes para esta problemática, de autores como Robert Louis Stevenson, *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1886), Arthur Conan Doyle, “The Sign of Four” (1890) e Joseph Conrad, *Heart of Darkness* (1902), investigando como elas refletem o processo de interiorização do novo Eu do indivíduo vitoriano.

Palavras-chave: primitivo e inconsciente, época vitoriana e viragem do século, literatura inglesa, interiorização do primitivo, crise existencial do indivíduo.

ABSTRACT

“The Darkness of the I: The Unconscious and the Primitive in *Fin de Siècle* English Literature”

The fascination with the darkness of the human mind always has been and will continue to be topical, because it is constantly evolving, moving with the times. The Victorian century and the *fin de siècle* have a prominent position in the discovery of a new “I”, primitive and mysterious, which emerged due to the significant changes of the XIX century like industrialization, urbanization and the expansion of metropolitan areas, scientific progress and innovations in technology.

The unconscious and the primitive were completely new and undiscovered by Victorian individuals, used to the stability and the rigid order established in society. This primitive part of the subject could neither be explained by logic, nor controlled, making it a possible danger both for society and the individual. This perception of a fragmented individual in crisis was compounded by a process of interiorization of the primitive inside.

Never before was the primitive so close and so obvious, so aggressive and problematic, not only in the wider society, but within the Victorian subject. Anxieties and uncertainties about the future created the conditions for an existential crisis of the subject. English Literature of the last decades of the XIX century will lend itself easily to an analysis of the interiorization of the primitive, since it perfectly reflects the cultural context of the era.

This dissertation brings together three works of British Literature: Robert Louis Stevenson’s *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1886), Arthur Conan Doyle’s “The Sign of Four” (1890) and Joseph Conrad’s *Heart of Darkness* (1902) and analyses how they all reflect this process of interiorization of the primitive inside the subject.

Keywords: primitive and unconscious, Victorian century and *fin de siècle*, English Literature, interiorization of the primitive, existential crisis of the individual.

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo 1	8
1.1 Contexto económico-social do século XIX.....	8
1.1.1 A Industrialização	8
1.1.2 O Mito do progresso – orgulho vs. culpa	10
1.1.3 Uma nação dividida	12
1.1.4 Os sintomas de crise.....	13
1.2 Contexto intelectual: figuras e teorias	14
1.2.1 A Ciência Positivista e o caso da Frenologia.....	14
1.2.2 Charles Darwin/William James/Sigmund Freud.....	15
1.3 O contexto literário do final do século XIX e a literatura da viragem do século.....	20
1.4 O primitivo vs. o civilizado.....	24
1.4.1 Conclusão: a desespecialização do conceito de barbárie.....	26
Capítulo 2: Robert Louis Stevenson <i>Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>	28
2.1 Introdução	28
2.2 O Autor/A Obra.....	29
2.3 O Espaço na obra.....	31
2.4 As Personagens	34
2.5 Jekyll&Hyde	35
2.6 Conclusão	41
Capítulo 3: Arthur Conan Doyle “The Sign of Four”	44
3.1 A Reafirmação do Realismo e a Negação do Fantástico	44

3.2 A Figura do Detetive e o Cenário Urbano	45
3.3 As Personagens	48
3.4 O Espaço.....	53
3.5 Conclusão	55
Capítulo 4: Joseph Conrad <i>Heart of Darkness</i>	59
4.1 Introdução	59
4.2 Conrad e a transição para o Modernismo	60
4.3 O Espaço.....	62
4.4 As Personagens	65
4.5 O primitivo e a sua desespacialização	70
4.6 Conclusão	73
Conclusão.....	76
Bibliografia	

Introdução

“The Coming Beast must certainly be reckoned in any anticipatory calculation regarding to Coming Man”

H.G. Wells, “Zoological Retrogression”

Os enigmas que a mente humana pode esconder no seu inconsciente sempre nos fascinaram e atraíram. As descobertas acerca da complexidade e riqueza da psicologia humana intensificaram-se nos finais do século XIX, o que não foi coincidência, porque são contemporâneas da crise civilizacional da viragem do século. É difícil dizer com toda a certeza qual a causa desta crise que motivou essa busca pela dimensão existencial do indivíduo: a investigação na área da psicologia que desmistificou as crenças científicas positivistas e abalou a estabilidade vitoriana? Ou o conjunto de acontecimentos sócio-culturais (como a industrialização, a urbanização e o progresso científico) que transformaram profundamente a sociedade da época e deram um empurrão a estes estudos e descobertas?

Como era então o indivíduo vitoriano e o meio que o rodeava antes da viragem do século? Graças à revolução industrial e tecnológica, o século vitoriano é caracterizado pelo seu sucesso extraordinário na evolução e no progresso, o que por sua vez criou um indivíduo que se entendia como realizado e estável. As teorias científicas, como por exemplo a ciência Positivista, criaram um ambiente favorável para formar o conceito de um indivíduo uno e racional, que acredita no poder da razão e da lógica em qualquer circunstância. As teorias de Charles Darwin fizeram com que o indivíduo vitoriano acreditasse na linha evolutiva e positiva do progresso. O poder colonial fortificava, por sua vez, a crença na missão civilizadora, ao mesmo tempo que enriquecia o Império.

Em geral, o século vitoriano acreditava ter atingido o auge do sucesso em várias dimensões. Mas o final do século XIX e a viragem para o XX trouxeram os primeiros sintomas de um possível declínio, demonstrado na crise civilizacional, no abalo das crenças subjacentes e na fragmentação do indivíduo, até aí considerado como uno, situado num mundo que fazia sentido e era explicável, calculável e palpável. As novas teorias que começaram a desmistificar tudo em que se acreditava até aí, como por exemplo, as de Sigmund Freud sobre o inconsciente e as de H.G. Wells sobre a possibilidade de um processo de sentido oposto ao da evolução, causaram danos irreparáveis à estabilidade vitoriana. Claro que estas teorias não foram as únicas causas do fenómeno, sendo também de assinalar os efeitos da urbanização, a crise económica e o desemprego, e as marcantes desigualdades sociais, entre outros.

Na sequência destes acontecimentos, estava criado um ambiente propício a uma crise existencial, em que o indivíduo enfrentava muitas perguntas e dúvidas sobre o Eu. Durante este processo, sucederam-se as

revelações acerca do interior do indivíduo, o seu inconsciente e as suas facetas menos positivas, algo que antes não tinha sido posto em causa.

Uma das descobertas mais perturbadoras foi a perceção de que o indivíduo, na verdade, não tem só um lado bom, dito civilizado, mas contém também um outro lado, escuro, primitivo e bárbaro. Como refere Brantlinger, os seres humanos começam a ser percecionados como “[c]ivilized on top with the old barbarian under our clothes” (232), os seus impulsos e instintos escondidos debaixo da capa da civilização. Mais chocante só poderia ser o facto de o indivíduo não ter proteção contra este lado negativo e ser incapaz de o controlar. A seguir a esta desmitificação veio a necessidade da interiorização desta nova e terrível dimensão do indivíduo, do primitivo dentro do Eu. O processo de interiorização do primitivo é ao mesmo tempo fascinante, pelo que representa de descoberta do Eu, mas também perturbador, dada a natureza dessa descoberta. Isto implica um processo de metamorfose, em que o Eu tradicional passa por uma fase de transição entre paradigmas e modelos conceptuais do Eu e do mundo, quando estes se destroem e se fragmentam, sem possibilidade aparente de reestruturação e de reequilíbrio.

Contudo, é importante perceber que o indivíduo evolui ou se transforma interagindo com o meio ambiente, ou seja, a sociedade, a família, a comunidade e a sociedade em geral. Portanto, o contexto é essencial para se entender qualquer processo e, por isso, o estudo e a análise das mudanças no quadro histórico, sócio-cultural e científico são extremamente interessantes e relevantes, tendo de figurar em qualquer estudo dedicado às alterações da noção de sujeito.

A arte e a literatura acompanham constantemente as mudanças que ocorrem na sociedade, sendo delas testemunho. Deste modo, o processo de reformulação do Eu e de interiorização do primitivo pode ser acompanhado através da leitura de obras literárias. A viragem do século, com a sua variedade de textos e géneros, oferece-nos a possibilidade de estudar o processo que o indivíduo vitoriano sofreu para encontrar o seu novo Eu.

A escolha do tema desta dissertação em Estudos Ingleses e Americanos deve-se em grande parte ao interesse pela época vitoriana e o momento em que ocorreu a transição desta época para a modernidade e para o século XX. É uma fase complicada, em que mudam os paradigmas estabelecidos e aceites durante séculos e os novos se anunciam tentativamente, coexistindo durante algum tempo o velho e o novo, antes de a mudança se consumir no Modernismo. Recorrendo, assim, às manifestações da cultura e literatura inglesas, pretende-se compreender as causas, traçar o processo e antever as consequências desta transição de um século para o outro.

Como o título indica, a dissertação procura estudar o processo que conduziu à interiorização do primitivo no indivíduo vitoriano. Para atingir esse objetivo, procuraram-se perspetivas críticas e análises culturais de vários autores e especialistas na matéria, que delinearão conceitos fulcrais para o estudo mais detalhado

das obras em causa e exploraram questões como a Ciência Positivista e as teorias freudianas e darwinianas.

O interesse pessoal deve-se, por sua vez, à oportunidade oferecida por uma dissertação de mestrado, que permite uma investigação mais profunda e um estudo mais detalhado e especializado do assunto do que o realizado durante a licenciatura, bem como o de olhar a questão da perspectiva de século XXI, ou seja, ao mesmo tempo mais lata e mais pessoal.

As obras escolhidas para a dissertação foram *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1886) da autoria de Robert Louis Stevenson, “The Sign of Four” (1890) de Arthur Conan Doyle, e *Heart of Darkness* (1902) de Joseph Conrad, uma vez que, tomadas em conjunto, nos permitem traçar uma linha evolutiva da crise identitária durante o período de tempo em apreço. É de interesse notar que o tempo que medeia entre a publicação da primeira e da última obra (1886-1902) coincide precisamente com a intensificação e o agravamento da problemática do Eu e da crise existencial.

Apesar de se situarem numa cronologia linear, as obras mencionadas têm características diferentes, permitindo-nos olhar para a problemática da interiorização do primitivo de várias perspectivas. Todas elas têm um entendimento diferente do primitivo e da sua relação com o Eu civilizado (seja como uma dimensão específica e autónoma, seja como parte integrante do indivíduo) e situam esse primitivo em contextos diferentes (seja na metrópole, seja no espaço geográfico do primitivo). Ao mesmo tempo, e uma vez que os textos pertencem a vários géneros literários, (romance gótico, conto policial e romance pré-modernista) abrir-se-á a possibilidade de investigar a abordagem do mesmo problema através de diferentes formas literárias.

Reunir num só estudo três obras de três autores diferentes, que usaram formas literárias diferentes e um entendimento diferente da problemática em causa, enriquece a análise feita da perspectiva do século XXI, o que prova também a centralidade da crise civilizacional na cultura da época, uma vez que esta se manifesta em diversos géneros, mesmo nos mais inesperados, como no caso do conto policial.

A metodologia de análise das obras irá dar uma atenção particular às personagens e ao espaço onde se situa a ação. As personagens protagonizam as questões identitárias, dramatizam os conflitos e refletem os dilemas do indivíduo, inserido num espaço específico. A análise detalhada das personagens poderá demonstrar como no interior das figuras se concentra a reflexão sobre os fatores exteriores ao indivíduo, pois estes fatores são influências essenciais para a sua caracterização e autodefinição.

Esses fatores exteriores, ou seja, os contextos sociais e culturais da época, concretizam-se num determinado espaço (diferente de obra para obra), justificando uma análise que enfatize a noção de que o espaço não serve só como o cenário da ação, mas como um elemento simbólico essencial da reconfiguração do Eu. A questão da “desespacialização” do primitivo aponta para a relevância do espaço, sendo, por isso, crucial neste trabalho. O âmbito temporal cobrirá, por sua vez, a viragem do

século – o final da época vitoriana, em que se assiste ao desenrolar da crise existencial do indivíduo e de toda a civilização.

A estrutura básica do trabalho comportará quatro capítulos: um capítulo teórico e os outros três dedicados à análise das obras, de acordo com a metodologia acima referida. Enquanto o capítulo teórico se concentra na problemática sócio-cultural, os capítulos referentes aos textos literários irão analisar, como já foi referido, principalmente as personagens e o espaço, dando também alguma atenção ao autor e ao género literário a que a respetiva obra pertence, aplicando nesta análise as bases teóricas inicialmente delineadas.

O primeiro capítulo oferece uma contextualização sócio-cultural da Inglaterra do final do século XIX, o que permitirá despistar algumas das causas da crise existencial do indivíduo. Antes de mais, será necessário recapitular brevemente o fenómeno de Industrialização, e todas as suas implicações na crise na viragem do século. A industrialização, que trouxe um poder mundial à Inglaterra, tornando o que era até aí país predominantemente agrário na mais bem-sucedida e progressiva nação em termos de produção e de comércio, de descobertas e inovações científicas, teve também outro impacto no país. As consequências menos positivas foram a urbanização avassaladora e a criação de uma nova classe trabalhadora – o proletariado. A sobrelotação das cidades levou ao desemprego, à miséria e ao crime, que por sua vez levaram ao declínio da qualidade de vida das pessoas. O ritmo acelerado da mudança na sociedade vitoriana influenciou o estado psicológico dos indivíduos, incapazes de gerir as novidades do progresso e as novas condições de vida. Tudo se tornou repentinamente demasiado caótico e complicado, e o indivíduo tinha dificuldade em largar mão do passado e habituar-se ao presente.

O orgulho no sucesso das mudanças positivas era assombrado pelo preço pago por este mesmo sucesso (como as condições em que se encontrava a classe trabalhadora). E enquanto a classe privilegiada usufruía dos frutos do sucesso do Império e supostamente sentia culpa pelo preço pago por este sucesso e pela prosperidade de que gozava, a classe trabalhadora lutava todos os dias pela sobrevivência, sem qualquer certeza e segurança perante o futuro. Este é o cenário do final do século XIX, no auge da crise sócio-cultural e no momento em que o otimismo vitoriano entra em declínio e começa a dar lugar ao pessimismo da viragem do século.

Os problemas sócio-económicos passam a ser também pessoais e psicológicos, quando o indivíduo não sabe como lidar com a situação perante a qual se encontra: a perda de crença no poder da ciência e da razão e nos valores morais e religiosos, a transformação do passado estável e seguro num futuro indefinido e duvidoso. A perda dos principais pontos orientadores e indicadores morais dá um empurrão ao levantamento das questões existenciais e, subsequentemente, à descoberta da existência de uma parte inconsciente do indivíduo, incontrolável e escura no seu interior.

No âmbito desta contextualização, a Ciência Positivista não poderia ficar esquecida, nem figuras como Charles Darwin e as suas teorias sobre a evolução e a regressão, bem como Sigmund Freud e William James, que protagonizam o início da Psicologia e se ocupam precisamente do interior do sujeito e da sua relação com o primitivo.

Depois dos contextos sócio-cultural e científico da época, investigaremos também a cena literária, tentando explicar as alterações visíveis por que passava a literatura vitoriana. O contexto literário funciona como testemunho do contexto sócio-cultural e a época vitoriana não foi exceção. Nos finais do século XIX, o Realismo vitoriano já não consegue explicar, recorrendo à razão á lógica, o inconsciente do indivíduo e a sua crise existencial, e entra em declínio, dando lugar à segunda fase do Gótico, género que, por sua vez, se adapta à época e incorpora elementos científicos, juntando-os aos ingredientes habituais do sobrenatural e do fantasmagórico. Esta adaptação do Gótico às mudanças da viragem do século permite-lhe, assim, tratar da problemática vivida pelo indivíduo no final do século.

Por último, serão referidos mais em particular os conceitos de primitivo e a sua progressiva desespacialização. Pela primeira vez, admite-se a possibilidade de o civilizado e o primitivo coexistirem no indivíduo, interligando o que antes seria impensável: o racional e o irracional, as normas e os impulsos, o Id e o (Super)Ego. Ou seja, a possibilidade da existência do primitivo no interior do indivíduo, o que durante séculos seria inadmissível. A crise existencial do indivíduo deve-se à dificuldade da interiorização desta nova perceção depois da quebra da ilusão de que o primitivo pode ser separado do Eu e geograficamente espacializado, como também ao receio do perigo dos processos de regressão civilizacional (como o atavismo). O conceito de desespacialização demonstra como o primitivo, até aí marginalizado, volta e ocupa um lugar no interior do indivíduo e no centro da sociedade. As obras escolhidas retratam muito bem a problemática da interiorização do primitivo e do perigo que a sua desespacialização poderá trazer ao indivíduo.

O segundo capítulo tratará da obra de Robert Louis Stevenson, *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, concentrando-se nas personagens de Dr. Jekyll e Mr. Hyde, e a problemática que o primitivo criou ao chegar ao centro de Londres e da civilização. A obra de Stevenson reflete profundamente sobre os sintomas da crise da viragem do século, como a insegurança e a descrença na ciência e no racional. Para este efeito, o autor recorre aos instrumentos do Gótico Urbano, criando uma figura vitoriana que vive a descoberta do seu outro Eu e tenta lidar com a parte primitiva deste, ou seja, o seu *Doppelgänger*.

A ciência, como símbolo importante da época vitoriana, está presente na obra de uma forma significativa, embora já com sinais de declínio, o que se deve à desmistificação do seu poder ilimitado. A hipocrisia vitoriana também tem o seu lugar no romance, como crítica à nova realidade da viragem do século, que continua a marginalizar automaticamente tudo o que é indesejável e ligado ao primitivo.

Será dada especial atenção na análise à imagem de Londres, enquanto capital da Inglaterra e da civilização, tal como aos espaços exterior e interior que influenciam e refletem o indivíduo e, portanto, se interligam de formas complexas e inesperadas.

Todos os aspetos mencionados nos parágrafos anteriores, como as personagens, o espaço, a ciência, a hipocrisia, representam a ansiedade vitoriana perante as mudanças que o século XX poderá trazer. A obra de Stevenson é a primeira entre as obras escolhidas neste trabalho e reflete os sinais iniciais e o início da ansiedade que a Inglaterra vitoriana pressente.

O terceiro capítulo tem como objetivo a análise de obra de Arthur Conan Doyle “The Sign of Four”, um conto policial onde, ao contrário da obra de Stevenson, não se trata diretamente dos sintomas da crise, mas ainda se deteta a problemática em causa. O Realismo está fortemente representado na obra graças ao seu protagonista – grande adepto do racional e da filosofia positivista. Nesta medida, e ao contrário do Gótico de Stevenson, Doyle oferece ao leitor uma sensação de paz e segurança, pois a história oferece um final fechado e feliz onde fica tudo resolvido e claro. “The Sign of Four” funciona como exemplo de uma tentativa de resistir às mudanças que estão em curso e dos sintomas que a obra de Stevenson claramente protagoniza. Doyle, no entanto, tenta reafirmar e salvar o paradigma realista, que na viragem do século começa a ser contestado, com um conto policial em que a figura do detetive resolve todos os problemas e esclarece todos os mistérios, ou seja, pretende trazer de volta a paz, a estabilidade e os valores essenciais da época vitoriana.

Tal como foi mencionado, em todas as obras será analisado o espaço, elemento particularmente relevante no contexto da dissertação. Exatamente como na obra anterior, Londres é o cenário principal, o lugar típico vitoriano, símbolo de tradição e segurança, mas agora em risco de ser “contaminado” pelo Outro/primitivo – e, portanto, de se tornar perigoso. Contudo, o conto tem como espaço, não só a metrópole, como também o lugar do Outro, ou seja, as terras longínquas do Império, cenário tanto do primitivo como dos crimes cometidos pelos europeus. A questão da colonização e da relação que o sistema colonial estabelece entre o europeu e o Outro também estão presentes na obra, assistindo-se a um branqueamento dos crimes do Império e à reafirmação do poder do europeu.

Na obra de Doyle, o primitivo, tal como o mistério, é vencido, e tudo parece ser resolvido. Contudo, durante a análise da obra vamos descobrir vários sinais de transição da época vitoriana para a época da modernidade, e ler nas entrelinhas os sintomas da crise que está para vir.

Finalmente, o quarto e último capítulo analisa a obra de Joseph Conrad, *Heart of Darkness*, onde se dá o culminar do processo de desespacialização da barbárie e por isso constitui um bom remate para este trabalho. Aqui serão analisadas as personagens de Kurtz e Marlow, que viajam para África e se irão inserir nesse primitivo, que experimentam de forma extremamente intensa e trágica. O romance, tal

como o autor, é pré-modernista, e trata da problemática já de forma mais direta e com o pessimismo que caracterizará o Modernismo.

O drama que as personagens vivem durante a sua viagem a África consiste também na desilusão e na quebra das crenças: no discurso colonial, na missão civilizadora, nos conceitos de evolução e progresso constantes. Veremos como o espaço na obra tem a função de um organismo – a selva e o rio – com um poder ilimitado e muito mais potente e perigoso do que a civilização e o homem. Torna-se óbvio que o indivíduo é impotente neste espaço perante o poder de natureza, e que o indivíduo fraqueja longe de casa e num meio desconhecido e hostil.

O espaço principal da obra, as colónias europeias, é o “coração” do primitivo, onde as personagens têm de lidar com o Outro e com a sua própria identidade. Kurtz e Marlow fazem uma viagem ao lugar do primitivo, onde descobrem o conhecimento proibido que os transformará para sempre. Apesar de esta viagem ser muito perigosa, um deles (Marlow) consegue escapar e evita ser “consumido” pela natureza e pelo primitivo. Contudo, quando volta a Londres - o centro da civilização - não pode revelar nada, pois as regras do colonialismo e do sistema obrigam-no a deixar tudo lá - nesse lugar do Outro.

O tema que será tratado nesta dissertação pode ser considerado bastante complexo e talvez perturbador, contudo não deixa de ser extremamente fascinante e digno de estudo. Um dos aspectos positivos é exatamente a profundidade do tema, que pode ter inúmeras perspetivas e se presta a múltiplos pontos de vista, um desafio que se tornou motivador e encorajador na escrita da dissertação. Com este trabalho, pretende-se também dar um contributo para o estudo da Cultura e Literatura Inglesas da viragem do século, reunindo, sob uma determinada perspetiva teórica, três obras que à primeira vista tinham pouco em comum, mas se revelaram inspiradoras na investigação do tema.

Capítulo 1

1.1 O Contexto económico-social do século XIX

1.1.1 A Industrialização

Para perceber melhor o impacto da revolução industrial em Inglaterra há que considerar, em primeiro lugar, o contexto económico-social da época vitoriana, que sem dúvida foi uma das causas principais da crise que se estabeleceu na viragem do século.

Apesar de ter consequências pesadas para a sociedade vitoriana, a Revolução Industrial que ocorreu na Inglaterra ajudou o Império a afirmar a sua posição na arena mundial e a manter o poder geopolítico nas suas mãos. Na sua obra *The Condition of the Working-Class in England in 1844* (1844) Friedrich Engels chama a nossa atenção para a importância extrema da revolução industrial para o país: “[a]n industrial revolution, a revolution which altered the whole civil society; one, the historical importance of which is only now beginning to be recognised.” (3). Os seus efeitos não foram imediatos, mas quando por fim se materializaram fizeram-se sentir por várias décadas. Convém lembrar que num curto espaço de tempo, a Inglaterra passou de um país “[w]ith small towns, few and simple industries, and a thin but proportionally large agricultural population.” (4) para um dos países mais desenvolvidos e avançados do mundo. Este crescimento deveu-se em grande parte à estabilidade financeira, que permitiu a construção de fábricas e maquinaria, como também aos muitos recursos de matéria prima e à mão de obra abundante.

Nos finais do século XIX, o Império Britânico é o mais bem-sucedido no mundo em termos da produção industrial de metalurgia, têxtil e carvão; aí foram inventados a eletricidade, a rádio (1888), a aspirina (1899), a gasolina (1850), o telefone (1876), o automóvel (1885), o telégrafo (1896) e outras descobertas científicas e tecnológicas. Nas palavras de Lewis Mumford, os fundamentais agentes na criação de novas cidades eram: “the mine, the factory and the railroad.” (Mumford 446). Com inovações desta dimensão, as grandes metrópoles como Manchester, Birmingham, Londres e outras cresceram, e lá foram criados muitos postos de trabalho. As cidades industriais eram marcadas pela presença de várias fábricas e manufaturas, o que mudou significativamente uma paisagem verdejante e com o céu limpo para outra em que imperava o cinzento do fumo das fábricas.

Não podemos esquecer a importância das docas portuárias para o país, que vivia em grande prosperidade graças à expansão do seu comércio por todo mundo. Através das docas portuárias de Londres efetuava-se a importação e exportação dos produtos, o que permitia o desenvolvimento de negócios e o comércio com o Império. O sucesso comercial era, sem dúvida, um dos motivos para o grande orgulho que os vitorianos sentiam pela grandeza do Império, onde, como diz a frase famosa de John Wilson, “the sun never sets”.

O processo que conduziu às transformações dentro do país levou também a mudanças na vida das pessoas, muitas vezes radicais. Uma dessas mudanças foi a criação de uma nova classe social - o proletariado. De acordo com Engels, o proletariado é o subproduto direto da industrialização (Engels 40), o que aconteceu graças ao fenômeno de migração dos espaços rurais para os urbanos, criando a nova classe trabalhadora nas grandes metrópoles e ao mesmo tempo reduzindo bruscamente a população rural. Isto foi possível graças à construção de fábricas e à produção em massa, que precisavam de grande quantidade de operários. E como argumenta Mumford, “[u]rbanization increased in almost direct proportion to industrialization [...]” (448), ou seja, a população nas cidades crescia com o aumento das fábricas.

De acordo com Mike Winstanley,¹ a grande migração para as cidades, ou, por outras palavras, o êxodo rural, deveu-se a várias causas pessoais e profissionais. Uns foram atraídos para a cidade para melhorar as suas condições da vida, outros foram obrigados a deixar as suas terras por falta de trabalho. Como explica o autor, as pessoas migravam para cidades próximas, ou longínquas; podiam ser jovens, famílias, ou comunidades inteiras (como por exemplo, as aldeias pequenas). Foi, sem dúvida a chegada da indústria mecanizada que, substituindo a produção dos produtos artesanais pelos fabricados em massa, tirou emprego aos produtores rurais e com isso provocou a migração para as cidades. Na sua obra *Sybil, or The Two Nations* (1845) Disraeli descreve o êxodo rural forçado pela perda de trabalho, causado pela indústria mecanizada. Mais concretamente, é contada a história de uma família que antes tinha uma vida digna e feliz no mundo rural e depois sofreu dificuldades extremas na cidade.

As pessoas mergulhavam na vida citadina sem saber que destino lhes estava reservado. No entanto, as cidades grandes não estavam preparadas para acolher uma quantidade tão grande de pessoas. Por exemplo, a população de Londres no início de século XIX era um milhão de habitantes, em 60 anos cresceu até três milhões e nos finais do século já tinha cinco milhões de pessoas. O crescimento tão rápido da população urbana era problemático, dada a ausência de condições básicas para a vida quotidiana, tais como habitação e saneamento. Lewis Mumford chama a atenção para esse problema e aponta a industrialização como a sua maior causa: “Industrialism, the main creative force of the nineteenth century, produced the most degraded urban environment the world had yet seen; for even the quarters of the ruling classes were befouled and overcrowded.” (447). Partindo do pressuposto que famílias inteiras viviam num só quarto que lhes servia para dormir, comer e até trabalhar, podemos imaginar a sobrepopulação nas cidades. O trabalho duro e pesado não trazia os meios de sobrevivência suficientes, embora trabalhassem todos: homens, mulheres e crianças.

¹ Winstanley, Mike. “The Rural Exodus” 2011. http://www.bbc.co.uk/history/british/victorians/exodus_01.shtml

Para além de não haver espaço suficiente, o que havia estava em condições degradadas. Os bairros industriais eram constituídos por prédios geminados em ruas escuras, cheias de lixo e sujeira. Mumford dá-nos uma imagem de uma paisagem urbana: “The change from organized urban handicraft to large scale factory production transformed the industrial towns into dark hives, busily puffing, clanking, screeching, smoking for twelve and fourteen hours a day.” (446). As condições descritas lembram um cenário grotesco e infernal e nunca um lugar condigno para as pessoas viverem.

Sem espaços abertos e sem luz suficiente no interior das casas, com falta de alimentação saudável, roupa, água limpa, higiene, e até falta de ar puro, muitas pessoas viviam na miséria extrema. Mumford chama a nossa atenção para a poluição imensa que também fazia parte do dia-a-dia dos habitantes: “Dark, colorless, acrid, evel-smelling, this new environment was” (472), ao qual pode ser adicionado o barulho constante de maquinaria a funcionar.

Como consequência, a cidade sofreu um fenómeno de desumanização, tornando-se devastadora e assustadora, um local onde, como argumenta Mumford: “All these qualities lowered human efficiency [...]” (472). Assim, as condições de vida influenciavam o estado físico e a saúde das pessoas e como consequência a capacidade de trabalhar. Simultaneamente, o ritmo acelerado da vida perturbava o estado psicológico dos indivíduos, fossem eles ricos ou pobres. O ritmo acelerado das mudanças fez com que de um momento para outro aparecessem os resultados do progresso como comboios, eletricidade, telégrafo, etc. Kitson Clark descreve o cenário da época, onde coexistiam contrastes entre passado e presente:

“This sense that something revolutionary had happened, that they were living in a new world with infinite and unrealized possibilities for good or evil was very strong among those who lived in Britain in the second quarter of the nineteenth century.” (s.p.)²

O ritmo intenso das inovações não passou sem efeitos e acabou por ser uma das causas da crise existencial do indivíduo, sobre a qual iremos falar mais tarde.

1.1.2 O Mito do progresso – orgulho vs. culpa

Como já foi referido, as conquistas do progresso não podiam deixar de trazer enorme sentimento de orgulho. Até Friedrich Engels reconhece que “I know nothing more imposing than the view which the Thames offers during the ascent from the sea to London Bridge.” (44), comprovando o clima otimista e

² G. Kitson Clark, *The Making of Victorian England* (1971).

<http://www.victorianweb.org/technology/ir/index.html>

positivo que andava no ar. Porém, esta imagem positiva de modernização coexistia com o seu reverso: de um lado, o orgulho nacional pela evolução e progresso, e do outro o sentimento de culpa pelo preço a pagar por esse sucesso. Concretamente, a principal causa desse sentimento de culpa era a realidade dura que apontava para outro cenário:

“But the sacrifices which all this has cost become apparent later. [...] one realizes for the first time that these Londoners have been forced to sacrifice the best qualities of their human nature, to bring to pass all the marvels of civilization which crowd their city;” (4)

O preço do sucesso e a prosperidade da classe alta foi paga com o sacrifício da classe trabalhadora. Contudo, ficou a consciência pesada pelo que isso implicou - a miséria, o desemprego, o crime e a violência na vida dos mais desfavorecidos. A prosperidade económica do Império foi sem dúvida e sobretudo mérito da classe trabalhadora que a construiu com as suas lágrimas e suor, passando fome e miséria.

Na viragem do século, o mito do progresso, cultivado durante muito tempo, levou um forte abalo. A crença do Império e na sua constante evolução e progresso, faz com que o mesmo se recusasse a aceitar a realidade do final do século XIX. No entanto, as últimas décadas foram marcadas pelo auge da crise, quando se estabeleceram o desemprego e a miséria, gerando crime e violência. As palavras de Mumford comprovam o cenário pessimista que se estabeleceu nos finais do século XIX:

“Considering this new urban area on its lowest physical terms without reference to its social facilities or its culture, it is plain that never before in recorded history had such vast masses of people lived in such a savagery deteriorated environment, ugly in form, debased in content.” (474)

O aspeto mais relevante sobre as classes sociais (alta e baixa, ricos e pobres, aristocracia e proletariado) era que, apesar de viverem geograficamente próximas, coexistiam em ignorância absoluta uma das outras. Alguns filantropos interessados no novo fenómeno do proletariado – inexistente antes do século XIX – começam a estudar a vida da classe trabalhadora, visitando os bairros industriais, movidos tanto pelo interesse como por um sentimento de culpa que os levava a perceber a situação e a tentar ajudar. Escritores e estudiosos como Henry Mayhew e Charles James Booth são conhecidos por fazerem estudos sobre a classe trabalhadora do século XIX, o que permitiu alargar o conhecimento sobre a vida do proletariado.

Henry Mayhew era um famoso jornalista britânico do século XIX e um dos fundadores e editores da revista satírica *Punch*. Outro trabalho conhecido dele foi o estudo social em 4 volumes *London Labour and the London Poor* (1851-1862), no qual o autor descreve tudo o que observou, documentou e entrevistou sobre a vida da classe trabalhadora na Londres vitoriana. Por sua vez, umas décadas mais tarde, Charles James Booth, que também se preocupava com os problemas sociais como a pobreza e o

desemprego, publicou o estudo *Life and Labour of The People of London* (1903) em 17 volumes. Este trabalho dedicava-se a três temas principais, a pobreza, a indústria e a influência da religião na sociedade, e continha os mapas da cidade de Londres, com as ruas coloridas de maneira a demonstrar onde viviam os pobres e os ricos. Ambos os autores, através da aplicação do modelo científico à sociedade, fizeram a classificação e a categorização detalhadas da informação recolhida. Esse modelo de Ciência Positivista era muito popular na época, agora aplicado ao que viremos a chamar as ciências sociais.

1.1.3 Uma nação dividida

Um dos aspetos mais problemáticos do século XIX era a divisão da nação em duas classes sociais opostas e o grande fosso criado entre ricos e pobres, ou seja, a polarização da sociedade. Para Engels, a classe média dos pequenos artesãos, que mediava entre ricos e pobres, deixou praticamente de existir: “[t]here exist here only a rich and a poor class, for the lower middle-class vanishes more completely with every passing day.” (Engels 43). Esse fenómeno pode ser explicado por uma concentração de poder nas mãos dos gigantes comerciais da altura, não tendo a pequena burguesia hipóteses de sobreviver sob tal pressão.

O proletariado ficou de igual modo completamente dependente do poder de proprietários fabris, a sua única fonte de rendimento. Nas grandes cidades, com a imensa concorrência no mercado de emprego, as pessoas viviam o dia a dia sem qualquer segurança e certeza no futuro. As condições instáveis e a falta de emprego levavam a classe trabalhadora a instalar-se em bairros desfavorecidos. No seu trabalho *Londres - West End e East End: Duas visões da Cidade* (2012) Clara Matos aponta para a divisão entre as duas classes sociais, e a ignorância da classe privilegiada relativamente à miséria da classe trabalhadora: “E ali mesmo ao lado, o West End continuava a albergar uma população privilegiada e monetariamente despreocupada.” (21). Separadas geograficamente na cidade, as “duas nações”³ evitavam qualquer cruzamento e faziam de conta que a outra não existia, o que é comprovado pelas palavras de Engels: “Everywhere barbarous indifference, hard egotism on one hand, and nameless misery on the other, everywhere social warfare.” (44).

Matos também chama atenção para o problema não só dentro da cidade de Londres, como na sociedade em geral: “O East End funcionava como uma sinédoque de um todo – ou seja, traduzia em si a problemática social presente em Londres, e por extensão numa sociedade e numa civilização.” (67).

³ Disraeli, Benjamin. *Sybil, or the Two Nations*. 1845. <https://www.gutenberg.org/files/3760/3760-h/3760-h.htm>
A expressão “two nations” é usada no livro para designar as duas classes sociais: ricos e pobres.

Polarização e estratificação sociais fizeram com que a classe alta ignorasse completamente a existência e os problemas da classe trabalhadora. A palavra polarização descreve perfeitamente a situação onde dois polos nunca se cruzam e existem separados e aponta para o contraste entre esses dois “polos” sociais, inatingíveis e incompreensíveis um para outro.

Podemos ver o distanciamento da classe alta em relação à população desfavorecida nas palavras de Matos: “A presença da analogia entre os pobres de East End e as tribos de África aparece com maior frequência num período (1880-1900) posterior a uma época de crise económica que assolou a Europa ocidental, a Inglaterra inclusive.” (21) e evocar o paralelo com a problemática colonizador vs. Outro, tão familiar para o pensamento imperial da época. Esse fenómeno de construção de alteridade, não só relativamente ao Outro estrangeiro, mas dentro da própria nação, vai ser retomado na análise das obras.

1.1.4 Os sintomas de crise

“But to contemporaries who saw one revolutionary change follow another in rapid succession, who saw industry drawing each year a larger section of the life of the nation into its grip, the change seemed portentous. And it was portentous, if a portent is the foreshadowing of notable and terrible things to come.” (Clark s.p.)

Neste passo, G. Kitson Clark chama a nossa atenção para a aproximação da crise na sociedade em geral e no indivíduo em si mesmo. O otimismo vitoriano, sob a pressão da industrialização e das alterações económicas, sofre um forte abalo. As dificuldades agora não são só de carácter financeiro e social, mas também de carácter pessoal e interior: “O impacto urbanístico e industrial influencia negativamente os seus habitantes [...]” (Matos 23) e afeta não só a classe baixa, como também a parte privilegiada do país. E se o proletariado procura meios de sobrevivência, a parte monetariamente despreocupada questiona o poder e o futuro do Império, estando também preocupada com questões existenciais. Está pendente uma pergunta: como é que num Império tão poderoso podem ocorrer problemas tão graves a todos os níveis: político, cultural e económico-social?

Como refere Matos, a “perturbação social depois da crise económica” (20) provoca vários sentimentos de carácter pessimista. A crença no poder empírico está cada vez mais fraca, e a noção do passado estável e seguro dá lugar a um futuro com muitas dúvidas e hesitações. A sensação de que não existe uma solução para melhorar o futuro acompanha a transição para o século XX. A urbanização e a indústria, por sua vez, criam espaços com cenários grotescos.

Como argumenta Mumford, o problema consiste não só nos espaços físicos, como no próprio indivíduo. Um cidadão vitoriano, seja rico ou pobre, encontra-se perante grandes questões existenciais, estando todas as crenças e noções orientadoras a serem destruídas. Os pilares da ciência e religião também estão

abalados e sofrem uma crise, quando a crença, a razão e a lógica deixam de fazer sentido. Todos esses aspetos causam desorientação e insegurança num indivíduo perdido na selva urbana. Tudo o que era estável, permanente e sólido entra em degradação e o fenómeno do tédio existencial envolve o cidadão vitoriano. Acontece uma rutura com o passado, que se entendia como seguro e estável, e abre-se a porta a uma nova era cheia de dúvidas. O racional e a lógica, que anteriormente guiavam e seguravam as pessoas, dão lugar a um futuro indefinido e instável, para o qual eles olham com ceticismo e receio.

Mudanças desta dimensão causam uma crise psicológica e um desgaste emocional no interior do indivíduo, que na viragem do século descobre que o seu Eu não é tão simples e previsível como prometia a Ciência Positivista, a razão e a lógica. Afinal, esse Eu tem várias camadas que o indivíduo desconhece, e ao descobrir isso, o indivíduo compreende que depois de todos os abalos sociais sofridos, o Eu está fraturado e fragmentado. O cenário social pessimista assombra as descobertas no interior do Eu, ou seja, no inconsciente do indivíduo.

A velocidade das mudanças ocorridas no século XIX e o contraste entre o passado tão seguro e o presente problemático levaram o indivíduo à crise existencial e ao receio perante a transição para o futuro, muito pessimista e cheio de dúvidas e hesitações.

1.2 O Contexto intelectual: figuras e teorias

Depois de tratar do contexto histórico-social da era vitoriana, vai ser muito útil para a nossa futura análise das obras uma breve descrição de figuras importantes da época e das suas teorias e contribuições para a ciência. As noções da Ciência Positivista, da (pseudo) ciência da Frenologia e as teorias e descobertas de Charles Darwin, William James e Sigmund Freud, analisadas mais de perto, permitirão compreender melhor as noções de indivíduo do século vitoriano. Também analisaremos os pressupostos e as causas da crise existencial em que se encontrava o mesmo na viragem do século.

1.2.1 A Ciência Positivista e o caso da Frenologia

Tudo o que não pode ser observado, verificado, medido e ordenado pela ciência ou matemática, não existe ou não tem sentido. Esta é a principal ideia do filósofo francês Auguste Comte (1798-1857) que criou e fundamentou a Filosofia Positivista, e mais concretamente “formulated a form of empiricism, which he called Positivism or the Positive Philosophy” (Landow e Everett §1), muito popular na época vitoriana. A função desta filosofia consistia em categorizar e classificar, o que facilitava a resolução de problemas: “Comte and other early social scientists assumed that human behavior must obey laws just as strict as Newton's laws of motion, and that if we could discover them, we could eliminate moral evils” (Landow e Everett §5). Isto é, a ideia do Positivismo consiste em que o comportamento humano podia

ser controlado simplesmente por leis, ou seja, a mente humana era fixa, previsível e imutável. As emoções e os impulsos deviam ser reprimidos a favor da lógica e da razão. Na obra de Charles Dickens *Hard Times* (1854), a personagem de Thomas Gradgrind representa um exemplo de um adepto da Ciência Positivista, e a sua aplicação prática. É um homem prático, racional, que acredita somente em factos e assim ensina os seus filhos e alunos, com consequências desastrosas.

A teoria Positivista não reconhece as doutrinas religiosas por não terem uma explicação lógica e pregarem algo que não pode ser comprovado. Aliás, tudo o que vem do místico e fantástico, não tendo explicação lógica, é descreditado pela Ciência Positivista. Em finais do século XIX, juntamente com a ciência, a razão e a lógica, a Filosofia Positivista entra em declínio. A crise da ciência e razão cede à crise do indivíduo, tal como a religião sofre um abalo enorme sob as investidas da ciência. Várias décadas antes do nascimento da Psicologia como a ciência da mente, vamos lembrar o que chamavam no século XIX ao seu antecessor: “The only true science of the mind” (Wyhe §1) – a Frenologia.

A Frenologia, como entendemos hoje, é uma pseudociência, que foi desenvolvida no início do século XIX pelo alemão Franz Joseph Gall e mais tarde praticada por Johann Spurzheim (1776-1832), Andrew Combe (1797-1847), Cesare Lombroso (1835-1909) e Bernard Hollamber (1864-1934), entre outros. A sua teoria pressupunha que através da análise do crânio humano era possível determinar as características pessoais e intelectuais do indivíduo. Para esse efeito, o crânio foi separado em múltiplas divisões, cada uma das quais correspondia a uma característica específica, como por exemplo a memória, a raiva, a crueldade ou a bondade. Especialistas em Frenologia eram procurados para consulta sobre questões pessoais e profissionais, como casamento, negócios, emprego e outros. A Frenologia fazia parte da Ciência Positivista, uma vez que também acreditava que a mente humana era possível de ser medida e quantificada. Um aspeto relevante desta pseudociência foi o discurso empírico e racista aproveitado mais tarde, no século XX, pela ideologia nazi, para acentuar a superioridade ariana.

Hoje, a Frenologia está completamente descreditada, porque não foram confirmadas as evidências ou provas científicas da sua utilidade e credibilidade. Na literatura, a Frenologia foi mencionada por vários autores como Charlotte Brontë, Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle, Joseph Conrad e outros, revelando a sua importância no contexto cultural da época e a crença no poder explicativo da mente.

1.2.2 Charles Darwin/William James/Sigmund Freud

Tendo estudado autores como o geólogo Charles Lyell (*Principles of Geology*) e Thomas Malthus (“Essay on the Principle of Population”), Charles Darwin interroga-se sobre a origem e a evolução do homem. Todas essas questões geram muita controvérsia entre as novas teorias científicas e os dogmas religiosos, o que o incentiva a fazer o seu próprio estudo. Em resultado, em 1859, sai à estampa o seu livro *A origem das espécies*, onde figuram as teorias revolucionárias da origem, da evolução e da seleção

natural das espécies. As teorias apresentadas por Darwin são absolutamente opostas às doutrinas religiosas e, como é óbvio, geram controvérsias. Enquanto a Bíblia nos diz que o homem e tudo que há na terra foi criado em sete dias, Darwin, baseando-se nos seus estudos e nos de Lyell e Malthus, declara que a história da criação da terra e a evolução dos organismos foi um processo gradual e muito mais demorado.

Uns anos mais tarde Darwin escreve outro livro, *The Descent of Man* (1871), onde inclui o homem na sua teoria da evolução. Independentemente de serem polémicas e criticadas, as obras influenciaram e mudaram o pensamento científico sobre as questões da idade da Terra, da origem da espécie humana e outras. Quanto à origem da espécie humana e à sua descendência dos animais, Darwin argumenta de seguinte modo:

“Thus, we can understand how it has come to pass that man and all other vertebrate animals have been constructed on the same general model, why they pass through the same early stages of development, and why they retain certain rudiments in common. Consequently, we ought frankly to admit their community of descent: to take any other view, is to admit that our own structure, and that of all the animals around us, is a mere snare laid to entrap our judgment.” (25)⁴

Apesar do choque com que a Inglaterra vitoriana reagiu à teoria darwiniana, em relação à descendência do homem a partir dos primatas, de acordo com Burdett: “The theory of evolution affected not just scientific debate but was soon part of the Victorian imagination, shaping the plots, images and metaphors of its literature and culture” (Burdett §9). A sociedade acabou por aceitar esta teoria inovadora, o que aconteceu em grande parte graças a uma “crisis of faith for many in the 1860s” (Luckhurst §2) que diminuiu o poder dos dogmas religiosos e da igreja, e, ao mesmo tempo, deu lugar à ciência e às teorias científicas, como a de Darwin.

De acordo com Patrick Brantlinger, a teoria da evolução das espécies, segundo a qual sobrevive e evolui o mais forte e o mais adaptado ao meio ambiente, pode ser aplicada igualmente a uma nação inteira: “empires result from the struggle for survival of the fittest among nations and races. The British nation and Anglo-Saxon race, he contends, are the fittest to survive.” (228). Na época vitoriana, esta opinião servia perfeitamente para comprovar a superioridade britânica e todo o pensamento imperialista da época, incluindo o de Darwin, podia encontrar vantagens na teoria da evolução. É importante acentuar que o cientista acreditava que a evolução do homem é contínua, progressiva e positiva (lembramos a

⁴ Darwin, Charles. *The Descent of Man and Selection of Sex*. 1874. New York: D. Appleton and Company, 1889. http://darwin-online.org.uk/converted/pdf/1889_Descent_F969.pdf . Último acesso 22 de Novembro se 2019

Ciência Positivista), ou seja, o homem nunca regride, somente evolui, o que sem dúvida fortificava a crença dos imperialistas na sua superioridade e elevava a autoestima do indivíduo vitoriano.

A industrialização transformou a cidade num monstro que devorava aqueles que não conseguiam sobreviver nessa selva urbana. No seu livro *The Principles of Biology* (1864), Herbert Spencer introduz a expressão “survival of the fittest” (536) que se aplica à ideia de que só o mais forte se adapta às condições do espaço e tempo. Aplicando esta expressão de Spencer e o conceito de “Darwinismo social” ao conceito biológico de luta pela sobrevivência na comunidade humana, em concreto à competição socioeconómica, o governo segue a ideia de “‘laissez-faire’ (or ‘leave alone’) position.”⁵ (Burdett §2) e não se preocupa com os problemas dos desfavorecidos, deixando-os lutar pela sobrevivência. De acordo com Burdett, o conceito de “Darwinismo social” começa a ser popular nos finais dos anos 70 do século XIX, e é usado para justificar a ignorância do governo face aos problemas sociais, como a pobreza e o desemprego. Neste caso, a seleção natural é aplicada à classe baixa, que automaticamente é culpada pela sua pobreza e pela falta de condições para uma vida digna.

A miséria e o desespero empurravam as pessoas para o crime, o roubo, a violência e a prostituição, criando um espaço bárbaro na cidade. É difícil julgar pessoas cujas condições eram de tal modo opressivas que não deixavam nenhuma margem de manobra para mudar a situação.

Com o tempo, essa teoria da evolução linear e progressiva vai ser desmistificada com o aparecimento de um dos sintomas da crise da viragem do século, o atavismo. De acordo com Theresa Jamieson, o conceito de atavismo significa o processo exatamente inverso de evolução: “Atavism is usually regarded as measure of evolutionary regression.” (73). Por sua vez, Buzzwel chama a nossa atenção para a ideia de que a evolução nem sempre é uma linha contínua, nem é previsível: “Evolution is a mechanistic process with no guiding hand or ultimate goal and therefore [...] in certain circumstances degeneration into less-complex forms was just as likely as progress into more complex ones.” (§2).

Pouco tempo depois de Darwin escrever *The Descent of Man*, surge uma perspetiva diferente, em concreto quando a evolução dá lugar a um processo inverso e a ideia de que podemos deixar o primitivo para trás de uma vez por todas (segundo Darwin) é posta em causa: “The toneless glare of optimistic evolution would then be softened by a shadow.” (Wells 246). No seu ensaio “Zoological Regression” (1891), H.G. Wells compara a espécie humana aos microorganismos que sofreram uma espécie de regressão evolutiva. No ensaio ele refere que “[t]he enormous importance of degeneration as a plastic process in nature has been suspected and its entire parity with evolution recognized” (246). Por outras

⁵ De acordo com Carolyn Burdett, no seu trabalho “Post Darwin: Social Darwinism, Degener Eugenics” (2014), a expressão “‘laissez-faire’ (or ‘leave alone’) position” significa que o indivíduo é responsável pelo seu destino e a competição pela sobrevivência na sociedade é o melhor motor de progresso e da evolução da mesma.

palavras, a evolução, em vez de ser um processo contínuo e linear, é apresentado como um processo cíclico, não havendo provas ou garantias científicas de que as espécies estão em constante crescimento e evolução. Ninguém poderá prever como será o movimento, evolutivo ou regressivo. Nas palavras de Wells, o homem de um momento para outro pode voltar aos primórdios da sua evolução:

“Nature is, in unsuspected obscurity, equipping some now humble creature with wider possibilities of appetite, endurance, or destruction to rise in the fullness of time and sweep homo away into the darkness from which his universe arose.” (253)

No seu livro *The Time Machine* (1891) Wells aplica aos humanos a sua ideia da regressão evolutiva, mais concretamente à classe trabalhadora, que entra em declínio civilizacional e passa a viver por baixo da terra como os bárbaros primitivos. Claro que, embora as personagens de Wells sejam imaginárias, é notória a semelhança com a classe trabalhadora da era vitoriana, que passou por um processo semelhante à situação da criação de um espaço bárbaro na cidade e de um processo de atavismo, conhecido também como “going back in time” (White 179).

Agora a ideia de um processo evolutivo positivo, da qual Darwin era defensor, passa para o seu oposto, o processo regressivo. A noção da possibilidade de regressão, de otimismo para pessimismo, começa a estar presente. Com a ideia de Wells, e como se verá adiante, antecipamos mais uma teoria, igualmente ou mais revolucionária do que a darwiniana, a teoria Freudiana sobre o inconsciente da mente humana. Antes de prosseguir para as teorias de Sigmund Freud, vamos lembrar o seu antecessor na área de psicologia, William James.

O famoso “father of psychology”, William James, na sua obra *The Principles of Psychology* (1890), ainda antes de Sigmund Freud, descreve vários casos sobre “mutations of the self” quando num mesmo indivíduo existem, ou podem existir, vários Eus, desconhecidos do Eu principal (445). Com isto, James defende a possibilidade de o consciente coexistir com o inconsciente num mesmo indivíduo, pondo em causa a ideia de um Eu tradicional, uno e racional.

Outro aspeto que James trata na sua obra, e que é muito relevante para a análise das nossas obras, é a importância da roupa para a identidade do sujeito: “The body is the innermost part of the material Self in each of us; and certain parts of the body seem more intimately ours than the rest. The clothes come next.” (361). De acordo com James, o Eu é constituído por vários elementos, mais precisamente alma, corpo, roupa, família e casa. Vimos que a roupa ocupa um lugar bastante importante nesta hierarquia, à frente de valores tão importantes como a família, sendo um dos constituintes essenciais na definição do Eu: “A man's Self is the sum total of all that he can call his, not only his body and his psychic powers, but his clothes and his house[...].” (360). William James acentua a importância dos elementos exteriores, sociais e materiais, para a definição do Eu interior. Ou seja, o Eu não é só o seu interior, também se define por elementos como casa, roupa, família, posição na sociedade, etc. Seguindo a teoria de James,

vamos tratar a roupa como um símbolo importante para a constituição identitária do sujeito na sociedade e para as personagens das nossas obras: Tonga, Holmes, Kurtz e outras.

A mente humana é um campo extremamente complexo e continua até aos nossos dias a ser um mistério a descobrir; por isso, um requisito essencial para estudar as obras neste trabalho é a compreensão do modelo da mente tal como Sigmund Freud a entende. Como explica Freud este novo modelo no seu trabalho *An Outline of Psychoanalysis* (1940)? Em primeiro lugar divide-o em dois tipos: o topográfico e o estrutural. O modelo da mente topográfico (do grego *topos* e *-graphia*), pode ser comparado com um iceberg, que consiste em várias camadas. O modelo estrutural representa três tipos do inconsciente que funcionam em intercomunicação.

O modelo topográfico é dividido em consciente (do que nós temos noção instintivamente), pré-consciente (o que do inconsciente se transforma em consciente sem qualquer esforço específico) e inconsciente (o que é escondido e difícil de extrair). Quanto ao estrutural, este é constituído por Id, Ego e Superego, que merecem uma explicação mais profunda, pois vão ser tratadas nas obras analisadas a seguir.

Começando pelo mais complicado e problemático – o Id –, podemos dizer que é o representante da parte inconsciente da mente humana e é dirigido por impulsos, instintos incontroláveis e vontade de obter a satisfação dos desejos. A excitação do Id tem em si muita energia, embora, por ser caótica e irracional, não pode ser controlada e devidamente usada. No seu trabalho, *The Ego and the Id* (1923), Freud chama ao Id “non-moral” (30) e refere que “[t]he id knows no values, no good and evil, no morality.” (3). O psicólogo divide os instintos em vários tipos: Eros – onde dominam os instintos sexuais – e “self-preserved”, e o instinto de morte, também chamado de autodestruição.

A seguir vem o Superego, que Freud refere como “severe” e “super-moral”, afirmando que ele “holds up certain norms of behavior” (5). O Superego exige do Ego o cumprimento das normas e valores morais e pode punir o Ego se assim não for, provocando um sentimento de culpa. Nesta situação, o Ego é obrigado a reprimir o Id, que por sua vez reage com revolta. Quando mais reprimido o Id, mais forte será a sua revolta.

O terceiro e último é o Ego, certamente o aliado da razão e da lógica que o mundo exterior ensina e funciona como mediador entre os extremos Id e Superego. A sua função também consiste em proteger o Id dos instintos de autodestruição. Freud refere que o Ego se encontra numa posição complicada entre outros dois e tem que encontrar o equilíbrio entre ambos e fazer com que funcionem em sintonia: “Goaded on by the id, hemmed in by the super-ego, and rebuffed by reality, the ego struggles to cope with its economic task of reducing the forces and influences which work in it and upon it to some kind of harmony [...]” (Freud 5).

A literatura da viragem do século XIX retrata a reação do Id reprimido de um indivíduo que vive na sociedade britânica, cheia de restrições religiosas e morais, e também mostra as consequências deste processo. A civilização molda o indivíduo, criando todo o tipo de regras e restrições, embora isto não garanta que o Id ira obedecer. Muitas vezes acontece o contrário, quando o Id, sob pressão, se revolta e segue os instintos de morte e de destruição.

A ignorância e a cegueira da sociedade vitoriana relativamente ao lado inconsciente do indivíduo são notórias pelo facto de o primitivo ter sido desvalorizado durante séculos. Na sua obra *The Psychopathology of Quotidian Life* (1901), face à afirmação de outrém que “Nothing human is foreign to me” (10) Freud responde: “You should go further and acknowledge that nothing animal is foreign to you”, e de imediato arrepende-se, porque “The young wife of the friend whom I had reminded of the animality of the unconscious was also among those present, and I was perforce reminded that she was not at all prepared for the reception of such unsympathetic views.” (10). Como vimos, no início do século XX evitava-se aceitar o primitivo no interior do indivíduo. As teorias Freudianas sobre a parte inconsciente do indivíduo abalam a estabilidade vitoriana (já em crise) e comprovam que o primitivo existe dentro de cada de nós.

Todas as crenças da era vitoriana, como o pensamento positivista e a confiança absoluta na ciência, entram em crise, e todas as tentativas da sociedade civilizada para controlar o comportamento do indivíduo não garantem que o homem um dia não volte ao seu estado primitivo. A ciência que deveria ter resposta para todas as questões, afinal tem limites, especificamente perante questões sobre a mente humana, e a ideia do homem como uma entidade lógica e consciente, afinal também é uma inconstante, e a mente um mistério.

1.3 O contexto literário do final do século XIX e a literatura da viragem do século

“On the one hand industrialization has created mechanical facilities for cheap, quick carriage of persons, goods and news on the other, a newly literate but poorly educated urban population is easy prey for sensational journalists and warmongering financiers.”
(Brantlinger 237)

O cenário da época vitoriana, em que surge a segunda vaga da literatura gótica, está a sofrer alterações bruscas: a revolução industrial transforma radicalmente um país, do agrário para a modernidade, um mundo de base tecnológica e novidades científicas. A dificuldade de acompanhar os passos largos do progresso fazem com que o indivíduo entre em crise existencial, quando os valores morais, religiosos e sociais já não funcionam de modo a estabelecer ordem e paz. A famosa frase de Thomas Harold: “We have been living the lifes of 300 years in 30”, descreve perfeitamente a situação do contexto sócio-económico e pessoal da época, quando a velocidade súbita do progresso não é acompanhada nem psicológica, nem fisicamente, e a própria visão do mundo tem de ser completamente alterada.

A situação na literatura inglesa deste período também começa a sofrer alterações. De acordo com Pam Morris, o Realismo (praticado pelos escritores da época) associa-se a “[t]he secular and rational forms of knowledge that constitute the tradition of the Enlightenment.” (9) que tem por base “an empirical view of knowledge “(9), ou seja, prevalece a razão, a lógica e valores como a verdade. Quando tudo o que era claro, quantificável e mensurável se torna escuro e inexplicável, o Realismo já não consegue explicar através da razão e da lógica a crise que o indivíduo começa a viver nos finais do século XIX, e este começa a entrar em declínio.

Mais tarde, na época do Modernismo e do Pós-Modernismo, o Realismo foi criticado por falta de impressões pessoais e “essence of personality” (Morris 16), ou seja, a verdade sobre o indivíduo e o seu Eu interior não foi desenvolvida nas obras realistas. Especificamente, o Realismo é agora acusado de praticar “a form of dishonesty, veiling its status as act to suggest it is simply a copy or reflection of life.” (Morris 97), com abundância de detalhes materiais e pormenores superficiais. Por outro lado, os modernistas, segundo Morris, ao contrário do paradigma realista, que já não responde às solicitações de um mundo que se aproxima da Modernidade, concentram-se mais na complexidade, profundidade e multiplicidade da realidade do indivíduo, ou seja, tentam ir ao interior deste e descobrir as raízes da crise existencial do mesmo.

Claro que a crença no progresso da humanidade e as ideias otimistas do Iluminismo, que se alimentavam do “power of rational knowledge and moral judgement” (Morris 27) diferem das do início do século XX, mais problemático e pessimista. A prosperidade do Império no século XIX consolidou o sentimento de superioridade em relação ao resto de mundo e a crença na identidade nacional. Não podemos esquecer que a literatura, tal como a arte, caminha de mãos dadas com o contexto histórico-social e acaba por o refletir. Este facto torna impossível para o Realismo o tratamento de assuntos tão profundos e densos como o inconsciente do indivíduo ou a crise existencial, quando esses termos nem sequer existiam. O contexto social que se estabeleceu no cruzamento do Realismo em declínio, o reaparecimento do Gótico (agora em contexto urbano) e o Pré-Modernismo é bem descrito:

“The rapid and numerous changes in the external structure of modern civilization have been accompanied by grave unsettlement of the inner life; a breaking up of time-honored dogmas, a collapse of principles in politics, religion and morality have sensibly reduced the power of resistance to strong passionate suggestions in the individuals of all classes.” (Brantlinger 236-7)

De acordo com David Stevens, o termo "Gótico" foi primeiro aplicado às tribos germânicas do século IX, os Goths. A designação só voltou a aparecer na arquitetura medieval e na literatura em finais do século XVIII, na primeira fase do romance gótico. Durante a instabilidade política na sociedade do final do século XIX, o Gótico regressa para representar a tradição, a hierarquia e a aristocracia, em contraste com as mudanças da Modernidade e os perigos que a democracia e o início da industrialização vieram

trazer. Em tempos de mudanças e insegurança, as pessoas vivem a instabilidade espiritual e procuram refúgio em algo como a arte e a literatura, o que comprova as palavras de Stevens: “Political and social uncertainties were rife during the time of the gothic revival, and the period was also characterized by immense spiritual uncertainty.” (18).

O Gótico na literatura inglesa aparece pela primeira vez nos finais do século XVIII. As maiores influências do Gótico estão representadas na arquitetura medieval, um modo de expressão do Gótico muito mais caro do que a literatura, e, portanto, só acessível à aristocracia. Os edifícios de arquitetura gótica vão ter um papel importante na literatura gótica da primeira vaga, especialmente porque materializam os cenários românticos e contrastam perfeitamente com os cenários urbanos. David Stevens, em *The Gothic Tradition* (2000), também menciona o fascínio pelas ruínas e antiguidades, que criam a sensação de nostalgia do passado idealizado em contraste com a realidade do presente.

Outra característica importante foi o estatuto desse género literário, como refere Stevens: “Gothic novel is a low-status art form in the eyes of the critical establishment.” (23). E sem dúvida, nos finais do século XVIII, o romance gótico não ocupava um lugar prestigiado na literatura inglesa, sendo considerado leitura de um nível inferior relativamente a outros géneros como o romance realista e destinado ao público feminino, considerado incapaz de ler qualquer tipo de literatura exceto romances sentimentais. As histórias sobre donzelas e cavaleiros eram criticadas e ironizadas na literatura. Por exemplo, no romance de Jane Austen, *Northanger Abbey* (1817), encontra-se a crítica da autora ao romance gótico e a crença absoluta por parte dos leitores da época na verosimilhança como conceito central ao romance. Austen ironiza a maneira como as leitoras do Gótico aplicam as histórias fictícias à vida real. Logo no início do romance, vemos o sarcasmo – “No one who had ever seen Catherine Morland in her infancy would have supposed her born to be an heroine” (Austen 1) – quando a personagem principal feminina é o oposto de uma heroína do romance gótico, como por exemplo, as heroínas dos romances de Ann Radcliffe em *The Mysteries of Udolfo* (1794) ou *The Italian* (1797), Elena e Emily, belas, perfeitas e um pouco misteriosas.

O romance gótico divide-se em duas épocas: a primeira situa-se nos finais do século XVIII e é representada por autores como Ann Radcliffe (*The Mysteries of Udolfo*), Horace Walpole (*The Castle of Otranto*, 1764), Matthew Gregory Lewis (*The Monk*, 1796) e Clara Reeve (*The Old English Baron*, 1778); e a segunda fase é representada nos finais do século XIX por Robert Louis Stevenson (*Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1886), Oscar Wilde (*The Picture of Dorian Grey*, 1891), Bram Stoker (*Dracula*, 1897), Arthur Machen (*The Great God Pan*, 1894), Wilkie Collins (*The Woman in White*, 1859) entre outros. Ambas as fases mantêm os cenários de mistério e terror, embora pertençam a épocas diferentes e se adaptem cada um à sua, adquirindo as respetivas características.

No que diz respeito à primeira fase da literatura gótica, para além das características principais como o terror e o mistério, convém salientar que as personagens principais são donzelas ou as jovens inocentes e puras, muito frágeis e desprotegidas, que precisam de ser salvas de um vilão por um herói-salvador.

O sobrenatural e o horror são também os elementos usados pelos autores do romance gótico. Como parte do inexplicável e fantasmagórico, o terror/horror estão interligados, embora isto não signifique que têm de estar sempre presentes no Gótico. Como indica Clive Bloom em *Gothic Horror* (1998): “Horror is the usual, but not necessarily the mean ingredient of gothic fiction.” (s.p.). No que toca à diferença entre os dois, Stevens refere que “terror expands the soul, and awakens the faculties to a high degree of life, whereas horror contacts, freezes and nearly alienates them” (53).

Podemos também dizer que esta segunda fase do Gótico, normalmente designada como 'Gótico vitoriano', também pode ser referida como 'urbano', para marcar a diferença entre a primeira fase do Gótico e a segunda fase, urbana e vitoriana. Como referimos acima, o espaço é um elemento importante para o romance gótico, e se na primeira fase a ação se passava nas abadias e mosteiros ingleses ou no sul da Europa, em lugares distintos e remotos, na segunda fase o cenário muda para o centro da cidade e pode, assim, ser referido como Gótico urbano. Quando tratamos do contexto histórico da segunda fase do Gótico, que reapareceu no final da época vitoriana em século XIX, podemos referi-lo com as duas designações.

O romance gótico, que depois da sua primeira vaga, foi marginalizado pelo Realismo, reaparece então no final do século XIX, como Gótico urbano/vitoriano e mostra a sua flexibilidade e plasticidade, adaptando-se às condições da época. Ou seja, dos espaços remotos nas abadias, castelos e mosteiros de Itália e Suíça, muda-se para a cidade, para o centro de civilização e do Império Britânico. Assim, o Gótico demonstra a sua capacidade de adaptação a diferentes tempos e espaços, refletindo o contexto histórico-social da viragem do século. De acordo com Stevens, os principais componentes do Gótico são: o sobrenatural, o inexplicável, o fantasmagórico (51), embora agora, como veremos, eles existam não só no centro de Império, como também no interior do indivíduo.

Outro traço significativo do Gótico urbano que difere do seu precedente, o Gótico do século XVIII, é o desfecho. Enquanto antes, ultrapassando todas as desgraças e desventuras, o final era completamente claro e fechado, com um desenlace feliz, agora no Gótico urbano tudo é muito mais confuso e dúbio. Como refere Brantlinger: “Apocalyptic themes and images are characteristic of imperial gothic, in which, despite the consciously pro-Empire values of many authors, the feeling emerges that we are upon whom the ends of the world are come” (230). O final pessimista, onde as forças do mal vencem as do bem, é agora aberto e muitas vezes trágico.

De acordo com Brantlinger, o Gótico urbano combina em si vários aspetos contraditórios, em concreto, ideologias progressivas e científicas com um interesse no oculto e no místico. (227). Muitos vitorianos,

levados por interesse (pseudo)científico e a procura de novas crenças e respostas, empolgaram-se com fenómenos paranormais tais como a telepatia e o ocultismo. Digamos que era procurada uma alternativa para a religião e a ciência que haviam perdido a sua influência na sociedade vitoriana. A literatura da viragem do século traz o místico, o oculto e o inexplicável, que fascinavam e envolviam o leitor com o seu mistério. Esta falta de resposta corresponde a um mundo em crise e em transição para um futuro incerto. As palavras de Brantlinger comprovam que a função da literatura da viragem do século era diferente da do Realismo vitoriano:

“The patterns of atavism and going native described by imperialist romancers do not offer salvationists answers for seekers after religious truth; they offer instead insistent images of decline and fall, or of civilization turning into its opposite.” (229)

Aqui o autor refere-se especificamente ao Gótico colonial, embora o mesmo se aplique, como veremos, ao Gótico urbano.

As obras do Gótico mostravam a preocupação com o destino da civilização em geral, tal como o destino do Império, que corria o risco de sofrer o que Brantlinger designa por: “The regressive movement of civilization, British progress transformed into British backsliding.” (229). Podemos referir alguns temas principais do Gótico sugeridos por Brantlinger: “Individual regression or going native; invasion of civilization by the forces of barbarism or demonism; and the diminution of opportunities for adventure and heroism in the modern world; supernatural, paranormal, symptomatic of individual regression.” (230). Todos os elementos referidos pelo autor fazem parte dos sintomas da crise da viragem do século. A ideia da regressão como um processo oposto à evolução é importante para a análise das nossas obras e vai ser estudada a seguir, tal como a ideia da barbárie dentro da civilização.

1.4 O primitivo vs. o civilizado

Para analisar o primitivo/bárbaro nas nossas obras, é importante perceber o conceito de primitivo e também o conceito de civilizado (como o seu estado oposto), tendo em conta que pela primeira vez os dois existem em interligação estreita no contexto da Inglaterra vitoriana. A crise da viragem do século põe em causa a civilização e interroga-se sobre o que significa, então, ser civilizado e ser primitivo. Vamos tentar perceber o conceito de primitivo, também chamado bárbaro ou “wild”, mantendo a ideia de que o primitivo e civilizado são conceitos completamente opostos. Segundo Hayden White:

“The notion of “wilderness” (or, in its Latinate form, “savagery”) belongs to a set of culturally self-authenticated devices which includes, among many others, the ideas of “madness” and “heresy” as well. These terms are used not merely to designate specific condition or state of being but also to confirm the value of their dialectical antithesis, “civilization”, “sanity”, and “orthodoxy” respectively.” (151)

A noção de “wilderness” ou “savagery” não só significa a loucura psicológica, como reflete a ausência dos valores morais e religiosos, leis e regras, ou seja, a ausência dos valores civilizacionais.

No seu artigo, “The Form of Wildness: Archaeology of an Idea” (1978), Hayden White analisa o conceito do “Wild Man”, ou seja, do primitivo ou bárbaro, e caracteriza-o do seguinte modo:

“We have almost completed our catalogue of the main components of the Wild Man myth as it comes down from the Bible into medieval thought. Cursedness, or wilderness, is identified with the wandering life of the hunter, the desert (habitat), linguistic confusion (barbarian’s principal attribute), sin and physical aberration in both color (blackness) and size.” (162).

Estas características descrevem um comportamento semelhante ao de um animal, que habita um lugar deserto, e sobrevive através da caça (ou seja, mata para se alimentar); não possui capacidades linguísticas, isto é, não fala nem tem uma língua; e tem traços físicos específicos. Todas estas características apresentadas por White constituem o oposto de um ser civilizado que vive em sociedade, cumprindo as suas leis e respeitando os valores morais veiculados por essa sociedade.

Para além de ser comparado a um animal, o primitivo pode ser comparado a uma criança, como refere Torgovnick: “Primitives are like children. Primitives are our untamed selves, our id forces – libidinous, irrational, violent, dangerous” (8). Esta comparação pode ser explicada pela liberdade que ainda não foi controlada pelas normas de sociedade e permite às crianças agir pelo instinto e os impulsos originais. Mais tarde, as crianças são moldadas através de diversas formas de controlo dos impulsos antissociais.

A liberdade do primitivo, que (como afirma Torgovnick: “Primitives are free.” [8]) também pode ser vista da perspectiva da liberdade das normas, leis e regras civilizacionais. O facto interessante é que em tempos de mudanças e revoluções, o primitivo era associado ao símbolo de oposição e rebelião contra a civilização/sistema. Mais uma vez o primitivo trabalha em função do contraste com o civilizado.

O conjunto destes traços lembram-nos as características do inconsciente na mente humana e do Id freudiano, onde não existe qualquer lei, somente a liberdade de desejos e instintos, e o primitivo está ligado à ideia do irracional, do incontrolável e daquilo que é dirigido por impulsos.

Todos os requisitos aqui apresentados colocam o primitivo em “the lowest cultural levels” (Torgovnick 8), mais em concreto no patamar mais baixo da hierarquia social, onde o homem branco (tido como civilizado) está no topo. A incapacidade de controlar e reprimir as suas emoções e impulsos (como algo proibido e animalesco) não permite o domínio da razão e da lógica, logo, não permite abandonar o estatuto do primitivo e bárbaro.

Paradoxalmente, de acordo com White, o primitivo era visto pelos vitorianos com uma “[m]ixture of fascination and loathing [...] as examples of what Western man might have been at one time and what

he might become once more if he failed to cultivate the virtues that had allowed him to escape from nature.” (178). E como vimos, está presente na época o fascínio pelo primitivo, como atração por algo exótico, e ao mesmo tempo sente-se o receio de sofrer um processo de atavismo, um processo oposto ao de evolução, que pode levar um sujeito aos seus primórdios.

1.4.1 Conclusão: a desespacialização do conceito de barbárie

Os vitorianos, adeptos do positivismo e do otimismo, encontram-se, no final do século XIX, perante uma crise civilizacional, que é acompanhada pela presença da barbárie no centro do Império. Mas como poderia isto ter acontecido, se o Outro sempre foi mantido o mais longe possível nas terras exóticas e longínquas, às quais pertencem e das quais não deveriam sair? Em concreto, isto pode ser explicado por um fenómeno de desespacialização, que sofreu um processo complexo de inversão. Vamos esquematizar e analisar este processo: a passagem do primitivo/Outro das terras longínquas para o centro da civilização e a seguir para o interior do indivíduo.

Na primeira fase, o primitivo/bárbaro (Outro) que foi espacializado para as terras longínquas, muda agora para o centro da cidade, isto é, do Império Britânico. Isto pode ser entendido de duas maneiras: acontece um processo físico, por exemplo, quando um colonizador vai às ilhas exóticas, contacta com o Outro dessas ilhas longínquas e o leva para Londres; ou quando na própria cidade é criado um espaço entendido como bárbaro (lembramos os bairros desfavorecidos), que, por sua vez, cria as condições nas quais um sujeito é obrigado a existir como bárbaro e primitivo. Lembramos a afirmação de Clara Matos no seu trabalho sobre Londres:

“É colonizador que não se reconhece num modo de vida que rejeita por ser inferior. Incapaz de reconhecer ou aceitar o Outro, teme-o e por isso marginaliza-o, estigmatiza-o, e assegura-se da sua superioridade mantendo-o do outro lado da linha.” (68)

Aqui se lê uma intenção clara de desespacialização do Outro na cidade (representado por pessoas de East End) por parte dos habitantes dos bairros mais abastados. A ideia de que o Outro está longe e logo invisível, dava-lhes a ilusão de que o Outro não existe, o que obviamente não era verdade. Mais complicada é a segunda fase de desespacialização.

O que acontece na segunda fase é a percepção de que o Outro não só existe nas ilhas exóticas ou no centro da cidade, como existe também em cada um de nós, e por isso não pode ser espacializado. Isto é, um ser que se pensava ser civilizado, na verdade é ao mesmo tempo também primitivo e bárbaro. Mais concretamente, os dois coexistem e interagem num mesmo indivíduo, como condição estrutural deste, como por exemplo nos modelos da mente (topográfico e estrutural) de Sigmund Freud. No modelo freudiano do inconsciente, o Id tem todos os traços do ser primitivo. Como já referimos, com estas

descobertas sobre a mente humana, especificamente da sua parte mais obscura, Freud abalou as últimas crenças de salvar o racional. Quando as tentativas de explicar tudo pela ciência e razão perdem o seu poder, o incompreensível torna-se assustador. Em vez de ficar claro, torna-se tudo mais dúbio.

Como veremos na obra de Robert Louis Stevenson, *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1886) e também em *Heart of Darkness* (1902) de Joseph Conrad, trata-se exatamente da interrogação do indivíduo sobre a interiorização do primitivo.

Hayden White explica o fenómeno de despacialização como uma forma de controlo e distanciamento do primitivo:

“The idea of the Wild man was progressively despatialized. This despatialization was attended by a compensatory process of psychic interiorization. And the result has been that modern cultural anthropology has conceptualized the idea of wildness as the repressed content of both and primitive humanity. So that instead of the relatively comforting thought that the Wild man may exist only out there and can be contained by some kind of physical action, it is now thought [...] that the Wild Man is lurking within every man, is clamoring for release within us all, and will be denied only at the cost of life itself’.” (153-154)

A ideia de que se poderia afastar o Outro é ilusória, e a descoberta ou a perceção da verdade sobre o primitivo como parte do indivíduo funcionou como mais um sintoma de crise existencial. Igualmente difícil de aceitar a perceção que o homem civilizado e até toda a civilização, em qualquer momento, poderiam sofrer o processo de atavismo, ou seja, voltar aos primórdios.

Com o surgimento de novas teorias do que significa ser humano (de Darwin, Freud, James e Wells), estabeleceu-se a ideia de que as pessoas eram predeterminadas biologicamente para o comportamento animal e podiam em qualquer momento, através do processo de atavismo, voltar a essas condições, bastando para tal uma mudança negativa das condições do meio ambiente. Como podemos ler na afirmação de Brantlinger: “Civilized on top with the old barbarian under our clothes.” (232), ou seja, o humano moderno e civilizado é feito de camadas, no fundo das quais permanece o primitivo imutável. A questão de desespacialização mostra a crise de valores, quando se descobria cada vez mais que todos os requisitos da civilização eram simplesmente as camadas superficiais, que com a primeira sacudidela caíam, voltando-se aos primórdios.

Capítulo 2: Robert Louis Stevenson *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*

2.1 Introdução

Nos finais do século XIX, a era dourada do século vitoriano sofre um abalo, especificamente após a percepção de que os dogmas científicos e religiosos não são seguros e imutáveis como se pensava. Novos tempos vieram quando a própria noção de Império começa a ser questionada e o Outro está a “invadir” a sociedade “perfeita” escrupulosamente construída durante vários séculos. O primitivo está agora no centro do Império, ocupando descaradamente o que foi preservado e considerado seguro, racional e lógico. No seu trabalho, “Telling them Apart: Conrad, Stevenson and the Social Double” (2009), Laurence Davies tenta compreender as origens da crise do *fin de siècle*:

“The horror comes from a sense of life’s blind energy in a universe bereft of religious certainty; in doubling, the missing certainty in social. This social uncertainty is deeply involved with uncertainties of identity, with a fracturing of social rules that leads to a fracturing of the sense of self – and vice-versa – the one encouraging the other.” (69)

Vimos que a descoberta da verdade sobre o primitivo, como dimensão estruturante do indivíduo, não é fácil de aceitar, tal como a percepção de que, com o surgimento da crise de valores, a civilização pode sofrer processos regressivos. Como argumenta Irving Saposnik, “Victorian man was haunted constantly by an inescapable sense of division.” (716), referindo-se a essa imensa dificuldade do indivíduo vitoriano em gerir num mesmo indivíduo estas duas partes opostas e contraditórias.

Apesar dos benefícios materiais - económicos e tecnológicos - o ritmo de transformação muito rápido fez com que as pessoas não conseguissem acompanhar uma mudança tão brusca, o que por sua vez contribuiu para a crise existencial, a descoberta do Eu interior e a constatação de que este Eu é perigoso e maligno.

Os sintomas da crise existencial do *fin de siècle*, como a descrença na ciência e no racionalismo e a crise existencial do indivíduo, estão retratados na segunda fase no romance gótico, mais exatamente no Gótico urbano. A obra de Robert Louis Stevenson, *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, foi escolhida como uma das mais relevantes para os nossos propósitos, por representar o cenário perfeito do Gótico urbano nos finais de século XIX, especificamente pela sua localização (na metrópole e capital), uma das mais importantes características do Gótico dessa segunda fase. Segundo Saposnik, “[i]t represents a classic touchstone of Victorian sensibility” (716), refletindo perfeitamente o ambiente da época. A história conta o percurso de Dr. Henry Jekyll, figura vitoriana típica, que, após as suas experiências científicas, sofre uma espécie de processo de atavismo, descobrindo também o que o seu inconsciente escondia.

Outra característica que surge na segunda vaga do Gótico é um final aberto, na maioria das vezes pessimista e trágico, deixando o leitor com as suas dúvidas sem explicação e talvez sem futuro. Mais uma vez, a obra de Stevenson também é, nesta medida, representativa.

Relevante é a presença na obra de uma personagem que vive todos os medos e ansiedades de uma figura vitoriana em crise existencial, que perde o seu Eu uno e racional, que sofre de incertezas e dúvidas impossíveis de serem explicadas pela ciência ou razão. Os pilares da ciência e da razão já não servem de suporte à condição das nossas personagens, e em vez de a explicar, criam um mistério difícil ou impossível de decifrar.

Outro ponto importante da obra de Stevenson é a presença de fenómenos como a hipocrisia. Em concreto, a convenção da sociedade de que a “civilização” protege o indivíduo do seu lado irracional e negativo e a noção de que a luta contra o mal/primitivo estava a ser ganha. A hipocrisia vitoriana verificava-se no facto de que esta convenção lhes permitia fechar os olhos à realidade, o que era notável quando a sociedade vitoriana se encontrava perante a dificuldade de gerir situações que fugiam da norma (como no caso com criminosos e loucos). Como solução, era escolhida a marginalização e a ignorância dos que punham em causa os princípios da racionalidade e da moralidade, ou seja, os que não encaixam numa sociedade civilizada construída por normas intelectuais e morais, rígidas e imutáveis. O mau, o irracional, o bárbaro e o primitivo eram apanágio do Outro, e nunca poderiam fazer parte do Eu. Mais exatamente, tentava-se pôr de lado tudo o que era negativo, escondido e obscuro. Segundo Saposnik, a ideia de Stevenson era a de que sua obra transmitisse “[t]he necessity for moral and social flexibility in a society which dictates rigidity.” (716), isto é, a tal flexibilidade, necessária para “abrir os olhos” e aceitar a existência de várias facetas do indivíduo.

2.2 Autor/Obra

Robert Louis Stevenson, nascido na Escócia numa família típica vitoriana, entrou no cânone da literatura britânica graças a obras como *Treasure Island* (1883), *Kidnapped* (1886), *Prince Otto* (1885), *The Black Arrow: A Tale of Two Roses* (1888), *The Master of Ballantrae* (1889), *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1886), e muitas outras. A família de Stevenson, vinda de uma classe de profissionais que conseguiu o seu sucesso e prosperidade graças ao seu talento e empenho, tinha um futuro planeado para o filho. Sendo “obrigado” a estudar direito, Stevenson acabou a universidade e entrou na advocacia. Contudo, a sua inadaptação à sociedade vitoriana faz com que ele rejeitasse a profissão escolhida pelo pai, se declare agnóstico e persiga o sonho de ser escritor, chocando os pais com a sua rebeldia. Conhecido pelo seu estilo boémio, excêntrico e descontraído, pelas suas viagens a terras exóticas, pela sua paixão por uma mulher americana casada e com filhos, Stevenson contrasta com um típico vitoriano,

revoltando-se contra o sistema de valores morais tradicionais da época - e as aspirações sociais da sua classe.

Em relação à literatura que Stevenson produzia, ao longo do tempo nota-se uma passagem da literatura infantil/de aventura no início de carreira para obras como o romance gótico (*Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*), o que pode ser visto como um sinal de evolução profissional, revelando também a sua preocupação com o ambiente de crise do *fin de siècle*. As palavras de Linda Dryden confirmam a hipótese da sua questionação dos valores vitorianos:

“The psychological preoccupations of Jekyll and Hyde [...] and the subversive message of his adventure fiction, including *Treasure Island*, indicate a writer struggling with competing impulses and problematizing the confident voice of late-nineteenth-century imperial ideology. Recognizing Stevenson’s vision as symptomatic of *fin de siècle* disillusionment and uncertainty challenges the traditional reception of his fiction as “light literature”, plunging us into the murkier sensibility of emergent modernism.” (6)

As múltiplas viagens a terras longínquas ofereceram a Stevenson o conhecimento sobre o exótico que ele, de acordo com Linda Dryden, usa nos seus trabalhos: “Yet Stevenson and Conrad shared an experience of the exotic and the tropical that resonates through their work.” (3). Tal era muito útil para atrair o leitor vitoriano, que vivia um sentimento contraditório entre o medo e o fascínio relativamente ao exótico, que tal como o bárbaro e o primitivo, suscitam ao mesmo tempo um sentimento de repugnância e de atração.

Curiosa também é a génese da obra que, segundo Stevenson, teve origem num sonho – “I was dreaming a fine bogey tale”⁶ – depois do qual fez o rascunho do romance em três dias. A ideia do sonho pode ser lida agora, passadas várias décadas, segundo as teorias de Sigmund Freud sobre o inconsciente humano: quando algo que nos interessa e preocupa, ou ocupa a nossa mente, inconscientemente se transmite através dos nossos sonhos.

A obra *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* deixou, sem dúvida, um legado significativo na história, tornando-se um clássico de literatura britânica e mundial que deu origem a inúmeras versões cinematográficas e interpretações teatrais. Relevante é o facto de a obra, mais concretamente, a sua personagem principal, ter dado origem a um termo em psiquiatria, chamado “Jekyll & Hyde”, característico de um comportamento extremamente contraditório de um indivíduo. Tal como outros

⁶ “Poetry Foundation Magazine”, <https://www.poetryfoundation.org/poets/robert-louis-stevenson>

romances seus contemporâneos, como *Dracula* ou *The Portrait of Dorian Grey*, a obra de Stevenson é tão relevante hoje como quando foi publicada.

É importante referir que a metodologia de análise das obras escolhidas para este trabalho poderá variar de obra para obra, extraindo deste modo os aspetos mais importantes de cada uma. Para analisar a obra de Robert Louis Stevenson, *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, maior atenção vai ser dada ao Espaço como o *locus classicus* para o contexto da época vitoriana e à Personagem, como o transmissor de metamorfoses do civilizado para o primitivo e vice-versa.

2.3 O Espaço

Em tempos de crise, de duplicidades e de tabus, o Gótico oferecia uma oportunidade de espreitar para o outro lado do espelho e vislumbrar o que está escondido. A capital inglesa, tal como os seus habitantes, tinha como característica relevante a duplicidade, (ex. East End e West End) e vivia uma vida dupla. Nas palavras de Saposnik, “Because its morality lies at the center of the Victorian world, no detail in the story is as vital as its location.” (716), confirmando a importância da cidade de Londres, entendida como o centro de Inglaterra Vitoriana: “Only London could serve as the locus classicus of Victorian behavior.” (716). Cidade e habitantes estão em perfeita sintonia: “London was much like its inhabitants, a macrocosm of the necessary fragmentation that Victorian man found inescapable.” (718).

Geográfica, económica e culturalmente, Londres, por ser o centro da Inglaterra vitoriana, é representativo do ambiente do país todo, graças à maior concentração de acontecimentos e pessoas. Walker, por sua vez, argumenta que a cidade como meio ambiente é muito relevante na construção do indivíduo: “What is certain is that Stevenson firmly locates the novel in the late nineteenth-century metropolis, and consequently deals with the impact of this environment and its institutions upon identity.” (69). Na obra, os espaços interiores com o seu ambiente aconchegado contrastam muitas vezes com o exterior desagradável. Como vamos ver ao longo da análise, tal como os espaços exteriores influenciam o sujeito, os espaços interiores, em sua vez, refletem-no e têm significados simbólicos.

A dicotomia entre exterior e interior, de acordo com Saposnik poderia ser transferida para a dicotomia dentro do indivíduo vitoriano, com o contraste e dualidade de Eu interior:

“While the structure of *Jekyll and Hyde* is predicated upon a contrast between exterior and interior the contrast is never allowed to remain static. The actions that occur in each represent an intriguing paradox: in the exterior, social ambles and foul crimes; in the interior, elegant drawing rooms and secreted laboratories.” (725)

Não podemos deste modo deixar de dar atenção aos lugares em que se desenrola a ação do romance, que são múltiplos, entre os quais a casa de Dr. Jekyll, a casa de Edward Hyde em Soho, a casa de Mr.

Utterson e a de Dr. Lanyon. O lugar mais importante e complexo para a nossa análise é a casa de Dr. Jekyll, por ser o núcleo central do enredo e por ter várias divisões: o salão principal, o gabinete, o laboratório, e a porta de trás pela qual entrava e saía Hyde.

Mas antes de tudo, vamos considerar o espaço exterior. O bairro onde está situada a casa de Dr. Jekyll já viveu melhores dias e foi um bairro respeitável e abastado. Contudo, foi-se transformando num bairro problemático, principalmente devido à chegada de outras classes menos respeitáveis. A casa de Dr. Jekyll parece ser a única que ainda resiste e mantém o antigo prestígio, contrastando com o ambiente geral de decadência.

Para começar, temos de referir que a porta principal pela qual entravam os visitantes e a parte de trás, pela qual entrava Hyde, estavam situadas em ruas paralelas e contrastam imensamente uma com outra. De acordo com Saposnik, a dicotomia entre estas duas partes do edifício é impressionante: “The central metaphor here is Jekyll's house, with its sinister rear entrance through which Hyde passes and its handsome front “which wore a great air of wealth and comfort” the two faces of Jekyll contained in one inseparable dwelling.” (726). É também de assinalar o facto de a obra não revelar de imediato que pertenciam ambas (casas) a Dr. Jekyll, ou seja, era um prédio ligado secretamente por dentro, tal como Hyde e Jekyll fazem parte de uma divisão de um só indivíduo, o que também só é descoberto depois.

Movendo-nos para espaços interiores, temos a casa de Mr. Utterson, que representa um lugar doméstico e seguro; muito tradicionalmente simboliza a ordem, a paz e o refúgio, que são, sem dúvida, atributos e símbolos de prestígio: “Mr. Utterson came home to his bachelor house in sombre spirits and sat down to dinner without relish. It was his custom of a Sunday, when this meal was over, to sit close by the fire, a volume of some dry divinity on his reading-desk, until the clock of the neighbouring church rang out the hour of twelve, when he would go soberly and gratefully to bed.” (Stevenson 10). Na mesma categoria se pode considerar a casa de Dr. Lanyon: “[Mr. Utterson] set forth in the direction of Cavendish Square, that citadel of medicine, where his friend, the great Dr. Lanyon.” (Stevenson 11); embora, o interior da casa não seja descrito, vimos que pertence a um bairro exclusivo, o que acentua o seu prestígio.

Num primeiro olhar, a casa de Dr. Jekyll é semelhante e representa um símbolo da respeitabilidade vitoriana, contudo, numa análise mais detalhada, vimos que apresenta mais características ao longo do romance, sofrendo metamorfoses e transformando-se no seu oposto, num lugar de ameaça e enigma.

O salão principal, inicialmente descrito “the pleasantest room in London.” (Stevenson 18), onde Dr. Jekyll recebia os seus amigos, com o andar da história parece sofrer uma transformação ao longo do romance, em simultâneo com o seu dono. Mr. Utterson nota estas mudanças nas suas visitas à casa de Dr. Jekyll, e nós, leitores, podemos reparar que em momentos de bom autocontrole por parte de Dr. Jekyll, o espaço é claro, acolhedor, seguro e agradável, tal como é referido na citação acima (Stevenson

18). Contudo, quando há a prevalência de Hyde na vida de Dr. Jekyll (ou até a sua presença em casa) o ambiente muda drasticamente e torna-se escuro, misterioso e desagradável.

O laboratório situado por trás da casa de Dr. Jekyll é o lugar de experiências científicas e das transformações do Dr. Jekyll, escondido e de acesso difícil. Mr. Utterson só conseguiu entrar lá após a morte de Jekyll&Hyde (usamos este nome duplo porque Dr. Jekyll, como era inicialmente, já não existia, somente em conjunto com Hyde), o que é simbólico, uma vez que também só depois da morte de Dr. Jekyll é que foi descoberto o seu segredo. O laboratório deixa a sensação de perturbação, talvez por ser um lugar onde previamente se efetuavam as cirurgias e permaneciam os cadáveres, ou por ser hermeticamente fechado, ou por sabermos que no laboratório Dr. Jekyll fazia as suas experiências e se transformava em Hyde: o lugar onde Dr. Jekyll perdia a sua identidade de vitoriano respeitado e se tornava num monstro. No que toca ao gabinete, este parece pertencer prioritariamente a Dr. Jekyll, sendo um espaço onde a ordem prevalece. O laboratório e o gabinete são espaços de transição, onde se cruzam Dr. Jekyll e Hyde - pela porta de trás entra Hyde e pela porta da frente entra Dr. Jekyll, ou seja, é um lugar onde os dois trocam de máscara.

A casa no Soho onde vivia Hyde é fechada e isolada e, tal como o seu dono, cheia de enigmas e segredos. De acordo com Walker, ela tem características muito contraditórias: “[...] Hyde inhabits the disreputable part of London, yet his apartment is tastefully furnished.” (87). Por um lado, a sua localização é muito conveniente para os crimes e a violência cometidos pela personagem, para sigilos e mistérios; por outro, na decoração e mobiliário excessivamente luxuosos nota-se a influência de Dr. Jekyll, embora a decoração não consiga esconder o caos e desordem no interior de Hyde, indicando que, de igual modo, Dr. Jekyll não conseguia controlar Hyde e o seu caos interior:

“Mr. Hyde had only used a couple of rooms; but those were furnished with luxury and good taste. A closet was filled with wine; the plate was of silver, the napery elegant; a good picture hung upon the walls, a gift (as Utterson supposed) from Henry Jekyll, who was much of a connoisseur; and the carpets were of many plies and agreeable in colour. At this moment, however, the rooms bore very mark of having been recently and hurriedly ransacked; clothes lay about the floor, with their pockets inside out; lock-fast drawers stood open, and on the hearth, there lay a pile of grey ashes, as though many papers had been burned.” (Stevenson 28)

Se fizermos a viagem através da casa de Dr. Jekyll começando pela entrada, seguindo depois para o salão principal, daí para o gabinete e depois para o laboratório, e chegando finalmente à saída usada por Hyde, podemos ver uma analogia da viagem que Dr. Jekyll fez desde o início das suas experiências até ao final trágico, em que Hyde ocupa todo interior não só da casa, como o interior da consciência de Dr. Jekyll.

Numa grande cidade as condições obrigam um indivíduo a revelar os seus lados bons e a esconder os maus. A obra de Robert Louis Stevenson desmascara a respeitabilidade vitoriana e tira as máscaras de Eu unívoco. Vamos tentar perceber o que se passa com as nossas personagens, inseridas em Londres na viragem do século, onde o meio ambiente e o lugar têm a capacidade de influenciar a consciência das pessoas.

2.4 As Personagens

Em contraste com as personagens principais de Dr. Jekyll e Mr. Hyde, as personagens secundárias, Mr. Utterson, Dr. Lanyon e Richard Enfield - e o próprio Dr. Jekyll antes da sua transformação - são figuras que podiam vir de um romance realista, familiares e conhecidas para o leitor da época. Todos pertencem à classe profissional: Mr. Utterson é advogado, Dr. Lanyon é médico, Richard Enfield é “[t]he well-known man about town” (Stevenson 3), um membro respeitado e conhecido da alta sociedade.

De acordo com Saposnik, Mr. Utterson pertence a um estrato social respeitado e com uma mundividência bastante racional, embora tolerante e flexível:

“As lawyer he represents that legality which identifies social behavior as established law, unwritten but binding; as judge, however, he is a combination of justice and mercy [...], tempering rigidity with kindness, self-denial with compassion.” (719)

Talvez exatamente por isso ele fosse escolhido para descobrir a história das metamorfoses de Dr. Jekyll, sendo alguém que consegue ver a situação de uma perspectiva racional e fria e ao mesmo tempo entendê-la do ponto de vista pessoal. Mr. Utterson é a pessoa certa, se não para resolver a situação, pelo menos para a tentar entender e compreender, o que aponta para qualidades como a clareza do pensamento, a racionalidade, e a capacidade de evitar as emoções e impulsos em situações de complexidade extrema, ao mesmo tempo revelando tolerância e compreensão perante estas situações.

Por sua vez, Dr. Lanyon, a quem Dr. Jekyll inicialmente confia o seu segredo, assume a pose do realista radical, e surge como verdadeiro representante da razão e da lógica que a época oferecia como ideologia principal, rejeitando Dr. Jekyll como amigo e colega. Para ele, as experiências e ideias de Dr. Jekyll são impensáveis: “But it is more than ten years since Henry Jekyll became too fanciful for me. He began to go wrong, wrong in mind.” (Stevenson 12). Após assistir ao vivo à metamorfose de Dr. Jekyll, a verdade chocante tornou-se insuportável e levou à sua morte.

Saposnik (721) argumenta que a recusa de Dr. Lanyon em aceitar as ideias de Dr. Jekyll é nada mais nada menos do que o medo de mergulhar neste novo e proibido conhecimento. O facto de Dr. Lanyon se recusar a entrar na "aventura" de Dr. Jekyll poderia dever-se ao pressentimento do perigo e da tragédia que daí poderia resultar. Pode ser também lido como a influência da crença profunda na lógica e na

razão, que leva Dr. Lanyon a escolher o seguro e o estável em vez do novo, místico e exótico, independente de serem extremamente atraentes. O seu suicídio pode ser visto como o falhanço da razão e de ciência (de que o Dr. Lanyon como médico e cientista representa) perante o incompreensível.

2.5 Jekyll&Hyde

Dr. Jekyll também representa a classe profissional e a sua personagem parecer vir diretamente do realismo, embora a sua transformação em Hyde represente já a transição para a modernidade, com as suas dúvidas e incertezas. O grande dilema aqui consiste em saber se Dr. Jekyll e Hyde são uma ou se são duas personagens. Onde acaba Dr. Jekyll e começa Hyde? Estamos perante a ideia da dualidade humana, onde num mesmo indivíduo podem coexistir dois lados opostos. Walker explica deste modo a dualidade em *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*:

“Duality in Stevenson’s *Strange Case* does not result in a series of clear binaries, confirm the original self, or ultimately liberate the ‘upright’ public self as Jekyll hoped it would. Instead what we witness is the ultimate fragmentation of identity, or as Jekyll puts it in a startling moment of self-negation, referring to Hyde, ‘[h]e, I say – I cannot say, I.’” (88)

Na última frase, Dr. Jekyll distancia-se de Hyde como se ele fosse um indivíduo separado. Ao longo do texto, notámos a instabilidade de Dr. Jekyll perante Hyde; umas vezes Hyde é aceite como parte de si, outras vezes (especialmente quando Hyde dá liberdade à sua crueldade) distancia-se dele. Parece que ele tenta aceitar o negativo dentro de si, embora quando este negativo ultrapassa os limites não aguenta e tenta fugir de Hyde.

Se nos lembrarmos de William James e da simbologia da roupa referidos no primeiro capítulo, podemos reparar que na obra de Stevenson a roupa também tem um papel simbólico. Por exemplo, durante a inesperada metamorfose na rua de Dr. Jekyll em Hyde, quando o bom fato especialmente costurado para Dr. Jekyll de repente se transforma num monte de tecido sem forma quando surge Hyde. O fato de Dr. Jekyll é gigantesco no corpo de Hyde. Se em Dr. Jekyll a roupa simboliza o seu estatuto de respeitabilidade na sociedade, a mesma roupa em Hyde fica grande, estranha e cómica (lembremos a reação do condutor do “cab” que se riu do aspeto de Hyde [84]), do mesmo modo que não lhe “serve” a vida de Dr. Jekyll, a sua casa, o seu dinheiro, a casa no Soho e a sua absurda decoração luxuosa. O facto de a roupa ser grande demais para Hyde resulta da sua baixa estatura, o que nos remete para a ideia da regressão, uma vez que a figura não evoluiu o suficiente nem para vestir esta roupa, nem para viver no mundo civilizado. Irving Massey aponta para este pormenor sob outra perspetiva interessante: “His oversized clothes seem to hang on an emptiness within.” (61). De certo modo, não podemos concordar completamente que Hyde é vazio por dentro; pelo contrário, tem um espectro de emoções e impulsos muito mais vasto do que Dr. Jekyll.

É necessário também mencionar a simbologia dos nomes de Jekyll&Hyde. Relativamente a Dr. Jekyll, o próprio Stevenson acentuava que Jekyll deveria ler-se à maneira francesa com acento em -kyll. Saposnik nota que “a [p]ossible reading that Jekyll is from the French Je-self, and -kyll is kill; in other words, a designated self-destroyer.” (730), o que tem a sua lógica, sendo que Dr. Jekyll tem um final trágico.

Em relação a Hyde, a sua derivação do inglês *hide/hidden* é confirmada por Mr. Utterson, quando a certa altura diz “If he be Mr. Hyde, I shall be Mr. Seek.” (Stevenson 14). Seja qual for a ideia do autor, o nome Hyde caracteriza bem a personagem e simboliza o escondido e o misterioso, que traz a incerteza e o enigma. E não esqueçamos o Id freudiano, que também está escondido nas profundezas da consciência humana.

Se olharmos para o Id como o *locus* dos instintos inconscientes humanos podemos ver como o primitivo está ligado ao inconsciente, no fundo representando o instintivo e o incontrolável. Com as suas experiências científicas, Dr. Jekyll provocou a metamorfoses e tornou-se responsável pela revolta do seu Id e pela criação do primitivo dentro de si, ou melhor, pela divisão muito clara do seu Eu em duplo: mau e bom.

Um conceito que representa a duplicidade e é importante para a literatura gótica é o do *Doppelgänger*, que em alemão significa o duplo, o oposto ou o reflexo negativo. O termo foi usado na literatura do século XIX por vários autores como Fyodor Dostoyevsky (*The Double* 1846), Mary Wollstonecraft Shelley (*Frankenstein* 1818), Oscar Wilde (*The Picture of Dorian Gray* 1891), H.G. Wells (*The Island of Doctor Moreau* 1896, *The Invisible Man* 1897), etc. No caso da nossa obra, o *Doppelgänger* de Dr. Jekyll é Hyde, imagem invertida dele e que retrata o seu lado negativo.

Graças às obras que tratavam o conceito de duplicidade humana e demonstravam que a noção da duplicidade do ser humano começava a mostrar as “sombras” escondidas pela hipocrisia vitoriana, a sua problemática deixava de ser ignorada. Jekyll parece, com efeito, ter aceite esta duplicidade - “I have been doomed to such a dreadful shipwreck: that man is not truly one, but truly two.” (69) - e de acordo com Saposnik, é um exemplo do homem vitoriano que acalenta desejos proibidos: “Jekyll is in every way a gentleman, but just beneath the surface lie baser desires that remain unspoken; he is the very personification of the dichotomy between outward gentility and inward lust.” (715).

Antes de explicar o que se passou com Dr. Jekyll, temos de tentar descobrir o que poderia incentivar um médico respeitado a entrar nesta aventura perigosa que o levou à descoberta dos mistérios do Eu interior. Uma das causas pode ser precisamente a hipocrisia da sociedade vitoriana, cuja função era esconder por trás de uma máscara de inocência tudo aquilo que as normas morais da época não aceitavam. A vontade de esconder o lado negativo que se começa a expandir em consequência da crise que a Inglaterra Vitoriana sofre no final do século XIX, a marginalização dos problemas sociais nos bairros

desfavorecidos e a ignorância dos mesmos, são alguns dos grandes motores dessa hipocrisia. A esta indiferença da sociedade, soma-se outra, pertencente à dimensão psicológica de interior do indivíduo, em que a negação do lado negativo do indivíduo é natural porque acontece ao nível da inconsciência. Nesse caso, tudo o que não cabe nas regras sociais começa a ser reprimido, para depois regressar em força. Este aspecto será analisado a seguir através das teorias de Sigmund Freud.

A figura de Henry Jekyll é representada como “a large, well-made, smooth-faced man of fifty, with something of a slyish cast perhaps, but every mark of capacity and kindness.” (Stevenson 21). O médico é um vitoriano a quem nunca faltou nada: “I was born in the year 18--- to a large fortune, endowed besides with excellent parts, inclined by nature to industry, fond of the respect of the wise and good among my fellow-men, and thus, as might have been supposed, with every guarantee of an honourable and distinguished future.” (68), mas que ainda assim descobre que tem uma atração pelos tabus da sociedade: “I found it hard to reconcile with my imperious desire to carry my head high, and wear a more than commonly grave countenance before the public. Hence it came about that I concealed my pleasures” (68-69). Durante grande parte da vida, Dr. Jekyll seguiu as regras da hipocrisia, escondendo do mundo a sua faceta imoral e vivendo uma vida dupla: “I stood already committed to a profound duplicity of life.” (69). E é quando a consciência pesada de Jekyll já não aguenta a pressão da hipocrisia, que Hyde nasce. Nas palavras de White, “Hyde’s presence results from Jekyll’s repression, caused by Victorian hypocrisy.” (79). De igual modo, segundo Walker:

“Jekyll’s scientific ambition merely masks an indulgent wish to eradicate the guilt and ‘morbid’ shame that haunts his need to wear a ‘grave countenance’. [...] Jekyll subjectively and misguidedly equates a sense of the cohesive self with the respectable ‘upright twin’, and desires to replace pleasure synonymous with immorality with the pleasure of doing ‘good things’ in an attempt to alienate guilt.” (80)

Para Walker, a hipocrisia de Dr. Jekyll revela-se no facto de querer esconder, mas não querer prescindir do seu lado negativo. E como também aponta Walker, “Jekyll’s compulsion to ‘create’ Hyde stems from his overwhelming feelings of guilt with regard to pleasure and from a desire to appear publicly respectable” (82). O sentido de culpa e a necessidade de manter as aparências obrigam Dr. Jekyll a usar Hyde como refúgio para as suas atividades pecaminosas, e Dr. Jekyll com a máscara que as vai esconder da sociedade.

Por sua vez, Saposnik argumenta que Dr. Jekyll é uma vítima da hipocrisia: “Henry Jekyll’s experiment to free himself from the burden of duality results in failure because of his moral myopia, because he is a victim of society’s standards even while he would be free of them.” (716). Tal é contrariado pela duplicidade da época e do indivíduo em si. Ambas as perspetivas poderiam ser aceites, sendo que “Henry Jekyll is a complex example of his age of anxiety: woefully weighed down by self-deception, cruelly a slave to his own weakness, [...], a cry of Victorian man from the depths of his self-imposed

underground.” (Saposnik 721). Assim, Dr. Jekyll pode ser visto como uma vítima das circunstâncias da época, não deixando, contudo, de ser hipócrita. Ou seja, apesar das condições da época, continua a poder mandar no seu próprio destino, tendo o poder de escolha nas suas mãos e fazendo opções que terão as respectivas consequências. O que no fundo também cria uma outra duplicidade, que faz com que Dr. Jekyll seja ao mesmo tempo o árbitro do seu destino e a vítima do mesmo.

Olhando para Dr. Jekyll como vítima, podemos ver que, ao criar Hyde, tentava separar-se do seu lado maligno, porque acreditava que estas suas duas dimensões poderiam ser separadas. Mas, segundo White, “Jekyll initiates his experiment believing his selves are separable but comes to understand that identity is neither static nor unified, but composed by the multiple, antithetical selves.” (76) o que o posiciona de um modo mais positivo, por ter a coragem de olhar para esta verdade sobre o Eu, mesmo sendo horrível e assustadora. Há, no entanto, outra perspectiva possível de encarar a figura: “the experiment with Hyde is designed to unshackle Jekyll’s moral instinct from his propensity for pleasure.” (Walker 78), em que se nota a influência da hipocrisia vitoriana que o obriga a esconder os seus desejos e prazeres.

A ciência, um dos pilares da época vitoriana e no qual Dr. Jekyll, como médico, confiava, de repente deixa de funcionar, não tendo a capacidade de devolver Dr. Jekyll ao seu estado inicial, deixando Hyde ocupar a sua mente e o seu corpo. A dissolução e a desilusão de Dr. Jekyll são fáceis de imaginar quando tudo em que acredita se desfaz de vez.

Não percebendo que Hyde, como o seu *Doppelgänger*, passa a ser permanente, Dr. Jekyll tenta eliminá-lo e voltar a uma vida racional e moral, preenchida com boas ações:

“Now that that evil influence had been withdrawn, a new life began for Dr. Jekyll. He came out of his seclusion, renewed relations with his friends, became once more their familiar guest and entertainer; and whilst he had always been known for charities, he was now no less distinguished for religion. He was busy, he was much in the open air, he did good; his face seemed to open and brighten, as if with an inward consciousness of service; and for more than two months, the doctor was at peace.” (Stevenson 35-36).

Saposnik acentua neste passo uma problemática essencial da época, em que ainda não havia uma noção definida e clara dos vários Eus que o indivíduo tem dentro de si, nem de como os conciliar harmoniosamente:

“By seeing Hyde as another being rather than as part of himself, he is forced to deny the most significant result of his experiment and indeed of his entire story, the inescapable conclusion that man must dwell in uncomfortable but necessary harmony with his multiple selves.” (724)

Andrea White defende esta necessidade de aceitar todos os Eus do indivíduo: “Jekyll and Hyde argue that the war between the members should desist and our multifaceted selves be reconciled, or at least accepted.” (78). O mesmo defende a teoria Freudiana sobre o inconsciente na mente humana, segundo a qual podemos ler a personagem de Jekyll como o Ego, que se encontra entre a sociedade Victoriana – representando o Super-ego, e Hyde, o representante do Id. Um cenário clássico, segundo Freud, em que o Id se revolta contra a pressão do Ego e do Superego, e quanto mais reprimido, mais forte se torna, exatamente o que se passa com Hyde.

A figura de Hyde, por sua vez, é essencial para analisarmos o primitivo/o bárbaro/o Outro neste trabalho, pois representa essa outra dimensão do indivíduo, escondida e escura, e que sempre foi rejeitada e evitada no indivíduo dito civilizado. A análise psicológica da figura basear-se-á nas teorias de Freud sobre o inconsciente, e na análise da descrição física recorreremos à teoria da evolução de Charles Darwin.

O primeiro detalhe notável é a dificuldade da descrição física de Hyde, a quem ninguém consegue apontar características concretas, mas a que todos reagem impressionisticamente: “He is not easy to describe. There is something wrong with his appearance; something displeasing, something downright detestable. I never saw a man I so disliked, and yet I scarce know why.” (Stevenson 9). Segue-se no texto a descrição de Hyde: “It wasn't like a man; it was like some damned Juggernaut.” (5); “the man seems hardly human! Something troglodytic,” criando uma imagem de um ser sub-humano e estranho (o “insólito” de Freud). No episódio da criança agredida por Hyde, tanto Mr. Enfield como as restantes testemunhas do ato sentem uma vontade quase irreprimível de punir violentamente Hyde: “Sawbones turn sick and white with the desire to kill him.” (6). A sensação de repugnância pela figura é paralela à que a sociedade sentia perante o primitivo. Todavia, não podemos ignorar que o instinto de matar, supostamente pertencente exclusivamente ao primitivo, foi despertado nos supostos seres civilizados.

Sendo o seu comportamento descrito como “ape-like fury, he was trampling his victim under foot” (24) Hyde de imediato nos remete para as teorias da evolução e origem da espécie de Charles Darwin, já mencionadas no primeiro capítulo deste trabalho. Nesta designação de Hyde como “apelike” podemos ver a ligação aos primatas e aos tempos primordiais da humanidade. Não só o aspeto como também os movimentos bruscos e ágeis são semelhantes aos de um animal: “Mr. Utterson had been some minutes at his post, when he was aware of an odd, light footstep drawing near”; “Mr. Hyde shrank back with a hissing intake of the breath” (15); “when that masked thing like a monkey jumped from among the chemicals and whipped into the cabinet” (51).

A personagem de Hyde tem o seu papel no inconsciente do indivíduo de acordo com Freud, onde Edward Hyde representa o Id, a parte do inconsciente, rebelde, incontável, sem moral, sem regras e leis, animalesco e assustador:

“Mr. Hyde was pale and dwarfish, he gave an impression of deformity without any nameable malformation, he had a displeasing smile, he had borne himself to the lawyer with a sort of murderous mixture of timidity and boldness, and he spoke with a husky, whispering and somewhat broken voice.” (Stevenson 17)

Talvez por isso, Hyde encarna o atavismo e o regresso aos primórdios. Já de acordo com Saposnik, a simbologia da figura de Hyde é a seguinte: “He is a creature of primitive sensibilities loosed upon a world bent on denying him. A reminder of the barbarism which underlies civilization, is a necessary component of human psychology which most would prefer to leave unrealized.” (728). Mais um exemplo da ansiedade da época que exploraremos num dos textos seguintes, *Heart of Darkness*.

Ao falar da transformação e da metamorfose de Dr. Jekyll em Hyde (59), Irving Massey argumenta que Dr. Jekyll sofre um processo de retrocesso que não pode ser invertido, ou seja, é impossível voltar ao início e retomar a linha da evolução. Claro que, uma vez entrando na pele de Hyde, deve ser impossível apagar isto da memória. Idealmente, a evolução neste caso poderia ser vista, não como a erosão completa de Hyde da consciência e memória de Dr. Jekyll, mas como a harmonização da coexistência dos dois num mesmo indivíduo, evitando deste modo os extremos. Porém, na época o mais importante seria deixar para trás por completo o primitivo. De acordo com Massey, o medo de correr o risco de uma regressão definitiva era a maior ansiedade da viragem do século, e para a sociedade vitoriana a evolução positiva em direção à civilização como processo linear só poderia funcionar numa direção - para a frente, descartando o primitivo, ou para trás - como o recuo ao primitivo, assumindo-o por completo:

“There are no further transformations of Jekyll after he has metamorphosed into Hyde, and having faced his singleness he cannot forever continue dodging back into the falsehood of duality. It is not because the evil in Jekyll has overwhelmed the good that Hyde can no longer return to the form of Jekyll; it is because all progress or descent toward unity is a one-way process, and the realization of singleness is something that once learned cannot be forgotten. Hell is the loss of duality, not the victory of evil over good. Jekyll's suggestion that he could just as easily, by the same mechanical means, have become an angel as a devil, remains a barren, unconvincing notion.” (59)

Segundo Walker, podemos também ver como a obra encaixa perfeitamente dentro do género do Gótico urbano, mostrando o medo do retrocesso e do atavismo que a civilização experimenta na viragem do século:

“The suggestion that Hyde in some way provides both an echo of the elements of the barbarism found in early manifestations of the Gothic genre, significantly relocated in the modern city, and represents an emergence of primitive inclinations that are supposed to have been subdued in the hyper-civilized and genteel world of fin de siècle.” (71)

Na sua análise, Walker repesca a sugestão de David Punter:⁷ “Hyde’s behaviour is an urban version of “going native”” (71), o que aponta para o processo de “going native” e a figura de Hyde como representante da barbárie, embora desta feita localizada no centro do Império Britânico em vez de, como se pensava, terem somente lugar em espaços distantes e exóticos, onde o primitivo constituía a normalidade. A barbárie nunca poderia existir no “[h]yper-civilized and genteel world of fin de siècle.” (Walker 71), o que poderá, portanto, indicar que não há medo do bárbaro em geral. Em sua vez existe ansiedade de figuras como a de Hyde, que funciona “[a]s an alter ego that reflects and disrupts the notion of the normative and respectable bourgeois individual at the end of the nineteenth century.” (71) e, como também acentua Walker, o maior problema é a relação entre a monstrosidade e a “gentility” da classe social que Jekyll representa. É difícil não concordarmos com esta opinião de Walker, tendo em conta a importância extrema da classe social nesse “genteel world” de Inglaterra vitoriana. Ou seja, a noção da impossibilidade, na época, de que tais acontecimentos se passassem na respeitável classe social a que Dr. Jekyll pertence. Por outras palavras, o carácter polémico da transformação de Dr. Jekyll em Hyde consiste tanto na natureza do processo como no local onde ele decorre e na figura que o protagoniza - um vitoriano respeitado no centro de Londres.

2.6 Conclusão

Stevenson deixa para nós, leitores, como exige o género da obra, um final aberto. De uma primeira vista sabemos que a personagem principal morre, embora, se olharmos mais profundamente, reparamos que a obra não tem uma resposta clara que nos diga quem mata quem, Dr. Jekyll ou Hyde, ou vice-versa. Apesar de o corpo encontrado por Poole e Mr. Utterson ser de Hyde, que como sabemos expulsou completamente Dr. Jekyll do corpo comum, a pergunta que permanece sem resposta vai ser: será que Hyde conseguiu no último minuto da luta ocupar completamente a mente de Dr. Jekyll? Bastante perturbador para o leitor (especialmente da época) é provavelmente o final aberto e trágico, o que faz com que a realidade em que se encontra um vitoriano na viragem do século se torne mais confusa, a dualidade da existência e de indivíduo mais assustadoras, tirando a esperança de um futuro estável e seguro. As palavras de Dr. Lanyon depois de descobrir a verdade - “these tokens of a swift physical decay that arrested the lawyer's notice, as a look in the eye and quality of manner that seemed to testify to some deep-seated terror of the mind.” (36) - e as de Dr. Jekyll refletindo sobre a sua descoberta do outro Eu - “I could not think that this earth contained a place for sufferings and terrors so unmanning;” (38) - dão bem a ideia do choque que as conclusões da obra deveriam causar ao leitor Vitoriano.

⁷ David Punter é Professor da Universidade de Bristol, especialista em ficção gótica e autor de vários ensaios e livros críticos.

No seu livro, *The Fantastic: A Structural Approach to a Literary Genre* (1925), Tzvetan Todorov trata os conceitos de fantástico, de *uncanny* (ou insólito) e de maravilhoso, ingredientes habituais do género, fazendo uma distinção entre eles. O insólito e o maravilhoso, de acordo com Todorov, fazem parte do fantástico. O insólito, por exemplo, representa um fenómeno que à primeira vista não tem uma explicação lógica ou científica, mas para o final da obra torna-se tudo claro e explicado, como no exemplo de *The Hound of Baskervilles*, onde a ciência esclarece aquilo que parecia sobrenatural e inexplicável:

“Uncanny events are related which may be readily accounted for by the laws of reason, but which are, in one way or another, incredible, extraordinary, shocking, singular, disturbing or unexpected, and which thereby provoke in the character and in the reader a reaction similar to that which works of the fantastic have made familiar.” (Todorov 46).

No maravilhoso, por sua vez, a história não dá outra explicação a não ser a sobrenatural e nega qualquer possibilidade de a explicação funcionar para além deste sobrenatural: “The class of narratives that are presented as fantastic and that end with an acceptance of the supernatural.” (52). Como exemplo pode servir as histórias do ciclo arturiano.

De acordo com Todorov, o fantástico cria uma hesitação entre o maravilhoso e o insólito e a própria história decide não deixar isto claro: “The fantastic is that hesitation experienced by a person who knows only the laws of nature, confronting an apparently supernatural event” (25). Os exemplos na literatura seriam *Dorian Grey*, *Dracula*, *Frankenstein* e *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. “The fantastic is that hesitation experienced by a person who knows only the laws of nature, confronting an apparently supernatural event” (25). No caso da obra de Stevenson, a metamorfose que a figura de Dr. Jekyll vive não é esclarecida até ao fim. À primeira vista parece ser resultado de uma experiência científica, mas depois a situação descontrola-se e a ciência é prevertida. Tanto como a falta de narrador onisciente deixa o leitor na dúvida entre o maravilhoso e o insólito.

Deste modo, podemos ver como o fantástico pode trazer aos leitores e leitoras um final aberto ou fechado. No caso da nossa obra, o final é certamente aberto e deixa no leitor uma sensação de inconclusividade. Uma sensação que antecipa a viragem do século, com a sua problemática de perguntas sem respostas e de destinos sem futuro. É também notável que o fantástico seja muito usado nas obras da segunda fase do Gótico, enquanto o maravilhoso se encontra mais na primeira. Talvez isso se explique pelo facto de na primeira fase do Gótico a crise existencial não existisse ainda numa dimensão tão significativa, e as obras ainda traziam alguma explicação (mesmo que adotando o maravilhoso) em vez da oscilação que se encontra no fantástico, mais propícia a épocas de transição.

Tocando nos temas problemáticos da viragem do século, Stevenson pode ser considerado, de acordo com Dryden, um autor de transição entre o Gótico e o Modernismo: “Breaking from the constraints of

Victorian realism, Stevenson prepares the way for Conrad's modernism through his takedown of urban terror and imperial misadventure." (8). A obra chama a atenção do leitor para a dificuldade que o indivíduo da época vitoriana tem em separar o bem e o mal, como também para os resultados da ignorância da complexidade do Eu e do seu caráter auto-contraditório e polifacetado. Como também argumenta Saposnik: "without Jekyll there could never have been a Hyde, and without Hyde one can never fully know Jekyll" (727).

Na sua obra, Stevenson levanta o problema da dualidade da existência humana e do indivíduo, e demonstra que mesmo sendo assumida por Jekyll&Hyde não os livra da morte, ou talvez seja precisamente esta dualidade que leva a um final trágico. Na sua obra *Olalla* (1885) Stevenson afirma: "Man has risen; if he has sprung from the brutes he can descend to the same level again" (398)⁸, mostrando como também ele teme a possibilidade da degeneração e da decadência.

Sem dúvida alguma a obra *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* reflete de forma precisa a ansiedade vitoriana perante as mudanças que a sociedade vivia, sejam elas relativas à fragmentação do indivíduo, supostamente uno, racional e explicável, sejam à fragmentação da sociedade construída a partir do paradigma racionalista e agora dividida internamente, acrescidas pelo colapso da explicação lógica ou científica e pelo perigo da regressão aos primórdios da civilização. O Gótico urbano difere do Gótico da primeira fase, adaptando-se ao contexto da época e assim conseguindo transmitir algumas das suas experiências essenciais. As palavras de Buzwell provam a importância e o simbolismo do romance gótico de Stevenson para a época de *fin de siècle*: "Gothic fiction had examined the idea of the sinister alter ego or double before on many occasions but Stevenson's genius with Jekyll and Hyde was to show the dual nature not only of one man but also of society in general." (§1).

Depois de séculos de ideologia racionalista e imperialista, a maior dificuldade, para um indivíduo que vive na viragem do século, é aprender a gerir a percepção da duplicidade do indivíduo entre o primitivo e o civilizado. As palavras de Linda Dryden sobre a figura de Dr. Jekyll rematam bem o que se argumentou neste capítulo:

"Stevenson's tales of fatality flawed, divided human beings struggling to reconcile savage instincts with civilized values [...]. Jekyll's dilemma defines a *fin de siècle* realization that the integrity of the self is in doubt." (6).

⁸ Stevenson, Robert Louis. "Olalla" *The Suicide Clubs & Other Dark Adventures*. Tartarus Press, pp.365-404

Capítulo 3: Arthur Conan Doyle “The Sign of Four”

3.1. A Reafirmação do Realismo e a Negação do Fantástico

Nas suas histórias sobre o famoso detetive Sherlock Holmes, Arthur Conan Doyle propõe-se desmistificar o fantástico e explicar tudo pela razão. Nascido na Escócia, herdou da mãe o seu talento para contar histórias. Formado em medicina, desenhou a personagem de Sherlock Holmes a partir da figura de Joseph Bell, seu professor na universidade e grande seguidor da lógica e da razão, e praticante da observação e do método dedutivo, o que pode demonstrar a sua crença nos pressupostos filosóficos da época. Como podemos reparar, tanto Doyle como o seu inspirador, Bell, assim como Dr. Jekyll na obra anterior e o próprio Sherlock Holmes, são médicos (embora, para sermos exatos, temos de mencionar que Holmes não chegou a concluir a sua formação). Este facto pode ser pura coincidência, como também pode explicar a paixão pela razão e lógica, pelo exato e explicável, e pelas profissões ligadas à ciência, que se observava na época.

Arthur Conan Doyle parece ser certamente adepto das bases filosóficas do realismo e, agarrando-se à ideia de que tudo é explicável, aplica isto na conceção das suas obras. Em contraste com o fantástico de Stevenson e o final aberto da sua obra, cheio de dúvidas e enigmas, Doyle cria histórias com um final fechado, claro e bem explicado ao leitor. Tendo em conta o contexto de transição entre as duas épocas (a era vitoriana e a modernidade) o autor escolhe resistir ao colapso do paradigma dos valores realistas, criando uma personagem que ajuda a reafirmar estes valores. A obra “The Sign of Four” (1890), embora subscrevendo este paradigma, não invalida de modo nenhum a tese deste trabalho relativamente à problemática da viragem do século; pelo contrário, mostra como podem coexistir o passado e futuro, quando os valores começam a entrar em colapso. Com isto, acentua-se sobretudo a dimensão do problema a enfrentar por artistas e escritores nesta época de transição.

Assim, Conan Doyle é exemplo de um autor que, nas suas obras, procura manter a noção de um mundo estável e seguro, mas ao mesmo tempo existe uma disjunção entre a sua escrita e a sua vida pessoal. Depois da Primeira Guerra Mundial e da morte do filho, Doyle procura, como muitos na altura, ajuda no esotérico e no místico. As convicções íntimas e pessoais, contudo, não o impedem de continuar com a figura de Sherlock Holmes (apesar de a faixa temporal de escrita das aventuras de Sherlock Holmes ser extremamente larga e se estender por quatro décadas), e a reafirmação dos valores vitorianos, o que se deve em grande parte à exigência dos/as leitores, os/as que necessitam de sentir a estabilidade e a procuram nas suas obras.

A chamada “holmesiana” começou com a publicação do conto policial “A Study in Scarlet” em 1887, na revista *Beeton's Christmas Annual*, e deu o início às histórias sobre o detetive Sherlock Holmes. A partir das primeiras obras, o interesse pelas histórias sobre Sherlock Holmes foi um caso de sucesso que continua até aos nossos dias. Podemos dizer com toda a certeza que não existe nenhum detetive mais

famoso, e as palavras de Dickson podem confirmar isto: “By then, his literary immortality was already assured: according to The Guinness Book of Records, Sherlock Holmes is the most portrayed movie and TV character of all time.” (último §).

A popularidade de Holmes deve-se muito à sua capacidade de chegar à verdade através do raciocínio, o que ajuda o autor a reafirmar os valores do Realismo. No entanto, segundo Clausson, na época da viragem do século estava presente uma tensão entre o paradigma científico e o Gótico, que cria uma coexistência paradoxal entre os dois. De acordo com Patrick Brantlinger, o que ele designa como Gótico empírico “[c]ombines the seemingly scientific, progressive, often Darwinian ideology of imperialism with an antithetical interest in the occult.” (227). Por exemplo, o “Imperial Gothic [...] expresses anxieties about the ease with which civilization can revert to barbarism or savagery and those about the weakening of Britain’s imperial hegemony.” (229). Clausson, por sua vez, argumenta que os contos sobre Sherlock Holmes “dramatize(s) a struggle of scientific reason against superstition and irrationality” (61), ou seja, a figura do detetive serve para eliminar o possível perigo e a ameaça que o Gótico poderia trazer. Clausson dá como exemplo o conceito de Judith Wilts do “counter-attack”, que significa a capacidade de o Gótico funcionar contra “Western assumptions about science, reason and progress.” (64), e que tem como base três “repressed anxieties that emerge in *fin-de-siècle* Gothic”. Estas ansiedades são representadas pelo medo do passado e do castigo por pecados antigos; o medo de perder os resultados da evolução e do progresso, e sofrer do processo de regressão e atavismo (como no caso de Dr. Jekyll); e por último de “going native”, ou seja, o medo da contaminação pelo primitivo durante as viagens em terras do Outro (exatamente o que acontece à personagem da obra que será analisada a seguir, *Heart of Darkness*), ou vice-versa. Os dois críticos têm razão, porque, para eliminar este perigo, Holmes utiliza os instrumentos da ciência, lógica e razão, que parecem funcionar bem no contexto da época. Contudo, por trás do estável e seguro que o autor, Arthur Conan Doyle, tenta transmitir, lê-se nas entrelinhas como o primitivo está inevitavelmente a infiltrar-se no mundo dito civilizado, como adiante se provará.

3.2 A Figura do Detetive e o Cenário Urbano

A popularidade da figura do detetive deve-se exatamente à capacidade, mencionada acima, de esclarecer e explicar, muito procurada na época. Por isso, vamos olhar um pouco para o contexto histórico-social, para perceber as raízes da figura do detetive.

Na viragem do século, o cenário urbano representava uma sensação generalizada de insegurança, que surgiu em resultado da urbanização crescente que, por sua vez, era provocada pela industrialização e a migração do espaço rural para urbano. As razões principais para a sensação de insegurança e perigo eram, por exemplo, o aumento de densidade da população urbana que resultava em pobreza e em

condições de vida desfavoráveis, logo na criminalidade e na violência, que despoletavam o famoso “fear of the mob” dos vitorianos. A figura do detetive surge para controlar, resolver e esclarecer o crime e a violência, e para dar alguma segurança, especialmente à classe média, que percecionava mais o perigo e mais tinha a perder com ele. Porque foi então necessário o detetive privado e onde estavam as outras forças de segurança?

De acordo com Flanders, na Inglaterra vitoriana uma força policial organizada e profissional (como a entendemos hoje) era ainda relativamente recente:

“It’s easy to assume that there have always been police forces, but in reality, the idea is very new. Before the establishment of the police, governments called on the army to control rioting mobs and quell uprisings, but there was no civil force to prevent crime, or to detect it.” (§1)

Clausen argumenta que: “The prestige of the police was low when Doyle began to write” (114), o que explica muita da sua crítica à instituição e as caricaturas das figuras dos polícias, em termos da sua incompetência e incapacidade para investigarem crimes. A personagem de Sherlock Holmes não poupa os polícias e comenta a sua ineficácia em quase todos os contos, e “The Sign of Four” não é exceção: “I am a man of somewhat retiring, and I might even say refined, tastes, and there is nothing more unaesthetic than a policeman” (Doyle 29-30). Contudo, Sherlock Holmes deixa a glória do sucesso da investigação nas mãos da polícia: “The division seems rather unfair, I [Watson] remarked. “You [Holmes] have done all the work in this business. I get a wife out of it, Jones [Atheney Jones, o polícia que investigava o crime] gets the credit, pray what remains for you?” (145).

Possivelmente por isso, a ficção policial e a figura do detetive foram tão populares na época, pois tocavam em temas importantes e próximos do leitor comum. Contudo, esta não foi a única causa da popularidade deste género literário: “As important was the growth of a mass market, ravenous for cheap fiction, stimulated in Britain by the 1870 ‘Universal Education’ Act.” (Sutherland §8), que facilitou o aumento da literacia e, juntamente com a descida do preço de livros e jornais, oferecia a possibilidade da leitura a um cada vez maior número de pessoas.

O que representa então a ficção policial como género literário? O romance policial como conceito pode ter esta breve descrição:

“A detective story/novel is a mystery involving a crime and the gradual discovery of who committed it, especially a highly formalized one in which a detective, often a private

detective, solves a crime, usually a murder, by means of careful observation and logical reasoning.”⁹

O género literário do romance ou conto policial, graças às condições da época vitoriana, evoluiu e tornou-se muito popular, e apesar de Sherlock Holmes ser o mais famoso detetive até aos nossos dias, ele não foi o primeiro na história do género. Edgar Allan Poe foi pioneiro ao apresentar a figura de um detetive na sua obra *The Murders in the Rue Morgue* (1841), algumas décadas antes de Doyle. De acordo com Sutherland, a sua personagem demonstra a importância do raciocínio no século vitoriano:

“So too were the pioneer short stories of Edgar Allan Poe, most famously the ‘locked room’ classic, ‘The Murders in the Rue Morgue’ (1841), centred on the detective Auguste Dupin who, like Holmes, cracks cases entirely by ‘ratiocination’. It is immortalized as Holmes’s iron rule, enunciated (twice) in ‘The Sign of Four’. ‘How often have I said to you that when you have eliminated the impossible, whatever remains, however improbable, must be the truth?’” (§7)

Na sua obra “Degeneration, ‘Fin-de-siècle’ Gothic, and the Science of Detection: Arthur Conan Doyle’s *The Hound of Baskervilles* and the Emergence of the Modern Detective Story”, Nils Clausson argumenta que as obras de Doyle não pertencem ao “19th century scientism” (63), mas a um “fin de siècle decadence and degeneration” (63). Podemos não concordar de imediato com esta opinião, tendo em conta a presença da lógica e da razão nas obras.

Comparando dois dos géneros mais populares das últimas décadas do século XIX, a segunda onda do Gótico e o romance ou conto policial, vimos que o primeiro vive do medo e do mistério e procura inspirar os mesmos, enquanto o segundo funciona em sentido contrário, em termos de elucidar e resolver o mistério. No entanto, na viragem do século os dois géneros coexistem em simultâneo, um como parte do passado e outro do futuro, entrelaçando-se no presente. Nas obras de Arthur Conan Doyle a figura de Holmes representa o Realismo, o empírico e racional, que consegue encontrar uma explicação para o fantástico e o sobrenatural. Logo, uma dimensão importante tanto para o detetive vitoriano na sua atividade profissional, como para a ficção policial como género literário, é a visão de: “detection as an exact science” (Clausson 61). Um detetive vitoriano funciona de acordo com as regras das ciências exatas e concretas, a razão e a lógica. Com a ajuda destas componentes, ele esclarece e clarifica o irracional, o mágico e o misterioso. A personagem de Doyle defende precisamente esta perspectiva: “Detection is, ought to be, an exact science, and should be treated in the same cold and unemotional manner. You have attempted to tinge it with romanticism [...]” (Doyle 7). Holmes fala, portanto, da profissão de detetive como uma ciência exata, criticando D. Watson por valorizar excessivamente os sentimentos e a emoção.

⁹ <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/detective-novel>

No seu artigo “Dreaming the Medusa: Imperialism, Primitivism and Sexuality in Arthur Conan Doyle’s *The Sign of Four*” (59), Lawrence Frank discute as razões da popularidade da figura de Sherlock Holmes entre os vitorianos. Segundo o crítico, a causa mais importante é o facto de os contos se ocuparem de alguns dos temas mais prementes da época, tais como: “The blurring of class, race and gender” (53), para além da urbanização, do crime, da violência, da pobreza, e outros, que tocavam os leitores. Os temas e problemas comuns atraem o leitor e criam grande proximidade entre o texto e o público. Contudo, atraindo o leitor comum com temáticas que são lhe próximas, as obras de Doyle, e em especial a personagem de Holmes, atraem igualmente os adeptos da ciência em geral.

Depois de dar a explicação mais alargada para a figura do detetive, que tenta resolver os problemas da sociedade e assim sossegar a população, e ver a dimensão da sua importância no contexto urbano da época vitoriana, segue-se a análise da personagem de Sherlock Holmes, como também das outras personagens relevantes.

3.3 As Personagens

O conto “The Sign of Four” tem um enredo bastante complicado, especialmente graças à história do tesouro de Agra, que foi roubado várias vezes e resultou em vários crimes. A história do tesouro começa na Índia, onde Jonathan Small entra num grupo com mais três homens (daqui o título do conto) que querem roubar um tesouro e para isso matam o comerciante Achmet e acabam por ser presos e mandados para as ilhas Andaman, não antes de conseguirem esconder o que roubaram. Nas ilhas, Small tenta convencer Major Sholto e Captain Morstan a dividirem o tesouro em troca da liberdade. Contudo, Major Sholto acaba por fugir sozinho com o tesouro e engana não só os quatro prisioneiros, como também o seu amigo Captain Morstan. Quando Morstan volta a Inglaterra e encontra Sholto, eles não conseguem chegar a um acordo sobre a divisão do tesouro, e Morstan morre de um ataque de coração, facto que Sholto mantém em segredo. Por sua vez, quando Small foge das ilhas, com a ajuda do aborígene Tonga, vai à procura de Sholto e mata-o. Os filhos de Sholto, Thaddeus e Bartholomeu, descobrem o segredo e tentam encontrar o tesouro que Major Sholto escondeu. Bartholomeu Sholto consegue encontrá-lo em casa e acaba por ser morto por Tonga, que juntamente com Small rouba o tesouro e foge.

O desafio inicial de Sherlock Holmes é descobrir onde está o Captain Morstan, embora logo a seguir a esta descoberta, o trabalho de Holmes seja a investigação da morte de Bartholomeu Sholto, que acontece em circunstâncias muito misteriosas. Quando Holmes descobre o envolvimento de Small e Tonga, durante a perseguição destes, Tonga é morto a tiro. Small, por sua vez, deita o tesouro para o Tamisa, e é preso a seguir.

Como foi referido acima, a história é extremamente difusa, complexa e saturada de personagens, com uma ação complicada e espaços múltiplos. No enredo estão presentes muitos crimes e roubos, e desde o

início e até ao fim, todos se traem uns aos outros, ninguém é fiável. Este facto pode demonstrar a instabilidade e insegurança da época. De um ponto de vista geral, a história representa uma deslocação de culpa nacional (pelo crime e violência resultantes de ganância extrema) e esta culpa é diluída e desviada para o Outro, que Tonga representa, pois foi ele que cometeu o crime na metrópole. Os crimes dos brancos foram cometidos lá longe, nas terras do primitivo e assim podem ser mantidos em sigilo. Na obra, a personagem de Holmes esclarece e branqueia os pontos negros e os crimes que o Império comete, desviando a culpa para Tonga, e faz isto com ajuda da ciência, da razão e da lógica.

A ciência está fortemente presente na investigação de Holmes, que domina inúmeras disciplinas como a química, a física e a medicina, entre outras. Para investigar o crime, ele procura vários métodos científicos inovadores. Em “The Sign of Four”, por exemplo, fala da importância das impressões digitais como algo essencial ao trabalho do detetive. Nas palavras de Sutherland, a medicina e a investigação policial estavam interligadas:

“Literary historians have observed that the ‘science of detection’, in fact and fiction, has a close connection with medical advances in the 19th century. The observation of criminal ‘clues’ and the interpretation of disease ‘symptoms’ are much the same.” (§19)

O facto de Holmes ser visto por Clausson como “the champion of empirical science” e como “the quintessential empiricist” (62), pode significar que Sherlock segue o modelo do típico vitoriano adepto da filosofia positivista.

De acordo com Clausson “Holmes is associated with light and darkness” (77), e é, sem dúvida, uma figura muito controversa por vários motivos: ele investiga os crimes e ao mesmo tempo não faz parte da polícia; apesar de ser amador, triunfa sempre sobre os profissionais, mais limitados; não tem nenhuma outra ocupação ou atividade profissional, e tem um estilo de vida pouco convencional; é uma figura transgressiva que segue as normas morais, luta pela justiça e verdade e, ao mesmo tempo, consome drogas, isola-se e parece incapaz de se sociabilizar.

A personagem de Holmes representa a figura do detetive, uma figura urbana que é produto da industrialização e da urbanização. Holmes detesta o espaço rural e encaixa perfeitamente na metrópole, onde se sente seguro e confortável, o que lhe permite navegar no urbano e fazer as suas investigações.

Na perspectiva de Clausen, Holmes tem “a cold, precise and admirably balanced mind” (105), sendo também um “gentlemen by birth and education, he belongs to no club, unlike Watson. He is, in fact, the sort of isolated intellectual who today would be called alienated: introverted, frighteningly analytical, and often cynical” (105), ou seja, um “isolated, declassed genius” (112). Estas qualidades, apesar de serem pouco apreciadas na época vitoriana, funcionam, curiosamente, a favor de Holmes:

“In extreme cases, society can be protected only by a man who does not share its orthodoxies, who sees through the disciplines of respectability, who despite his patriotism has little reverence for popular superstitions, who stands outside the normal system of rewards and punishments, who cares nothing for status and depends only on himself, a man, in short, who has more in common with the criminals he discovers than many of his clients. The paradox of Holmes’s eccentricity and isolation is one of the most important things that the stories seem to assert: in order to protect the social order effectively, one must separate oneself from it.” (Clausen 114)

Daqui se depreende que Holmes nem sempre respeita as “fronteiras” e transgride normas, quebra as regras e entra até, quando necessário, no espaço do Outro para o combater.

Nas suas investigações, Holmes infiltra-se no mundo da criminalidade para recolher mais informação, e torna-se irreconhecível recorrendo a máscaras e metamorfoses, o que poderia ser problemático para uma obra posicionada como imperialista e apontar para um retrocesso civilizacional da figura transformando-o em figuras primitivas com a ajuda de máscaras (Holmes é um mestre da maquilhagem e do disfarce). A problemática é a mesma que na obra analisada anteriormente e consiste na impossibilidade de um vitoriano dito civilizado se “vestir” de bárbaro/primitivo e sofrer o processo de atavismo, mesmo se este for controlado e temporário. Sherlock é sem dúvida um mestre do disfarce. Tão perfeita é a sua imagem depois das metamorfoses, não só em termos da maquilhagem ou da roupa, mas dos movimentos e da voz, que nem o seu amigo Watson o consegue muitas vezes reconhecer: “In the early dawn I woke with a start, and was surprised to find him standing by my bedside, clad in a rude sailor dress with a pea-jacket, and a coarse red scarf round his neck.” (Doyle 90). Em sua defesa, podemos concordar com Clausen e a sua afirmação acima referida, e concluir que Sherlock usa sempre esta capacidade de disfarce para se integrar no mundo da criminalidade e entra no espaço do Outro para o destruir.

Outro ponto controverso da figura de Holmes é o consumo de substâncias tóxicas. Logo no primeiro parágrafo do conto (“The Sign of Four”) é claramente dito que Holmes é consumidor habitual de vários tipos de droga:

“Sherlock Holmes took his bottle from the corner of the mantel-piece and his hypodermic syringe from its neat morocco case. With his long, white, nervous fingers he adjusted the delicate needle, and rolled back his left shirt-cuff. For some little time, his eyes rested thoughtfully upon the sinewy forearm and wrist all dotted and scarred with innumerable puncture marks.” (4)

No caso de Holmes e de Dr. Jekyll, as drogas funcionam de maneira semelhante, ou seja, alteram o estado de consciência e permitem a fuga da realidade para outro estado interior e subjetivo. Apesar de

Holmes usar a cocaína como modo de preencher o vazio e reforçar os seus poderes mentais - “so transcendently stimulating and clarifying to the mind” (Doyle 7), ele também pode correr o risco de perder este controlo, o que curiosamente nunca acontece, ao contrário de Dr. Jekyll, que o perde e acaba por ser consumido. A capacidade de Holmes de controlar a situação é muito simbólica, servindo para transmitir a segurança e estabilidade, muito valorizadas no contexto da crise na viragem do século. Também é importante mencionar que na época as drogas eram um produto importado e visto como um mal oriundo de “alien and primitive lands” (Frank 58), logo condenáveis pela sua ligação ao primitivo e ao Outro.

A dicotomia entre os valores estabelecidos na sociedade e a transgressão das regras e valores sociais demonstram que o contexto em que estão inseridas as personagens e leitores da época é de transição, em que características opostas se entrelaçam, como neste passo que parece sair de um romance gótico, embora sirva como um exemplo do passado:

“It is a romance!” cried Mrs. Forrester. “An injured lady, half a million in treasure, a black cannibal, and a wooden-legged ruffian. They take the place of the conventional dragon or wicked earl.” “And two knight-errants to the rescue,” added Miss Morstan, with a bright glance at me.” (Doyle 86)

No passo seguinte, Holmes e Watson demonstram as suas perspetivas diferentes criticando-se um ao outro, quando Holmes se opõe ao recurso aos sentimentos na resolução de um crime e Watson, pelo contrário, os defende:

“You really are an automaton, a calculating-machine!” I cried. “There is something positively inhuman in you at times.” He smiled gently. “It is of the first importance,” he said, “not to allow your judgment to be biased by personal qualities.” “The emotional qualities are antagonistic to clear reasoning.” (19)

Sherlock Holmes representa claramente na obra uma figura altamente civilizada e urbana. A figura que irá ser analisada a seguir e que nos desperta interesse, uma vez que sofreu algumas alterações atávicas, é Jonathan Small. É uma personagem que ficou “contaminada” pelo Outro durante a sua viagem para as terras do primitivo, embora o próprio Jonathan Small fique chocado com o descontrolo da situação aquando da morte de Bartholomeu Sholto e se revela como um indivíduo que, mesmo sendo violento, mantém alguns limites morais. Talvez a ideia do autor seja exatamente a de salvar, pelo menos parcialmente, a imagem de Small (e com ele um indivíduo dito civilizado), transferindo a culpa para Tonga. A associação dos instintos primitivos exclusivamente ao bárbaro permite, assim, salvaguardar a reputação de um inglês branco civilizado.

Contudo, temos uma descrição de Small que pode contrariar a perspectiva anterior e mostrá-lo de uma forma diferente: “Yes, sir, a brown, monkey-faced chap that's called more'n once for my old man.” (76).

Small está aqui a ser comparado a um animal, especialmente aos primatas (referência a Darwin), pela sua cor da pele e o formato do rosto. A impressão que Small deixa poderia ser resultado da tal “contaminação” pelo Outro, sendo resultado do tempo que passou nas terras longínquas rodeado de bárbaros, e tornando-se fisicamente semelhante a eles. A aparência física, no entanto, não é tão perigosa como a contaminação psicológica, que é capaz de levar à perda do autocontrole e à erupção de instintos inconscientes.

Depois da análise das figuras de Holmes e Small, seguimos para a figura de Tonga, o aborígine das ilhas Andaman, que é o principal representante do primitivo na obra. A descrição física dele é muito semelhante à de Hyde:

“It straightened itself into a little black man—the smallest I have ever seen—with a great, misshapen head and a shock of tangled, dishevelled hair. Holmes had already drawn his revolver, and I whipped out mine at the sight of this savage, distorted creature. He was wrapped in some sort of dark ulster or blanket, which left only his face exposed; but that face was enough to give a man a sleepless night. Never have I seen features so deeply marked with all bestiality and cruelty. His small eyes glowed and burned with a sombre light, and his thick lips were were writhed back from his teeth, which grinned and chattered at us with a half animal fury.” (106-107)

Tonga representa, assim, as características típicas de um ser primitivo e bárbaro - a estatura muito pequena, os traços faciais esbatidos e deformados. E, mais uma vez, tal como Hyde, a sua aparência física provoca medo e horror. Contudo, graças a estes traços exóticos, atrai o público inglês, o que rende algum dinheiro ao seu dono, Jonathan Small: “We earned a living at this time by my exhibiting poor Tonga at fairs and other such places as the black cannibal. He would eat raw meat and dance his war-dance: so we always had a hat full of pennies after a day's work.” (141). Um primitivo de que muitos só poderiam imaginar, estava exibido ao vivo no centro da metrópole, o que naturalmente criava a sensação de interesse e fascínio, embora a reação fosse complexa, pois continha também medo, horror e repugnância. Esta dicotomia na reação ao exótico é muito natural numa época de transição e de crise existencial.

Para além dos traços físicos, outro símbolo importante, tal como na obra anterior de Stevenson, é a roupa. Porém, neste caso o que é de notar é a sua ausência. Pelas marcas dos pés minúsculos que Holmes encontrou no local de crime, depreende-se que Tonga estava descalço, o que é impensável num ser civilizado. A questão da roupa é muito simbólica, e se relativamente a Hyde a roupa remetia para o carácter aberrante da figura, no caso de Tonga a sua ausência é também significativa. Não sabemos exatamente como Tonga andava vestido em Londres, exceto que estava embrulhado numa manta quando foi encontrado, mas podemos deduzir que não estava vestido com um fato inglês e descalço ao mesmo tempo. A roupa simboliza o estatuto e a posição social, sendo um elemento obrigatório para o indivíduo

civilizado. Daí se depreende que Tonga não pertence a este grupo e pode ser considerado um ser incivilizado e primitivo.

Outro elemento que o identifica como primitivo são as flechas venenosas com que Tonga mata Bartholomew Sholto, trazidas das ilhas Andaman. O comentário de Holmes mostra mais uma vez como tudo o que vem das terras do Outro é maligno, perigoso, e deveria ser expurgado e destruído:

“‘They are hellish things,’ said he. ‘Look out that you don’t prick yourself. I’m delighted to have them, for the chances are that they are all he has. There is the less fear of you or me finding one in our skin before long. I would sooner face a Martini bullet, myself.’” (65)

O pormenor interessante é a preferência de Holmes em ser morto por uma “Martini bullet”, a arma conhecida e habitual de um inglês, em vez de com uma arma bárbara. Esta reação mostra que morrer às mãos desse Outro é indigno para Holmes e para qualquer branco, posição que bem evidencia a superioridade colonial.

Lawrence Frank refere-se a Tonga como representante de um “prehistoric past in London” (66), que simbolicamente representa a regressão da civilização à barbárie. Na obra *Heart of Darkness*, que vai ser analisada a seguir, a ameaça deste processo regressivo é uma das questões centrais, mas neste conto ela é já implicitamente sugerida.

Para concluir a análise das personagens, podemos notar que as figuras se situam numa gradação descendente relativamente aos vários níveis de civilização/incivilidade. Começando por Sherlock Holmes, que representa uma figura extremamente complexa e civilizada, seguindo para Jonathan Small, um inglês que regrediu sob a contaminação do Outro, e finalmente a figura de Tonga, que serve como exemplo do primitivo na sua forma mais radical. Os três exemplos criam uma escala de possível evolução positiva ou regressão negativa do indivíduo.

3.4 O Espaço

A seguir vamos tratar de um elemento muito importante para a análise de todas as obras escolhidas neste trabalho, o espaço. Em “The Sign of Four”, a ação decore em vários lugares, na Índia, nas ilhas Andaman e na Inglaterra, mais exatamente em Londres. Vamos dar maior atenção a Londres, sendo o lugar onde ocorre a “invasão” do Outro e, como resultado, o crime sob investigação. Ou seja, um lugar onde seria impensável acontecer uma história destas, enquanto nos lugares longínquos, como a Índia e as ilhas Andaman, acontecimentos de natureza transgressiva e criminosa não seriam inadmissíveis.

Clausen aponta a importância de Londres para a figura de Sherlock Holmes: “London is the locus of all aspects of civilization and intellectual progress that he (Holmes) values most highly” (117), o que

demonstra a sua pertença à metrópole, com qual Holmes funciona em perfeita simbiose, exatamente porque o espaço urbano protagoniza o progresso e a evolução, ao contrário do rural, exemplo de um espaço mais atrasado e ligado ao passado. Naturalmente, Holmes evita o campo e só em último recurso vai lá, porque ir da cidade “civilizada” para o campo é quase o equivalente a voltar aos primórdios (Clausson 65).

Um dos espaços a considerar no contexto é a casa de Sholto, que representa exatamente o oposto do que se esperaria de uma respeitável habitação vitoriana. A casa de Thaddeus Sholto está recheada de objetos exóticos vindos do Império. Curioso também que dele vieram, não só objetos, mas pessoas:

“On our knocking, however, the door was instantly thrown open by a Hindoo servant clad in a yellow turban, white loose-fitting clothes, and a yellow sash. There was something strangely incongruous in this Oriental figure framed in the commonplace door-way of a third-rate suburban dwelling-house.” (Doyle 26)

O espaço relembra um espaço gótico, o que se nota na reação ao exótico, quando figuras londrinas típicas (como Sherlock e Dr. Watson) encontram um “Hindoo servant” vestido com roupa tradicional na casa de Sholto:

“We were all astonished by the appearance of the apartment into which he invited us. In that sorry house it looked as out of place as a diamond of the first water in a setting of brass. The richest and glossiest of curtains and tapestries draped the walls, looped back here and there to expose some richly-mounted painting or Oriental vase. The carpet was of amber-and-black, so soft and so thick that the foot sank pleasantly into it, as into a bed of moss. Two great tiger-skins thrown athwart it increased the suggestion of Eastern luxury, as did a huge hookah which stood upon a mat in the corner.” (27)

O espaço, com toda sua decoração, incluindo o “Hindoo servant”, transporta os visitantes diretamente para o Oriente, chocando e hipnotizando ao mesmo tempo. Os elementos orientais que Sholto tanto aprecia mostram a sua “contaminação” pelo exótico, sugerindo, assim, a possibilidade de uma regressão ao primitivo. A casa de Sholto refletia o mundo oriental num lugar inesperado, no centro de Londres e no centro da civilização, e este facto é extremamente simbólico para demonstrar quão contagioso o primitivo pode ser e como facilmente se infiltra, tendo em conta a conotação negativa que o exótico e o oriental tinham na época. O ambiente de luxo excessivo, para uma casa londrina, lembra-nos da casa de Hyde, que igualmente provocava a sensação de estranheza e da presença indesejável do Outro.

O passo seguinte, que descreve a casa onde reside Miss Morstan, a cliente de Holmes, bem evidencia o contraste entre o interior de uma casa clássica inglesa e o da casa de Sholto, assim como entre o interior tranquilo e o exterior inseguro e imprevisível da cidade:

“As we drove away I stole a glance back, and I still seem to see that little group on the step, the two graceful, clinging figures, the half-opened door, the hall light shining through stained glass, the barometer, and the bright stair-rods. It was soothing to catch even that passing glimpse of a tranquil English home in the midst of the wild, dark business which had absorbed us.” (60)

Deste modo, contrastando com a casa de Sholto ou os outros espaços, potencialmente perigosos, da Londres vitoriana, a casa inglesa, descrita acima, oferece a Dr. Watson uma sensação de tranquilidade e segurança. Mas este lugar, dito civilizado, deixou de ser totalmente seguro, cada vez mais invadido pelo Outro primitivo, seja vindo de terras longínquas, seja criado no centro do Império, como no exemplo de Hyde na obra anterior.

3.5 Conclusão

Como já foi referido anteriormente, o primitivo era sempre espacializado para o mais longe da civilização e de preferência mantido sob o controlo dos colonizadores. Enquanto na obra de Stevenson o primitivo existe no interior do indivíduo vitoriano e se liberta através da metamorfose e sob o efeito de medicamentos, nesta obra de Doyle o primitivo (representado pela figura de Tonga) é autêntico e vindo desses espaços remotos do Império, invadindo o centro. Depois de sair do seu espaço habitual, o primitivo deixa de estar limitado e circunscrito, como mostra o exemplo de Tonga, que, por mais respeito e medo que tenha do seu “dono”, Jonathan Small, não consegue controlar os seus impulsos e mata Bartholomew Sholto. Nas palavras de Small, Tonga não age deliberadamente, apenas segundo a sua natureza selvagem: “He did not wish to put his head in a halter. There was no help for it, however: the savage instincts of his companion had broken out, and the poison had done its work [...]” (69-70). Como vimos, o primitivo foge cada vez mais do controle e o processo de desespacialização torna-se inevitável.

Os efeitos do primitivo na cidade são inevitavelmente a criação do caos, o abalar das regras sociais e tem como resultado final a violência, os crimes e um final trágico. A obra demonstra como a civilização, e mais especificamente a cidade de Londres, não está totalmente protegida e imune aos perigos que o Outro pode trazer, desestabilizando o que antes parecia racional e seguro.

A descrição dos aborígenes das ilhas Andaman, que Holmes encontra numa enciclopédia (uma fonte considerada fiável), vem diretamente do discurso colonial, vincando a superioridade do inglês branco, que contrasta com as características psicológicas do selvagem, dadas de modo extremamente negativo e pejorativo:

“The aborigines of the Andaman Islands may perhaps claim the distinction of being the smallest race upon this earth, though some anthropologists prefer the Bushmen of Africa, the Digger Indians of America, and the Terra del Fuegians. The average height is rather below

four feet, although many full-grown adults may be found who are very much smaller than this. They are a fierce, morose, and intractable people, though capable of forming most devoted friendships when their confidence has once been gained.' Mark that, Watson. Now, then, listen to this. 'They are naturally hideous, having large, misshapen heads, small, fierce eyes, and distorted features. Their feet and hands, however, are remarkably small. So intractable and fierce are they that all the efforts of the British official have failed to win them over in any degree. They have always been a terror to shipwrecked crews, braining the survivors with their stone-headed clubs, or shooting them with their poisoned arrows. These massacres are invariably concluded by a cannibal feast.' 'Nice, amiable people, Watson!'" (83-84)

É importante mencionar que o próprio Holmes não discorda da definição acima e funciona como o instrumento destinado a eliminar a dita ameaça que o Outro representa.

Arthur Conan Doyle era sem dúvida uma figura que acreditava no Império e isto nota-se nas suas obras, especialmente em “The Sign of Four”, onde parece branquear os crimes do Império, remetendo-o para um espaço longínquo. E quando um branco, dito civilizado, comete o crime lá fora, nas terras do primitivo, é fácil desculpabilizá-lo, uma vez que se pode alegar ter sido contaminado pela barbárie. Jonathan Small posiciona-se, até, como uma vítima das circunstâncias e de toda a situação vivida na Índia:

“It was all very bad, no doubt,' said he. 'I should like to know how many fellows in my shoes would have refused a share of this loot when they knew that they would have their throats cut for their pains. Besides, it was my life or his when once he was in the fort. If he had got out, the whole business would come to light, and I should have been court-martialled and shot as likely as not; for people were not very lenient at a time like that.'” (130)

Impressionante é a certeza com que Small afirma a pertença dos tesouros de Agra como seus, anulando o facto de terem sido roubados a um indiano e levarem a um assassinato, tendo como único fito apropriar-se deles a qualquer custo: “I believe the best defence I can make is just to hold back nothing, but let all the world know how badly I have myself been served by Major Sholto, and how innocent I am of the death of his son.”(142). Já o crime que acontece em Londres é, como vimos, atribuído a Tonga, branqueando as ações de Small e, por implicação, de todo o Império. De acordo com Patrick Brantlinger, existe uma “regra” tácita, mas muito clara: o que se passa no Império, fica no Império e não pode chegar à metrópole, e o próprio título do seu livro *Rule of Darkness*, simbolicamente indica a existência de regras ou dogmas que orientavam os colonizadores no contexto imperial.

Os crimes cometidos nas colónias eram numerosos e muitos resultaram em fortunas com as quais os colonizadores voltavam do Império e de que a metrópole, por ignorância ou hipocrisia, também beneficiava. Por outras palavras, a civilização funcionava como uma tela de virtudes para o roubo das

colónias, de que o Império Britânico era claro beneficiário. A violência com que os colonizadores muitas vezes tratavam os nativos e as condições desumanas em que eles eram mantidos são grandes pontos negros na história de colonização britânica, que estão bem descritos em *Heart of Darkness*, obra que vai ser analisada de seguida.

Na aproximação da viragem do século, o colonialismo britânico vai começar a ser questionado, quando as colónias e o Outro, em vez de trazerem apenas vantagens e lucro, começam a levantar uma série de problemas. Isto acontece em resultado da desespacialização do primitivo, que rompe as fronteiras estabelecidas e guardadas cuidadosamente e “invade” a Inglaterra vitoriana. O tesouro de Agra não é exceção e serve como exemplo:

“When in India, he and I, through a remarkable chain of circumstances, came into possession of a considerable treasure. I brought it over to England, and on the night of Morstan's arrival he came straight over here to claim his share. He walked over from the station, and was admitted by my faithful Lal Chowdar, who is now dead. Morstan and I had a difference of opinion as to the division of the treasure, and we came to heated words. Morstan had sprung out of his chair in a paroxysm of anger, when he suddenly pressed his hand to his side, his face turned a dusky hue, and he fell backwards, cutting his head against the corner of the treasure-chest. When I stooped over him I found, to my horror, that he was dead.” (Doyle 33)

O mais cómico e trágico ao mesmo tempo é o facto de as pessoas que roubaram o tesouro perderem a cabeça, por ganância, e nem sequer o conseguirem dividir entre si.

Apesar da repulsa e do medo do primitivo, o público leitor vitoriano continua a sentir-se atraído por este exótico e pelas aventuras e enigmas que ele oferece. As histórias de Sherlock Holmes, como “The Sign of Four”, estão repletas de contrastes e oposições: entre ciência e imaginação, entre razão e superstição, entre um presente de suposto progresso e um passado primitivo, entre a evolução e a degradação, a civilização e a barbárie (Clausson 65). E isto, como já dissemos, deve-se ao contexto da época e ao momento de transição que se vivia, em que o que era uno se começa a fragmentar e cria dicotomias e dualidades.

A ganância e os crimes do Império são escondidos e espacializados, e para não desmistificar a ideia dos valores tradicionais, a metrópole não pode saber a verdade. Contudo, o crime de Small (e outros) vem para a metrópole, e com isto toda a conspiração e o silêncio para manter o mito do Império e a visão idealizada deste começam a destruir-se. A figura de Holmes serve para resolver o crime e com isto explicá-lo e branqueá-lo, desviando automaticamente a culpa do Império para o Outro.

De acordo com Clausen, “Holmes’ critical observations apply only to individuals” (115), e não ao sistema, o que sugere que a figura de Holmes é um instrumento que restabelece a ordem moral e social

- e até a imperial. Holmes luta, afinal, para o bem do Império, protegendo os seus interesses. Contudo, e inevitavelmente, notam-se já nas suas histórias algumas das condicionantes que anunciam o futuro.

Capítulo 4: Joseph Conrad *Heart of Darkness*

4.1 Introdução

A obra de Joseph Conrad, *Heart of Darkness*, que vai ser analisada neste último capítulo, foi escolhida por ser extremamente significativa para o argumento principal desta dissertação, uma vez que transmite profundamente toda a problemática em discussão acerca da localização do primitivo no interior do indivíduo. O romance oferece ao leitor uma viagem inversa da habitual, em que o primitivo não vem para o centro da metrópole, como nas obras anteriores, mas pelo contrário, leva as personagens ao passado e aos primórdios de humanidade.

As nossas personagens fazem uma viagem ao mesmo tempo literal e simbólica (literal quando vão para o interior da selva, numa viagem rio acima por um lugar primordial e intocado pela civilização), e simbólica quando passam por um processo de transformação identitária que decorre do confronto direto com o Outro, protagonizado pela selva, descobrindo subsequentemente que esse Outro se localiza dentro do próprio indivíduo. A obra de Conrad oferece uma experiência direta de encontro com esse Outro, sem recurso ao fantástico ou ao maravilhoso, como, por exemplo, a obra de Stevenson analisada aqui. Em *Heart of Darkness*, para se compreender o Outro e, por implicação, nós mesmos, tem de se enfrentar o primitivo direta e literalmente.

O colonialismo tem um papel importante na obra, e para falar do colonialismo temos de especificar que, no caso de *Heart of Darkness*, os acontecimentos tiveram lugar numa colónia belga – o Congo. Sabemos isto a partir da biografia de Conrad, que chegou a visitar o Congo e ficou muito perturbado com a experiência. Para abranger o colonialismo britânico, que é o nosso principal interesse, vamos generalizar e tratar o colonialismo na obra representando-o como colonialismo europeu. A obra em si autoriza esta generalização: “All Europe contributed to the making of Kurtz” (37).

É este colonialismo europeu que Joseph Conrad critica em *Heart of Darkness*, demonstrando a situação dramática que a personagem de Marlow encontra e a que assiste em África. O principal desapontamento e choque de Kurtz e, de uma forma menos intensa, de Marlow, foi a quebra da crença no discurso colonial, que consistia na ideia de que o colonialismo não vai só conquistar, mas está sobretudo empenhado numa missão civilizadora, benemérita e filantrópica, e em salvar o primitivo da “escuridão”, trazendo deste modo a “luz” da civilização, da evolução e do progresso.

Adiantando um pouco a análise das personagens, podemos notar a diferença entre as duas figuras principais (Kurtz e Marlow), o que explicará a diferença do percurso de cada uma. Enquanto Kurtz, fiel imperialista, foi para África na prossecução dos seus ideais, acreditando nessa missão civilizadora, Marlow foi simplesmente realizar o seu sonho da infância de visitar este local “em branco” do globo, que na altura ainda não tinha sido explorado nem colonizado. Marlow parece ter uma ideia muito clara e lúcida sobre o tipo de Companhia que opera nas colónias africanas: “They were going to run an over-

sea empire, and make no end of coin by trade.” (Conrad 7). Possivelmente por isto, ele não teve um desapontamento tão grande e tão doloroso como Kurtz, que acreditava na missão do império quando começou a sua viagem por essas terras longínquas.

No romance de Conrad, a grandiosa ideia do projeto imperial entra em colapso, e não só porque foram criadas condições desumanas e de desigualdade, onde o Outro nunca foi posicionado no mesmo patamar do colonizador, mas também porque Kurtz, em vez de conquistar e civilizar, acaba por ser conquistado e se transforma, em certo sentido, num ser “bárbaro”. Temos de acentuar que na época já se notavam os sinais de problematização do sistema colonial e o início da destruição dos mitos imperialistas. Convém notar que o processo de desespacialização da barbárie se consuma nesta obra, daí ele será um bom remate para o trabalho.

4.2 Conrad e a transição para o Modernismo

Józef Teodor Konrad Korzeniowski, conhecido do público leitor como Joseph Conrad, foi um dos mais talentosos escritores na literatura britânica. Filho de pais polacos, nasceu em 1857 na Ucrânia e é famoso sobretudo pela obra *Heart of Darkness*, embora tenha na sua bibliografia outras obras relevantes, como *Lord Jim* (1900), *The Secret Agent* (1907) e *Nostramo* (1904). Desde os seus 16 anos Conrad sente o apelo do mar e torna-se marinheiro, viajando pela Ásia, África, Austrália e América. Este facto da sua biografia é muito importante, pois a sua experiência de viajar por terras distantes reflete-se nas suas obras. Sobretudo, é notável o seu interesse pela complexidade humana e o lado mais escuro do indivíduo, que Conrad provavelmente observou nas suas viagens.

O tema do primitivo e do inconsciente começa a chamar cada vez mais a atenção da sociedade na viragem do século, enquanto dimensão importante da crise existencial do civilizacional, e autores como Robert Louis Stevenson e Joseph Conrad foram dos primeiros a tratar esta temática nas suas obras. E se *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* se posiciona como romance gótico, *Heart of Darkness*, de Conrad, de acordo com Dryden, já possui alguns dos requisitos do Modernismo:

“It is often argued that Joseph Conrad inaugurated literary modernism with his chilling tale of Belgian imperialism in Africa, *Heart of Darkness*, first published in Blackwood’s Edinburgh Magazine in 1899. Yet no genre or new literary tradition has a unique starting point: modernism grew out of a variety of literary genres, cultural changes, and social and political movements.” (1).

De acordo com Dryden, o desejo de Conrad como escritor era distanciar-se dos movimentos predominantes na literatura vitoriana e usar elementos do que viria a ser o Modernismo. Na obra já se notam elementos como o foco no indivíduo e não na sociedade em geral, o corte com o passado, entre

outros, e preocupações novas, tal como em Stevenson, que o influenciou e serviu “as a leading light.” (5). Relevante é o facto de Stevenson também ter tido experiências em terras longínquas:

“Yet Stevenson and Conrad shared an experience of the exotic and the tropical that resonates through their work.” (Dryden 3). [...] “On the eastern edge of the Southern Hemisphere in 1892-93 Stevenson and Conrad where inspired to write fiction that heralded a break with the bluff confidence of Victorian imperialism and anticipated the dawn of literary modernism.” (Dryden 3).

Podemos argumentar que o contacto direto com o primitivo forneceu aos autores uma visão com duas perspetivas diferentes – a do imperialista e a do bárbaro/primitivo – assim contribuindo para um maior aprofundamento de questões extremamente importante e difíceis, como a da crise civilizacional e o colapso de normas e crenças aceites pala sociedade vitoriana. E como resultado das suas experiências do exótico, Stevenson e Conrad conseguiram retratá-las nas suas obras de uma maneira mais crítica do que, por exemplo, Doyle na obra analisada anteriormente. Ou seja, a viagem literal ao primitivo permitiu-lhes conseguir uma visão mais abrangente e não limitada à do centro.

Estes dois autores têm muito em comum e estão ligados por vários aspetos, e, de acordo com Dryden, as personagens das suas obras têm a mesma função – a de mostrar como o primitivo pode existir em cada um de nós:

“Like Stevenson’s doppelgänger, Kurtz demonstrates that the most upright citizen is prone to the basest of actions. Such realization strikes at the heart of Victorian confidence, exposing fault lines in the imperial project and suggesting that the European imperialist is no better than the 'native' he seeks to subjugate. Just as Jekyll unleashed a primitive, savage self that was as much a part of his identity as the urban doctor, Kurtz succumbs to the repressed savage in his own psyche.” (7)

Sobre Conrad podemos notar que, segundo Brantlinger: “[i]n both *Heart of Darkness* and his autobiographical essays, Conrad registers his youthful excitement over the blank places on the map of Africa and the disillusionment he felt when he arrived at Stanley Falls in 1890.” (239). Daí se depreende que as experiências que viveu na juventude influenciaram a sua criação como escritor, e a sua reação a África não foi positiva; muito pelo contrário, como podemos perceber a partir das suas obras, foi muito perturbadora e desestabilizadora.

Nas palavras de Levine: “[h]is narratives reflect the breakdown of belief in Darwinian gradualism” (226), ou seja, começam a questionar o paradigma anterior, abrindo-se a novas teorias que, por sua vez, lançaram o processo de transição para o Modernismo. Levine acentua que a Filosofia Positivista não pode continuar a ser aplicada em todas as circunstâncias, como anteriormente:

“Conrad explores the difficulties of seeing the human within the context of the nature science was describing. Conrad’s modernism is not an escape from scientific discourse but another selective use of it; and its profound authority shapes his world. It informs the critique of realism which was itself based in a 'scientific' discourse.” (227).

A percepção de que a ciência positivista já não está a conseguir explicar tudo reflete-se, por exemplo, na sátira de Conrad à Frenologia. As tentativas da ciência de estudar a mente humana através dessa pseudociência (mencionada no primeiro capítulo desta dissertação como parte importante da Ciência Positivista devido à sua tentativa de quantificar a mente) estão representadas na obra quando Marlow é convidado a deixar que lhe tirem as medidas do crânio: ““The old doctor felt my pulse, [...] with a certain eagerness asked me whether I would let him measure my head. Rather surprised, I said Yes, when he produced a thing like calipers and got the dimensions back and front and every way, taking notes carefully.” (Conrad 8). A Frenologia está a ser caricaturada e, ainda mais curioso, o próprio médico desconfia que a sua teoria não funciona, ao dizer que as mudanças ocorrem no interior e não no exterior:

“I always ask leave, in the interests of science, to measure the crania of those going out there,' he said. 'And when they come back, too?' I asked. 'Oh, I never see them,' he remarked; 'and, moreover, the changes take place inside, you know.'” (8).

A ilusão que a Ciência Positivista explica tudo está a ser cada vez mais desmistificada.

Brantlinger, por sua vez, acentua a presença na literatura do interesse pelo exótico: “The motif of the exploration of the Dark Continent or of the other blank spaces of the external reality whose meaning seems inward – the fabled journey into the unconscious or the heart of darkness of the explorer – is omnipresent in late Victorian and Edwardian literature.” (246), o que mais uma vez confirma a chegada das mudanças que a viragem do século vai trazer. A seguir vamos tratar do espaço na obra, para tentarmos analisar e perceber a viagem que fizeram as personagens e o modo como as transformou e influenciou.

4.3 O Espaço

Os lugares mais relevantes para uma análise do espaço da obra vão ser Londres e uma das colónias europeias, o nome da qual não é especificado na obra. Segundo o autor, ambos são “dark places”, e até Londres, nas palavras de Marlow, já foi “the darkest place on the earth” (Conrad 3) nos tempos em que os Romanos vieram conquistar uma Albion nebulosa, assim se confirmando que todos vieram dos primórdios primitivos. Embora na obra Londres também represente, para o primeiro narrador, o centro da civilização, a visão de Marlow contribui para diminuir a sua posição de superioridade, seja como crítica ao colonialismo europeu, seja como uma lembrança histórica.

Em *Heart of Darkness*, Londres não é descrita como capital do Império e suposto centro de civilização, que inequivocamente representa um foco de “luz”. Pelo contrário, o comentário de Marlow que vários séculos antes os romanos encontraram um lugar primitivo e escuro no local da Londres/Inglaterra modernas, aumenta a sensação de que aspetos menos positivos existem em Londres e, se não estão expostos, é porque são velados ou rasurados.

A África não tem apenas a função de se revelar como o espaço do primitivo e escuro, mas representa também os aspetos “escuros” do colonialismo, que no fundo atribui à Londres civilizada conotações mais negativas.

O colonialismo, tal como Marlow o representa, demonstra o tratamento desumano dos colonizados como parte essencial do sistema:

“Six black men advanced in a file, toiling up the path. They walked erect and slow, balancing small baskets full of earth on their heads, and the clink kept time with their footsteps. Black rags were wound round their loins, and the short ends behind waggled to and fro like tails. I could see every rib, the joints of their limbs were like knots in a rope; each had an iron collar on his neck, and all were connected together with a chain whose bights swung between them, rhythmically clinking. [...]. They were called criminals, and the outraged law, like the bursting shells, had come to them, an insoluble mystery from the sea.” (11) [...]

“Black shapes crouched, lay, sat between the trees leaning against the trunks, clinging to the earth, half coming out, half effaced within the dim light, in all the attitudes of pain, abandonment, and despair. [...] They were dying slowly—it was very clear. They were not enemies, they were not criminals, they were nothing earthly now—nothing but black shadows of disease and starvation, lying confusedly in the greenish gloom.” (12)

Nestes passos estão presentes pormenores que dão conta do horror do colonialismo e neles reside a crítica de Conrad ao sistema e às condições em que funcionavam as colónias.

A motivação essencial do lucro e a ausência total de sentimentos humanos estão bem claros: “The groans of this sick person,’ he [um dos funcionários coloniais] said, ‘distract my attention. And without that it is extremely difficult to guard against clerical errors in this climate.” (13), e transmitem “[t]he merry dance of death and trade” (10), muito característica da colonização, que explora as pessoas até ao limite e as deixa morrer quando já não são úteis ao sistema.

Na obra, África é simbolicamente representada pela selva, que é o grande antagonista de Kurtz e acaba por vencê-lo, apesar de ser muda e não ter o poder retórico que ele tem. Contudo, a selva tem poder destrutivo e é representada como um organismo indominável, que sai sempre vencedor e perante qual a civilização é impotente.

O rio que atravessa a selva também está carregado de simbolismo na obra, pois conduz literalmente as personagens ao passado primordial:

“Going up that river was like traveling back to the earliest beginnings of the world, when vegetation rioted on the earth and the big trees were kings. An empty stream, a great silence, an impenetrable forest. The air was warm, thick, heavy, sluggish. There was no joy in the brilliance of sunshine.” (25)

Esta descrição mostra o rio como uma força extremamente poderosa e perigosa, e a sua forma de serpente relembra um organismo que é capaz de hipnotizar e seduzir. O rio em forma de serpente funciona como um símbolo de atração e fascínio, sendo impossível resistir ao seu magnetismo, uma característica típica do exótico. Marlow descreve este fascínio e a sensação de perigo que sente ao mesmo tempo, e aos quais não consegue resistir:

“It had become a place of darkness. But there was in it one river especially, a mighty big river, that you could see on the map, resembling an immense snake uncoiled, with its head in the sea, its body at rest curving afar over a vast country, and its tail lost in the depths of the land. And as I looked at the map of it in a shop-window, it fascinated me as a snake would a bird—a silly little bird. [...] The snake had charmed me.” (6)

E, se nas obras anteriores, o exótico que chegava à metrópole fascinava e atraía (como a casa de Sholto, ou como Tonga), embora havendo sempre alguma possibilidade de controle do mesmo e de proteção contra ele, aqui, na selva, não há como fugir, pois este é o lugar do exótico, onde o primitivo é imanente e acaba por consumir o indivíduo:

“I wondered whether the stillness on the face of the immensity looking at us two were meant as an appeal or as a menace. What were we who had strayed in here? Could we handle that dumb thing, or would it handle us? I felt how big, how confoundedly big, was that thing that couldn't talk, and perhaps was deaf as well. What was in there?” (20)

Durante a sua viagem, Marlow sente constantemente o poder avassalador e a energia vital deste espaço, tão poderoso como perigoso.

O espaço na obra é representado pela selva, o rio e a natureza em geral, que se revela muito mais poderosa do que a personagem de Kurtz, quando o consome, apropriando-se dele e manifestando com isto a vitória do primitivo e do bárbaro sobre a civilização, assim como a da escuridão sobre a luz.

No seu artigo “An Image of Africa: Racism in Conrad's *Heart of Darkness*” (1977) Chinua Achebe atribui um significado particular aos dois rios, o Tamisa em Londres e o Congo em África:

“The book opens on the River Thames, tranquil, resting, peacefully 'at the decline of day after ages of good service done to the race that peopled its banks.' [...] But the actual story

will take place on the River Congo, the very antithesis of the Thames. The River Congo is quite decidedly not a River Emeritus. It has rendered no service and enjoys no old-age pension.” (1).

A comparação entre os dois rios faz parte da argumentação usada por Achebe na sua leitura crítica do romance, acentuando a posição privilegiada do Tamisa na obra, como um lugar que evoluiu e venceu a escuridão. Da perspectiva de Achebe, o discurso de Conrad sobre o Congo como um lugar que se mantém na escuridão é racista e pejorativo, embora se possa argumentar que a escuridão está presente tanto num, como noutro:

“But if it were to visit its primordial relative, the Congo, it would run the terrible risk of hearing grotesque echoes of its own forgotten darkness and falling victim to an avenging recrudescence of the mindless frenzy of the first beginnings.” (1).

No fundo, com esta comparação de dois rios, Conrad tenta desmistificar o mito das ideias imperialistas de superioridade e mostrar que todos vieram de mesmas origens e com isto são iguais, e a civilização não traz só luz, mas contém a escuridão também. Contudo, inequivocamente iguala o primitivo e a escuridão, o que pode criar uma sensação de racismo e com isto dar azo a críticas como a de Achebe.

4.4 As Personagens

Nos termos da nossa análise, as personagens principais, Marlow e Kurtz, fizeram a viagem de um lugar civilizado para um primitivo e sofreram metamorfoses e transformações significativas. Para começar, é relevante mencionar que nenhuma delas é estática, antes figuras em constante mutação, devido ao contacto direto com a selva. Não é o caso de, por exemplo, Holmes, que nunca muda, nunca é moldado ou influenciado pelos lugares ou circunstâncias, mantendo a sua essência estável.

Marlow e Kurtz, contudo, sofrem as suas transformações com intensidades diferentes. Enquanto o primeiro é um exemplo de quem conseguiu evitar (parcialmente) o encantamento da selva e resistir à contaminação pelo Outro, o segundo, pelo contrário, mergulhou na África:

“The wilderness had patted him on the head, and, behold, it was like a ball—an ivory ball; it had caressed him, and—lo! —he had withered; it had taken him, loved him, embraced him, got into his veins, consumed his flesh, and sealed his soul to its own by the inconceivable ceremonies of some devilish initiation. He was its spoiled and pampered favourite.” (Conrad 36).

A selva, África, ou melhor, o espaço do primitivo, acariciou Kurtz como o seu favorito, abriu-lhe as portas para a luz do conhecimento sobre questões existenciais, e, não querendo largar mão dele, consumiu-o. Quem é Kurtz, então, o escolhido para ser iniciado nos segredos proibidos?

Como já referimos acima, Kurtz era o paradigma do colonizador europeu, chegando a África com a missão de conquistar e civilizar, ao mesmo tempo que é um funcionário exemplar e muito apreciado pela Companhia:

“He is a prodigy,' he said at last. 'He is an emissary of pity and science and progress, and devil knows what else. We want,' he began to declaim suddenly, 'for the guidance of the cause entrusted to us by Europe, so to speak, higher intelligence, wide sympathies, a singleness of purpose.’” (19)

Kurtz conseguiu recolher enormes quantidades de marfim: “Further questions elicited from him that Mr. Kurtz was at present in charge of a trading-post, a very important one, in the true ivory-country, at 'the very bottom of there. Sends in as much ivory as all the others put together.’” (14). E enquanto a Companhia valoriza os talentos de Kurtz pelo lucro que ele lhe proporciona, Marlow é conquistado pela profundidade filosófica das palavras de Kurtz:

“This is the reason why I affirm that Kurtz was a remarkable man. He had something to say. He said it. Since I had peeped over the edge myself, I understand better the meaning of his stare, that could not see the flame of the candle, but was wide enough to embrace the whole universe, piercing enough to penetrate all the hearts that beat in the darkness. He had summed up—he had judged. 'The horror!' He was a remarkable man.’” (53)

Kurtz chegou a África com os ideais da missão fortemente interiorizados, sobretudo graças à retórica imperialista e colonialista, embora no final acabe por subscrever uma ideia absolutamente oposta em relação a esta questão, e a sua percepção das ideias e dos valores civilizacionais mude completamente. A transformação por que Kurtz passa e o colapso das suas crenças iniciais ocorrem sobretudo graças ao poder que adquire em África como colonizador e a impunidade de que sem dúvida goza, ultrapassando todos os limites e tentando apropriar-se de tudo: “My Intended, my station, my career, my ideas—these were the subjects for the occasional utterances of elevated sentiments.’” (51).

Na sua viagem simbólica aos primórdios do primitivo, Kurtz desceu a um nível que o torna “pior” do que os primitivos, porque não se impõe limites e atravessa fronteiras civilizacionais estabelecidas. Segundo Brantlinger “In going native, Kurtz betrays the civilizing ideals with which supposedly he set out from Europe.’” (261), ou seja, passou para além das fronteiras imaginadas ou convencionalmente aceites.

Curiosamente, os nativos, por sua vez, parecem ter a noção dos limites e mantêm as fronteiras, como se prova quando os canibais, apesar da fome, não exerceram atos de canibalismo: “Why in the name of all the gnawing devils of hunger they didn't go for us—they were thirty to five—and have a good tuck-in for once, amazes me now when I think of it.’” (31), contrastando, portanto, com Kurtz, que “has no restraint” e que transgrediu os limites, graças ao seu poder e falta de autocontrole. Brantlinger também

reforça este ponto: “In *Heart of Darkness*, Marlow describes Kurtz as an eloquent voice, though uttering emptiness, 'the horror, the horror'. The restraint of the African 'cannibals' who serve as Marlow's crew stands as obvious contrast to the fact that 'Mr. Kurtz lacked restraint in the gratification of his various lust'.” (247), indicando assim que Kurtz, ao contrário dos nativos, não se conteve e seguiu os seus impulsos inconscientes. As palavras de Brantlinger poderão indicar também que Kurtz participou em vários rituais bárbaros (possivelmente envolvendo canibalismo), situando-se muito para além dos limites até do humano: “Kurtz joins the native in their 'unspeakable rights', worshipping his own unrestrained power and lust.” (262).

A missão de Kurtz no Congo acaba por não aguentar o encontro com a crua realidade, e ele próprio regride à condição de primitivo, ao mesmo tempo exercendo o seu poder ilimitado impunemente. Este poder de Kurtz é excessivo, tal como o poder do Império, e põe a nu a verdadeira natureza do projeto colonial. E com o seu exercício de poder ilimitado Kurtz mostra a verdadeira face do colonialismo, que no fundo é movido pela ganância que o torna extremamente violento, desumano e predador em relação a colonizados.¹⁰

Marlow, por sua vez, difere de Kurtz em vários aspetos. Antes de mais, a sua motivação principal em viajar para África não teve um intuito prioritariamente comercial ou ideológico, ao contrário de Kurtz. E como mencionado anteriormente, foi simplesmente a concretização de uma aventura com que sonhava desde a infância: “When I grow up I will go there.” (5).

Outro ponto relevante é o facto de Marlow não se deixar seduzir pela retórica e ideologia imperialistas, nem subscrever acriticamente a noção da missão civilizadora. Marlow entendia muito claramente a motivação do colonialismo e a sua natureza de exploração: “She talked about 'weaning those ignorant millions from their horrid ways,' till, upon my word, she made me quite uncomfortable. I ventured to hint that the Company was run for profit.” (9).

Estes fatores poderão ter ajudado Marlow na sua viagem, permitindo-lhe distanciar-se dos perigos potenciais que encontra no Congo e não ser totalmente consumido, como Kurtz, que em vez de fazer uma viagem missionária, acaba por fazer uma viagem ao conhecimento proibido, descobrindo a verdade sobre o seu inconsciente, sobre a natureza humana e o sistema imperial. Como também descobre que

¹⁰ É importante mencionar que os exemplos de poder ilimitado, e o que é mais importante, muitas das consequências do colonialismo ainda não são assumidas nos nossos dias. Como exemplo destas consequências, em 2020 podemos invocar o movimento de retirar as estátuas que celebram o colonialismo e os grandes colonizadores. Na consequência deste movimento surgem vários artigos que levantam a problemática do branqueamento de práticas colonizadoras, entre eles o artigo de George Monbiot, “Boris Johnson says we shouldn't edit our past. But Britain has been lying about it for decades.”, em *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/jun/16/boris-johnson-lying-history-britain-empire>

tudo em que acreditava é muito frágil e que a estabilidade (em que os vitorianos tanto acreditavam) é efêmera, não havendo certezas de nada, nem sequer em termos das crenças religiosas e morais. Kurtz confronta o primitivo e isso implica o confronto com a sua própria consciência, descobrindo assim o seu lado escuro (tal como Dr. Jekyll). Através de Marlow conseguimos saber o que aconteceu a Kurtz e qual a possível causa da sua loucura e morte:

“[s]ome small matter which, when the pressing need arose, could not be found under his magnificent eloquence. Whether he knew of this deficiency himself I can't say. I think the knowledge came to him at last—only at the very last. But the wilderness had found him out early and had taken on him a terrible vengeance for the fantastic invasion. I think it had whispered to him things about himself which he did not know, things of which he had no conception till he took counsel with this great solitude—and the whisper had proved irresistibly fascinating. It echoed loudly within him because he was hollow at the core [...]” (43)

A ilusão de Kurtz de possuir África também reflete a natureza do colonialismo em geral:

“You should have heard him say, 'My ivory.' Oh, yes, I heard him. 'My Intended, my ivory, my station, my river, my—'everything belonged to him. It made me hold my breath in expectation of hearing the wilderness burst into a prodigious peal of laughter that would shake the fixed stars in their places. Everything belonged to him—but that was a trifle. The thing was to know what he belonged to, how many powers of darkness claimed him for their own. That was the reflection that made you creepy all over.” (36)

E, obviamente, essa ilusão desmorona-se após o seu entendimento de que na verdade o indivíduo é muito frágil e não controla a selva, nem o próprio inconsciente. Esta é, sem dúvida, a descoberta mais perturbadora para Kurtz:

“[h]is—let us say—nerves, went wrong, and caused him to preside at certain midnight dances ending with unspeakable rites, which—as far as I reluctantly gathered from what I heard at various times—were offered up to him—do you understand? —to Mr. Kurtz himself.” (37)

Não podemos deixar de mencionar a roupa, como um símbolo importante para a análise de personagem. A roupa funciona na obra como um elemento constitutivo da identidade. Na sua chegada a África, Marlow encontra várias figuras, representantes do colonizador branco, envergando uma roupa imaculada e desadequada ao clima africano. Pelo contrário, e muito significativamente, quando Marlow vê Kurtz pela primeira vez, a personagem está praticamente nua: “His covering had fallen off, and his body emerged from it pitiful and appalling as from a winding-sheet. I could see the cage of his ribs all astir, the bones of his arm waving.” (45), literalmente despido e simbolicamente livre das regras e fronteiras morais e civilizacionais.

A roupa poderá servir como um atributo que destaca a classe e posição social do indivíduo, como pode ter também a função metafórica de tapar ou de esconder algo inaceitável à sociedade. A insistência do colonizador em manter a roupa inalterada funciona como uma tentativa de manter as fronteiras da civilização intocáveis e não se deixar contagiar pelo primitivo, e é uma forma de manter e preservar a sua identidade superior e civilizada. O indivíduo que Marlow encontra na “Outer Station” impressiona-o pela escrupulosidade e cuidado posto no aspeto:

“When near the buildings I met a white man, in such an unexpected elegance of get-up that in the first moment I took him for a sort of vision. I saw a high starched collar, white cuffs, a light alpaca jacket, snowy trousers, a clean necktie, and varnished boots. No hat. Hair parted, brushed, oiled, under a green-lined parasol held in a big white hand. He was amazing and had a penholder behind his ear. [...] I shook hands with this miracle, and I learned he was the Company's chief accountant, and that all the book-keeping was done at this station. [...] Moreover, I respected the fellow. Yes; I respected his collars, his vast cuffs, his brushed hair. His appearance was certainly that of a hairdresser's dummy; but in the great demoralization of the land he kept up his appearance. That's backbone. His starched collars and got-up shirt-fronts were achievements of character.” (13)

Em oposição, os nativos na obra estão descritos sem, ou quase sem roupa, o que em termos da obra denota a sua pertença ao primitivo, ou seja, à condição sem regras e normas habituais para um indivíduo civilizado.

Numa certa altura da sua viagem pelo rio, Marlow realiza a precariedade da civilização e utiliza a metáfora da roupa como elemento simbólico: “Principles won't do. Acquisitions, clothes, pretty rags—rags that would fly off at the first good shake.” (27). Enquanto o colonizador mantém a sua roupa e o seu estado interior civilizados, ou seja, dentro dos limites e normas, Kurtz despe-se das duas. A conclusão de Marlow sobre a roupa como um requisito da civilização demonstra a fragilidade da própria ideia de civilização como construção social, que numa situação crítica é capaz de cair de um momento para outro, uma vez que a essência do indivíduo contém o primitivo e bárbaro, e que a civilização não faz parte exclusiva e única da essência humana.

A salvação de Marlow acontece porque ele, ao contrário de Kurtz, pára a tempo e não ultrapassa a fronteira que divide rigorosamente o primitivo e o civilizado:

“True, he had made that last stride, he had stepped over the edge, while I had been permitted to draw back my hesitating foot. And perhaps in this is the whole difference; perhaps all the wisdom, and all truth, and all sincerity, are just compressed into that inappreciable moment of time in which we step over the threshold of the invisible. Perhaps!” (53)

Kurtz acaba por não voltar da selva e morre, levando consigo o conhecimento e as descobertas que África lhe ofereceu. Contudo, Marlow consegue agarrar este conhecimento, embora não todo, pois não

chegou a ultrapassar a linha proibida. Na sua viagem, Marlow descobre a verdade sobre o Eu e volta para Londres, contudo mantém as suas descobertas em segredo.

Marlow mostra-se extremamente fiel ao seu dever de manter escondida a verdade sobre Kurtz, para preservar a sua reputação brilhante na Companhia: “I was to have the care of his memory. I've done enough for it to give me the indisputable right to lay it, if I choose, for an everlasting rest in the dust-bin of progress, amongst all the sweepings and, figuratively speaking, all the dead cats of civilization.” (38). Outra grande mentira de Marlow foi à noiva de Kurtz, quando a verdade tinha de ser reprimida, pois a crença em Kurtz e na sua missão por parte da noiva era demasiado grande: “[...] I wonder, if I had rendered Kurtz that justice which was his due? Hadn't he said he wanted only justice? But I couldn't. I could not tell her. It would have been too dark—too dark altogether...” (59). Por mais difícil que tenha sido para Marlow mentir, dizer a verdade sobre Kurtz, sobre suas últimas palavras e as suas descobertas durante a sua viagem, era mais difícil ainda. Porque a verdade destruía as crenças e mergulharia todos na escuridão.

4.5 O primitivo e a sua desespacialização

Depois do que já foi exposto acima, fica claro que, enquanto em *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* o primitivo era o resultado de uma metamorfose e só constituía uma parte de Dr. Jekyll (uma parte que ele conseguia separar), em *Heart of Darkness* o primitivo é uma parte essencial do indivíduo e ocupa na totalidade o seu interior. *Heart of Darkness* é, assim, um sintoma ainda mais notório da crise existencial e do grande abalo sofrido pelo discurso imperialista e colonial que postulava a superioridade do europeu sobre o primitivo. O que provoca este abalo é a perceção da possibilidade do processo inverso de evolução, ou seja, do processo de regressão e o perigo que isso constituiria para a civilização.

A obra deixa-se ler também a partir das teorias de Sigmund Freud, se entendermos que Kurtz sofre um processo de substituição do Superego pelo Id, que passa a dominar o interior do indivíduo. Marlow, por sua vez, funciona como mediador entre o Superego e o Id, ou seja, como o Ego – distanciado e pragmático e, quando ouve o apelo da selva, tenta sempre resistir e não ultrapassar os limites estabelecidos. Marlow tenta evitar sempre estas tentações, e ficar como observador, com isto intervindo o menos possível no desenrolar do destino de Kurtz. A sua função é a de lembrar os limites e gerir o Superego e o Id, mantendo-se distanciado. Contudo, isto não permite a Marlow manter-se inviolável e fazer esta viagem impunemente, viagem essa que muda a sua consciência para sempre. Apesar de Marlow não mergulhar na selva e ceder ao seu lado primitivo, ele volta para a metrópole e tem de viver com o que aprendeu na terra do Outro.

Segundo Elbarbary, a reação ao primitivo comportava cada vez mais, na época vitoriana, um misto de atração e rejeição: “A fascination with primordial darkness, the oxymoronic 'fascination of the

abomination' that Marlow in *Heart of Darkness* offers to his listeners was prevalent in the late nineteenth century, reflecting a belief in man's animal origins.” (113). Os escritores da época, por sua vez, nas palavras de Elbarbary, “[a]imed to tell the unvarnished truth about the ugly and frightening realities of man's nature hidden behind an attractive façade.” (113) através do poder da sua voz. E, naturalmente, a literatura veiculava essas questões existenciais e problemáticas, entre as quais a do primitivo como parte integrante do indivíduo, e de grande atualidade na crise existencial da viragem do século.

A obra de Conrad foi fundamental nesse processo, permitindo ao leitor sentir o primitivo de uma forma agressiva e assustadora. Tal acontece com a percepção da possibilidade de que o civilizado e o primitivo são iguais e o, que é pior, não de uma maneira positiva, mas na medida em que são ambos negativos e terríveis: “[a]ll creatures are united in the primitive natural state, and the highest/lowest hierarchy is blurred” (Elbarbary 113). Para a sociedade vitoriana, imperialista e colonizadora, convencida da sua superioridade sobre as outras raças, esta ideia é impensável e chocante: “A marked premise of nineteenth-century ideology, generating more colonial rhetoric, is the superiority of the white races in the evolutionary scheme to the 'primitive' or 'savage'.” (Elbarbary 113).

A personagem de Marlow tem uma súbita percepção de tal facto, quando compara os nativos a ele mesmo:

“It was unearthly, and the men were—No, they were not inhuman. Well, you know, that was the worst of it—this suspicion of their not being inhuman. It would come slowly to one. They howled and leaped, and spun, and made horrid faces; but what thrilled you was just the thought of their humanity—like yours—the thought of your remote kinship with this wild and passionate uproar. Ugly. Yes, it was ugly enough; but if you were man enough you would admit to yourself that there was in you just the faintest trace of a response to the terrible frankness of that noise, a dim suspicion of there being a meaning in it which you— you so remote from the night of first ages—could comprehend.” (27)

O que é muito perturbador, portanto, é perceber que nós somos iguais a eles (bárbaros). O facto de os nativos serem humanos não é tão repugnante como o facto de Marlow reconhecer a sua afinidade com eles e, portanto, compreender que o ser civilizado tem muito em comum com o ser bárbaro e primitivo, ou até, partindo da mesma origem, é igual a eles.

O próprio Marlow sente, em certo momento, a tentação de sair do barco e de ir dançar com os nativos, sente a atração e o magnetismo da selva, apesar dos limites impostos pela sociedade. A vontade de se manter dentro dos limites faz com que Marlow resista a esse apelo: “You wonder I didn't go ashore for a howl and a dance? Well, no—I didn't. Fine sentiments, you say? Fine sentiments be hanged! I had no time.” (27).

A intensidade da problemática da interiorização do primitivo que a obra de Conrad traz deve-se também ao fenómeno de desespacialização, que acontece de uma maneira absolutamente inesperada, porque as

ideias e valores da época pareciam muito estáveis e sólidos. Apesar do Outro vir as terras civilizadas, como no exemplo da personagem de Tonga de “The Sign of Four”, em *Heart of Darkness* acontece um fenómeno muito mais perturbador - o dito civilizado vai às terras do primitivo onde fica contaminado pelo Outro, em resultado da violação das fronteiras e contacto demasiado próximo com o mesmo. A desespacialização na obra de Conrad é muito mais radical do que a das outras obras, e é muito mais profunda, porque o primitivo agora se move para o interior do indivíduo e passa a ser entendido como parte da sua essência. O que não é fruto da contaminação, mas o reconhecimento de que nem é preciso haver contaminação, porque o primitivo existe antes do contacto com o Outro.

Nesta atitude de Marlow de rasurar o que foi visto na colónia, lê-se o receio da possível desespacialização do primitivo, agora completamente interiorizado e entendido como parte da essência humana, assim quebrando os pilares da civilização, empurrando todos para o passado e os primórdios. A questão torna-se desestabilizadora quando chega a clara percepção de que as fronteiras quebradas não são (só) físicas, o que era facilmente resolvido, mas psicológicas e existenciais. Este é o maior medo exposto na obra pelo autor, que apesar de criticar o colonialismo em geral, não permite ao primitivo sair do seu espaço físico, mantendo Kurtz no Congo, e assim tenta evitar a revelação perturbadora sobre o primitivo em termos existenciais. A personagem de Marlow, por sua vez, distancia-se dos monstros da selva e ao mesmo tempo do monstro dentro de si, com perfeita consciência de que isso é ilusório e uma mentira.

A viagem na obra é muito simbólica e retrata a viagem da humanidade numa direção inversa, para trás, rumo às origens. Conrad anuncia a chegada do Modernismo na sua visão pessimista sobre o ser humano. Quanto mais Marlow penetra na selva e na sua escuridão, mais ele sente a sua pertença ao primitivo e a afinidade com ele: “[b]ut what thrilled you was just the thought of their humanity—like yours—the thought of your remote kinship with this wild and passionate uproar.” (27). De acordo com Kesselring “Marlow is not blinded with this new-found relationship with the 'heart of darkness' but is instead conscious of its power.” (23). E este ponto é o que o salva de ser consumido, como no caso de Kurtz.

Convém lembrar que a teoria da evolução de Darwin, que pressupõe uma evolução linear e num sentido ascendente, é desmistificada nesta obra, porque a viagem de Kurtz é exatamente a contrária - para trás e para os primórdios, em direção do primitivo:

“Heart of Darkness harkens back to origins. It suggests that a naked exposure of the human ego, unshielded by the civilization and its self-contents, to a world of savagery presumed to be far beneath it is, in a long evolutionary run, only a baring of the soul to the most primarily rooted human impulses. To plumb the native is to come up against the innate, apart from all cultural or racial demarcations.” (Stewart 319).

O que podemos ler na obra é que o primitivo não existe só lá fora na selva, no espaço físico e limitável, mas certamente está dentro do ser humano e é parte da sua essência. E, com isto, desmorona-se a ideia da civilização como algo de inabalável e totalmente seguro.

4.6 Conclusão

A obra de Joseph Conrad, *Heart of Darkness*, descreve uma viagem a África, realizada por Marlow e Kurtz, que acaba por ser uma viagem ao conhecimento proibido. Este conhecimento traz a luz sobre o inconsciente do Eu e ao mesmo tempo mergulha a civilização na escuridão desta verdade. A dicotomia entre a luz e a escuridão acompanha a obra, tal como acompanha a viragem do século, no seu processo de busca acerca da natureza do Eu, da crise existencial do indivíduo que tenta unificar um Eu frágil e fragmentado. O processo de interiorização do primitivo torna-se extremamente doloroso para os vitorianos, porque despe a civilização da capa da superioridade.

Ao contrário da obra anterior, onde Tonga (representante do primitivo) vai à metrópole e aí cria o caos, na obra de Conrad o branco civilizado (Kurtz) vai à terra do Outro não para o conhecer e entender, mas para explorar as riquezas locais e subjugar os nativos à civilização branca/ocidental, acabando por ser contaminado e consumido, criando também o caos. Como vimos, o cenário é o oposto e o problema não tem hipótese de resolução (não existindo Holmes para tudo esclarecer e restabelecer a ordem), o que sinaliza um final problemático e extremamente pessimista. A ideologia do Império de manter o sigilo sobre tudo o que a metrópole não pode saber continua a operar em *Heart of Darkness*. Marlow não trai Kurtz, nem o Império, mas também não restabelece a ordem moral e social, muito pelo contrário – demonstra claramente a impossibilidade de se estabelecer alguma ordem e revela que a civilização é uma criação tão frágil quanto ilusória.

Nas palavras de Brantlinger “In the novella the African wilderness serves as a mirror, in whose darkness Conrad/Marlow sees a death-pale self-image named Kurtz.” (268), podemos ver que a reflexão que a obra criou entre espaço e as personagens, poderia ajudar o indivíduo a perceber o que representa o seu Eu interior. Brantlinger argumenta que Kurtz representava o lado escuro do Império: “All of the white officers in charge of Leopold’s empire were in essence Kurtzes, as eyewitness testimony published by the Congo Reform Association demonstrates.” (268), podendo aplicar-se a todo o colonialismo, pois essas figuras são exemplo do poder excessivo e da impunidade que o sistema imperial lhes proporciona.

Na sua viagem a África, Kurtz percebe a verdadeira natureza do projeto colonizador, que é sobretudo impulsionado por um poder e ganância extremos, desmistificando a missão colonial e os valores que ela supostamente defendia. Contudo, o que se passa no Império tem de permanecer no Império. E exatamente por isso Marlow não pode revelar a verdade sobre Kurtz e as suas descobertas. Pelo contrário, Marlow promete continuar sempre a ser fiel a Kurtz: “I did not betray Mr. Kurtz—it was

ordered I should never betray him—it was written I should be loyal to the nightmare of my choice.” (48). Para Kesselring, “[h]e [Marlow] does not judge Kurtz, as a company and civilization do according to the standard that Kurtz has forsaken.” (25).

Kurtz tem uma coragem extraordinária, uma coragem de olhar para o primitivo dentro de si, o que Marlow, por exemplo, não tem. E não só Marlow, como toda a civilização evita olhar para o abismo dentro de si, para que este abismo não olhasse de volta, e para não repetir o destino de Kurtz. No fundo, a ingorância do primitivo pode simplesmente ser um instinto de auto-preservação, que permite à civilização manter a sua existência. Outro talento fenomenal de Kurtz é o poder retórico, que no início da sua viagem foi usado em favor de Companhia, e no momento final da sua viagem permitiu a Kurtz descrever a essência humana com uma única palavra, “The Horror!”, e com isto fazer com que a retórica colonialista caísse por terra. Este poder de Kurtz não pode deixar de criar um sentimento de respeito e fascínio em Marlow, o que também de alguma maneira o obriga a manter o segredo de Kurtz.

Na sua decisão de não denunciar a verdade que adquiriu em África, Marlow está a rasurar os crimes do Império e acaba por ser cúmplice deles, porque não podem existir observadores neutros. Com isto, a personagem de Marlow, ao contrário de Holmes, não estabelece a ordem no final, não oferecendo, assim, um final positivo ao leitor; muito pelo contrário, a conclusão é extremamente pessimista, o que se deve à interiorização do primitivo e à noção de que ele está dentro do indivíduo. No final o leitor fica com uma imagem negativa tanto do indivíduo, como da civilização.

A história de Kurtz reflete também a ideia de que no caso do indivíduo se livrar de qualquer ligação com o sistema dos valores civilizacionais e o controle que mantém a ordem neste sistema, o indivíduo perde os pontos de referência que o orientam no seu interior e que criam alguma defesa perante o poder do inconsciente e dos seus impulsos negativos:

“And, don't you see, the terror of the position was not in being knocked on the head—though I had a very lively sense of that danger, too—but in this, that I had to deal with a being to whom I could not appeal in the name of anything high or low. I had, even like the niggers, to invoke him—himself—his own exalted and incredible degradation. There was nothing either above or below him, and I knew it. He had kicked himself loose of the earth. Confound the man! he had kicked the very earth to pieces.” (50)

A conclusão final de Kurtz é extremamente relevante, pois as suas últimas palavras, “The horror!” refletem toda a verdade descoberta por Kurtz sobre a humanidade, a civilização, o interior do indivíduo e as questões existenciais que ele enfrenta, bem como todo o horror que estas descobertas lhe trouxeram. As palavras de Brantlinger dão bem conta da dimensão da dissolução que Kurtz sofre no final da sua viagem a África, aplicáveis também à dissolução da viragem do século em geral: “Kurtz’s dying words are an outcry against himself – against his betrayal of civilization and his Intended, against the smash-up of his early hopes, against his bloody domination.” (270).

Na obra a dicotomia entre luz e escuridão é omnipresente. O século XIX em geral e a era vitoriana em particular eram convencionalmente entendidos como uma época de luz, graças às suas descobertas científicas e ao progresso imparável, mas na viragem do século entrou-se numa fase de escuridão e de dúvidas.

Para concluir, é importante salientar que o romance se inicia na capital do Império, em Londres, no momento em que o dia acaba e a noite começa, tal como o final da obra se retoma o cenário do pôr do sol e o início da escuridão, que agora envolve tudo. Metaforicamente, a obra indica que a história de Marlow, tal como a civilização em si, é apenas um momento transitório e precário, uma ténue luz na eterna escuridão: “The offing was barred by a black bank of clouds, and the tranquil waterway leading to the uttermost ends of the earth flowed sombre under an overcast sky— seemed to lead into the heart of an immense darkness.” (59). A narrativa, tal como o círculo da vida, fecha-se no mesmo ambiente de escuridão em que começou e a luz dá outra vez lugar às trevas.

Conclusão

O fascínio pela época vitoriana com todo o seu suposto brilho e glória despertou o meu interesse em estudar a queda e a crise que vieram a seguir na viragem do século, e daí nasceu, naturalmente, uma curiosidade em descobrir as raízes e as causas da mesma.

O impulso inicial que levou à escrita desta dissertação foi o interesse em investigar e explorar o processo que o indivíduo viveu durante a interiorização do primitivo dentro das condições oferecidas pelo contexto da crise da viragem do século, assim como explorar as alterações e as metamorfoses que o indivíduo sofreu durante este processo.

Para este efeito foram escolhidas as três obras, a leitura atenta e a análise das quais deveriam ajudar a esclarecer as questões que surgiram, tais como: quais foram os sintomas da crise na viragem do século? Como reagiu a elas o indivíduo? Como interiorizou a nova realidade? Como lidou com a crise existencial e civilizacional depois da queda das crenças habituais?

Como vimos, a descoberta maior foi a perceção de que o indivíduo não só possui as características positivas e aceitáveis pelas normas civilizacionais, como é capaz de conter o primitivo dentro de si, que ocupa uma parte significativa do seu interior, ou seja, a sua parte essencial. A análise detalhada destas obras demonstrou o processo da interiorização do primitivo no exemplo das personagens analisadas, e provou que este processo não foi simples ou linear, muito pelo contrário, revelou-se como extremamente complexo e traumático para o indivíduo. Provavelmente, o indivíduo não conseguirá interiorizar por completo a ideia do primitivo como a sua parte essencial e continuará a recusá-la e a procurar provas em contrário. Isto poder-se-á explicar pela tentativa de evitar o processo de regressão evolucionar e o seu resultado, a eliminação do indivíduo dito civilizado. A recusa em aceitar o primitivo dentro de si será sempre uma tentativa de auto-preservação.

Após a análise feita nesta dissertação podemos tirar algumas conclusões. Começando pelas causas e sintomas, vimos que os efeitos bruscos da industrialização, da urbanização e do progresso científico e tecnológico foram essenciais para provocar a crise socioeconómica que a seguir se transformou em crise existencial do indivíduo. Os problemas que a crise socioeconómica trouxe revelaram os pontos problemáticos do interior do indivíduo, ou seja, libertaram o primitivo do indivíduo que estava a ser reprimido por regras e normas morais da sociedade. O que prova que as condições, especialmente as mais desfavoráveis e críticas, podem revelar as características negativas do indivíduo, quando os instintos se activam, apagando com isto as regras e normas sociais.

A problemática destas descobertas deve-se à incapacidade de a civilização fazer uma análise imediata das mudanças ocorridas e também ao ritmo e à rapidez das mesmas. O indivíduo vitoriano não teve a capacidade de digerir as mudanças tão bruscas que o progresso trouxe, tal como o impacto do início da

Modernidade. Possivelmente, se o processo fosse mais linear e menos impetuoso, o indivíduo talvez conseguisse vivê-lo com um trauma menor. Ou seja, tinha tempo suficiente para chegar à conclusão que tudo aquilo em que se acreditara durante muito tempo não era a verdade absoluta, como também de interiorizar lentamente as mudanças e as novas ideias.

Por outro lado, é paradoxal o efeito contrário desse salto qualitativo, quando a Modernidade, em vez de trazer vantagens inequívocas, traz complicações e dificuldades ao indivíduo. Contudo, como foi dito acima, a rapidez dos acontecimentos poderá explicar este efeito contrário, juntamente com a queda dos pilares mais importantes da época vitoriana, como a Ciência Positivista, a ideologia colonialista, a crença na razão e na lógica, o que, por sua vez, resultou na desilusão e na descrença do indivíduo no seu futuro.

É relevante mencionar que a classe dominante é a que mais se preocupa e é quem sente vivamente a problemática, porque tem muito a perder, ao contrário de classes baixas, que permanecem em estado de crise e insegurança constante. Mas, claro, em geral o problema é percebido por todas as classes, pois o efeito negativo chega a todas.

Quando a Ciência Positivista e o poder colonial começam a perder a sua influência, quando já não se acredita na ciência, na razão e na lógica, e no indivíduo como algo de uno e racional, este mesmo indivíduo começa a sentir-se frágil e fragmentado, o que prova a grande importância do contexto para o processo de interiorização do primitivo e das novas ideias na consciência do indivíduo.

Voltando às nossas obras, vimos como na primeira obra analisada na dissertação Robert Louis Stevenson nos oferece como exemplo o centro de Londres, onde a ciência, que era tão estável e segura, agora foge ao controlo. A experiência que Dr. Jekyll vive serve como paradigma de um indivíduo que tenta distanciar-se do seu novo Eu (que ele descobre com a ajuda da ciência em que acredita e a que confia a sua vida) porque ainda não sabe como lidar com os dois Eus ao mesmo tempo: o Eu que é aceite pela sociedade e o Eu primitivo, inaceitável num mundo civilizado. A sua fraqueza perante os instintos e desejos primitivos cria em Dr. Jekyll o medo de uma possível regressão, igualmente provocado pela queda das normas e crenças habituais.

Por sua vez, a hipocrisia que existia na época vitoriana não permite a interiorização do primitivo e obriga a escondê-lo da sociedade. Como também cria a falta de flexibilidade em aceitar e gerir a complexidade do novo Eu, o que, na obra em causa, não permite a Dr. Jekyll evitar o desfecho trágico. O resultado da experiência e das tentativas de Dr. Jekyll de lidar com o seu Eu escuro e primitivo devem-se ao facto de não aceitar a nova realidade onde as crenças antigas perderam o seu poder.

Já no conto de Arthur Conan Doyle é-nos oferecida a resolução da problemática da interiorização do primitivo, o que acontece através da eliminação do Outro, pois é uma figura física (Tonga) e é relativamente fácil de eliminar. Com a resolução ilusória do problema, Doyle tenta reafirmar o Realismo e os seus paradigmas, e acalmar o leitor com a ilusão de que o Outro está longe ou, quando perto, está

bem controlado. Para este efeito, o autor branqueia e desvia os crimes do Império para a terra do Outro, “limpando” com isto a reputação do Império. Nisto lhe serve de auxiliar a figura do detetive – a personagem de Sherlock Holmes, que, espacializando o Outro, traz de volta a paz e a segurança à sociedade.

Como já dissemos, o Outro em “The Sign of Four” é uma figura física, muito mais fácil de vencer do que o primitivo dentro do indivíduo (como no caso de Dr. Jekyll, que não conseguiu gerir o seu novo Eu). Contudo, o controle sobre o primitivo está a ficar cada vez mais fraco, e este entra pela civilização adentro, criando o caos à sua volta.

A criação de caos pelo Outro é uma das preocupações e medos da sociedade, que teme perder a ordem estabelecida durante séculos. Contudo, Doyle tenta fazer-nos acreditar que o Outro está sob o controle da civilização e pode ser sempre facilmente espacializado ou eliminado, o que, do nosso ponto de vista, como leitores modernos, parece pura ilusão, ou no mínimo uma tentativa de refúgio num mundo habitual e seguro, demonstrando o poder do Império e do colonialismo. Para este efeito, o autor usa a figura do Sherlock Holmes, que encaixa perfeitamente neste cenário e consegue assegurar a estabilidade vitoriana. O conto “The Sign of Four” agarra-se à ilusão de que tudo está como antes – seguro e controlável, o que infelizmente é só uma tentativa de reafirmar o Realismo do passado e suas ideias subjacentes. Contudo, a Modernidade, com as suas mudanças radicais, está ao virar da esquina, já inequivocamente anunciada por Joseph Conrad na última obra analisada neste trabalho – *Heart of Darkness*.

Em *Heart of Darkness*, as personagens fazem a sua viagem literal e simbólica atrás do conhecimento e da interiorização do primitivo no indivíduo. Vimos, que gradualmente, de obra para obra, o lugar da ação se move de Londres (em *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*), para um lugar misto entre Londres e as terras do Outro (em “The Sign of Four”), e por último desloca-se maioritariamente para África (em *Heart of Darkness*), o que prova a intensificação do processo de interiorização do primitivo no indivíduo de obra para obra.

A ação na obra de Conrad desenrola-se praticamente toda em África, tornando o processo que as personagens vivem ainda mais perturbador, uma vez que estão longe do contexto habitual, rodeados pela natureza e pelo seu poder ilimitado. Graças a isto, a problemática é tratada de forma mais intensa (pois não há possível resolução positiva do problema, não existindo um Sherlock Holmes, nem ninguém que reestabelesse a ordem destruída), e a mudança do contexto intensifica o processo de encontro com a alteridade dentro do próprio indivíduo.

A quebra das ideias, das crenças e da missão civilizadora, que eram muito sólidas na personagem do imperialista Kurtz, intensificaram a sua desilusão e determinaram o desfecho trágico do seu destino. O que por sua vez poderá significar a vitória da selva sobre Kurtz, que acabou a sua viagem totalmente conquistado e consumido por ela – o resultado contrário daquele que se esperava no início da sua viagem

a África. Em *Heart of Darkness*, a interiorização do primitivo chega ao seu apogeu, pois acontece de forma mais intensa do que nas outras obras em apreço.

Joseph Conrad parece ter a coragem de olhar diretamente para a verdade e para o conhecimento proibido e passa esta coragem à personagem de Kurtz. Na sua obra, ele desmistifica o discurso colonial, embora o texto tenha alguma ambivalência, uma vez que por um lado o autor revela os excessos do sistema colonial, e por outro tenta rasurar os crimes do sistema, com a ajuda da personagem de Marlow, que mantém o sigilo sobre os acontecimentos que presenciou em África. A posição do autor esbate-se, deixando-nos na dúvida se está a revelar a verdadeira natureza deste sistema ou apenas a lamentar alguns dos seus excessos.

Apesar de alguns pontos menos claros, textos como o de Joseph Conrad ajudam a entender a problemática que existiu na viragem do século, em toda a sua ambivalência e ambiguidade, e as tentativas de tapar com um véu tudo o que era inaceitável para o mundo civilizado.

Olhando para trás depois da análise de todas as obras, vimos como a obra do Robert Louis Stevenson levanta o problema e tenta gerir a realidade que engloba o primitivo na essência do Eu; a seguir, a obra de Arthur Conan Doyle tenta acalmar as preocupações e os medos relacionados com o Outro; e, por último, a de Joseph Conrad responde às questões dizendo: não, o problema existe e não há solução imediata nem fácil para ele.

O século vitoriano, especialmente a fase da viragem do século, fascina pela presença conjunta do passado e futuro, quando os frutos do progresso se entrelaçam com os dogmas e paradigmas antigos, chocando na consciência do indivíduo. Os dois interligam-se e contrastam imensamente, deixando o indivíduo vitoriano num estado de insegurança, sem saber lidar com o mundo moderno e o seu ritmo de mudança extremamente acelerado.

A experiência da crise da viragem do século e o colapso dos paradigmas ensinam-nos que as certezas absolutas não existem, talvez somente alguns vislumbres utópicos e temporários. A humanidade encontra-se em constante luta entre os seus dois impulsos: questionar a civilização ou agarrar-se a algo seguro, que nos sossega.

No século XXI somos confrontados com uma situação semelhante, entre paradigmas em rápida mutação, e foi interessante ver como estas metamorfoses a nível civilizacional foram geridas antes, na época vitoriana. As mudanças nos nossos dias também são muito rápidas e abruptas, de modo que a sociedade moderna tem a necessidade de alguém como Sherlock Holmes, para acalmar a consciência e prometer a segurança e a esperança do futuro, assim como de alguém, como Joseph Conrad, que nos alerte para os problemas.

BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

Nota: só foram usados *sites* com credibilidade académica e cujos artigos são de especialistas reconhecidos na matéria, ou passaram por um processo de *Peer Reviewing*.

Bibliografia primária

Doyle, Arthur Conan. “The Sign of Four”. *Project Gutenberg*, 1890.

<https://www.gutenberg.org/files/2097/2097-h/2097-h.htm>. Último acesso 31 de Outubro de 2019.

Conrad, Joseph. *Heart of Darkness*. *Project Gutenberg*, 1902.

<https://www.gutenberg.org/files/219/219-h/219-h.htm>. Último acesso 31 de Outubro de 2019.

Stevenson, Robert Louis. *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. *Project Gutenberg*, 1886.

<https://www.gutenberg.org/files/43/43-h/43-h.htm>. Último acesso 31 de Outubro de 2019.

Bibliografia secundária

Austen, Jane. *Northanger Abbey*. *Project Gutenberg*, 1803. <http://www.gutenberg.org/ebooks/121>. Último acesso 21 de Janeiro de 2020.

“Biography: Arthur Conan Doyle”. S.d. <https://www.arthurconandoyle.com/biography.html>. Último acesso 10 de Maio de 2020.

“Biography Joseph Conrad” in *Biography.com Editor*. S.d. <https://www.biography.com/writer/joseph-conrad>. Último acesso 26 de Maio de 2020.

Bloom, Clive. *The Gothic Horror*. London, Red Globe Press, 2007.

Brantlinger, Patrick. *Rule of Darkness. British Literature and Imperialism, 1830-1914*. Ithaca and London, Cornell University Press, 1988.

Buzwell, Greg. “Gothic fiction in the Victorian fin de siècle: mutating bodies and disturbed minds”. *British Libarry*. 2014. <https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/gothic-fiction-in-the-victorian-fin-de-siecle>. Último acesso 31 de Outubro de 2019.

Burdett, Carolyn. "Darwin and the Theory of Evolution". *British Library*. 2014.

<https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/darwin-and-the-theory-of-evolution>.

Último acesso 31 de Outubro de 2019.

Burdett, Carolyn. "Post Darwin: Social Darwinism, Degeneration, Eugenics". *British Library*. 2014.

<https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/post-darwin-social-darwinism-degeneration-eugenics>. Último acesso 31 de Outubro de 2019.

Campbell, James. "The Beast Within". *The Guardian*. 2008.

Clark, G. Kitson. "The Making of Victorian England". *Victorian web*. 1971.

<http://www.victorianweb.org/technology/ir/index.html>. Último acesso 31 de Outubro de 2019.

Clausen, Christopher. "Sherlock Holmes, Order and The Late-Victorian Mind". *The Georgia Review*.

Vol. 38, No. 1, 1984: 104-123. <https://www.jstor.org/stable/41398643>. Último acesso 12 de Maio de 2020.

Clausson, Nils. "Degeneration, "Fin-de-siècle" Gothic, and the Science of Detection: Arthur Conan Doyle's *The Hound of Baskervilles* and the Emergence of the Modern Detective Story".

Journal of Narrative Theory. Vol.35, No. 1, 2005: 60-87.

<https://www.jstor.org/stable/30224620>. Último acesso 11 de Maio de 2020.

Davies, Laurence. "Telling them Apart: DoubleS". *Robert Louis Stevenson and Joseph Conrad*.

Writers of Transition. Lubbock, Texas Tech University Press, 2009: 52-7.

Daly, Suzanne. "The Imperial Gothic". *British Library*. 2014. [https://www.bl.uk/romantics-and-](https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/the-imperial-gothic)

[victorians/articles/the-imperial-gothic](https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/the-imperial-gothic). Último acesso 31 de Outubro.

Darwin, Charles. *A Origem das Espécies*. Gaia: Lello Editores LDA, 2009.

Darwin, Charles. *The Descent of Man and Selection to Sex*. 1874. New York: D. Appleton and

Company. 1889. http://darwin-online.org.uk/converted/pdf/1889_Descent_F969.pdf . Último acesso 22 de Novembro de 2019.

Dickson, Andrew. "An Introduction to Sir Arthur Conan Doyle". *British Library*. 2018.

<https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/an-introduction-to-sir-arthur-conan-doyle>.

Último acesso 10 de Maio de 2020.

Disraeli, Benjamin. *Sybil or the Two Nations*. Project Gutenberg. 1845.

<https://www.gutenberg.org/files/3760/3760-h/3760-h.htm>. Último acesso 13 de Novembro de 2019.

Dryden, Linda. "Introduction". *Robert Louis Stevenson and Joseph Conrad. Writers of Transition*. Lubbock, Texas Tech University Press, 2009: 1-12.

Elbarbary, Samir. "Heart of Darkness and Late-Victorian Fascination with the Primitive and the Double". *Twentieth Century Literature*. Hofstra University. Vol.39, No. 1, 1993: 113-128.

<https://www.jstor.org/stable/441641?origin=JSTOR-pdf&seq=1>. Último acesso 25 de Maio de 2020.

Engels, Friedrich. *The Condition of the Working Class in England*. 1845.

<https://www.marxists.org/archive/marx/works/download/pdf/condition-working-class-england.pdf>. Último acesso 31 de Outubro de 2019.

Flanders, Judith. "The Criation of the Police and the Rise if Detective Fiction". *British Library*. 2014.

<https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/the-creation-of-the-police-and-the-rise-of-detective-fiction>. Último acesso 10 de Maio de 2020.

Frank, Lawrence. "Dreaming the Medusa: Imperialism, Primitivism and Sexuality in Arthur Conan Doyle's *The Sign of Four*". The University of Chicago Press, vol. 22, No. 1, 1996: 52-85.

<https://www.jstor.org/stable/3175041>. Último acesso 11 de Maio de 2020.

Freud, Sigmund. *An Outline of Psychoanalysis*. (James Strachey, Trans.). N.Y., Norton, 1940.

<https://www.sigmundfreud.net/the-psychopathology-of-everyday-life-pdf-ebook.js>. Último acesso 4 de Novembro de 2019.

Freud, Sigmund. *New Introductory Lectures on Psychoanalysis*. (W. J. H. Sprott, Trans.). N. Y.,

Norton, 1933. <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.49982/page/n7>. Último acesso 4 de Novembro de 2019.

Freud, Sigmund. *The Ego and the Id*. 1923. <https://www.sigmundfreud.net/the-ego-and-the-id-pdf-ebook.jsp>. Último acesso 4 de Novembro de 2019.

Freud, Sigmund. *Psychopathology of Everyday Life*. 1901.

<https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.261150/page/n5> . Último acesso 4 de Novembro de 2019.

Freud, Sigmund. “The Uncanny”. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud. An Infantile Neurosis and other Works*. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, vol. 17, 1917-1919: 219-252. https://uncanny.la.utexas.edu/wp-content/uploads/2016/04/freud-uncanny_001.pdf. Último acesso 13 de Novembro de 2019.

Jamieson, Theresa. “Working for the Empire: Professions of Masculinity in H.G. Wells’s *The Time Machine* and R.L. Stevenson’s *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*”. *Victorian Network*. University of Hull, vol.1, N. 1, 2009.

James, William. *The Principles of Psychology*. New York Henry Holt and Company, vol. 1 (of 2), 1918. <http://www.gutenberg.org/ebooks/57628>. Último acesso 13 de Novembro de 2019.

Jones, Mike. “The Appeal of the Victorian Gothic”. S.d.

<http://www.thetransgressionscycle.com/victoriangothic>. Último acesso 31 de Outubro de 2019.

Kesselring, Laura. “Civilization and Savagery in Joseph Conrad’s *Heart of Darkness* and Francis Ford Coppola’s *Apocalypse Now*” *Undergraduate Review*. Vol.10, Iss. 1, Article 6, 1997.

Lankester, Emin Ray. “*Degeneration: a view of evolution*”. S.d. <https://www.bl.uk/collection-items/degeneration-a-view-of-evolution>. Último acesso 31 de Outubro de 2019.

Landow, George P. and Glenn Everett. “Positivism or the Positive Philosophy”. *Victorian Web*. 2014. <http://victorianweb.org/philosophy/comte.html>. Último acesso 31 de Outubro de 2019.

Levine, George. “The Novel as Scientific Discourse: The Example of Conrad”. *Novel: A Forum of Fiction*. Duke University Press, Vol.21, No.2/3, 1988: 220-227. <https://www.jstor.org/stable/1345487>, último acesso 11 de Setembro de 2019.

Luckhurst, Roger. “The Victorian Supernatural”. *British Library*. 2014. <https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/the-victorian-supernatural>. Último acesso 31 de Outubro de 2019.

Massey, Irving. “The Third Self: *Dracula*, *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* and *Mérimée’s Lokis*”. *The Bulletin Midwest Modern Language Association*, vol.6, N.2, 1973: 57-67.

- <https://www.jstor.org/stable/1314725?origin=JSTOR-pdf&seq=1> . Último acesso 28 de Janeiro de 2020.
- Matos, Maria Clara Sousa. *Londres – West End e East End: Duas visões da cidade*. Tese de Mestrado. Universidade de Coimbra, 2012.
- Monbiot, George. “Boris Johnson says we shouldn’t edit our past. But Britain has been lying about it for decades.”. *The Guardian*. 2020.
- <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/jun/16/boris-johnson-lying-history-britain-empire>. Último acesso 7 de Julho de 2020.
- Morris, Pam. *Realism*. Routledge, London and New York, 2003.
- Mumford, Lewis. *The City in History. Its Origins, Its Transformations, and Its Prospects*. MJF Books, New York, 1961: 446-481.
- “Robert Louis Stevenson”, *Poetry Foundation Magazine*. S.d.
- <https://www.poetryfoundation.org/poets/robert-louis-stevenson> . Último acesso 3 de Março de 2020.
- Saposnik S., Irving. “The Anatomy of Dr. Jekyll and Mr. Hyde”. *Studies of English Literature, 1500-1900*. Rice University, vol. 11, N. 4, Nineteenth Century, 1971: 715-731.
- <https://www.jstor.org/stable/449833?origin=JSTOR-pdf&seq=1> . Último acesso 28 de Janeiro de 2020.
- Spencer, Herbert. *The Principles of Bilology. Project Gutenberg*. 1864.
- <http://www.gutenberg.org/ebooks/54612>. Último acesso 18 de Novembro de 2019.
- Stevens, David. *The Gothic Tradition*. United Kingdom, Cambridge University Press, 2000.
- Stevenson, Robert Louis. “Olalla” *The Suicide Clube & Other Dark Adventures*. Tartarus Press, 1885: 365-404.
- Stewart, Garrett. “Lying as Dying in *Heart of Darkness*”. *PMLA, Modern Language Association*. Vol.95, No. 3, 1980: 319-33. <https://www.jstor.org/stable/461876> . Último acesso 11 de Setembro de 2019.
- Sutherland, John “Sherlock Holmes, the World’s Most Famous Literary Detective”. *British Library*. 2014. <https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/arthur-conan-doyle-the-creator-of->

- [sherlock-holmes-the-worlds-most-famous-literary-detective](#) . Último acesso 14 de Maio de 2020.
- “*The Descent of Man* by Darwin”. *British Library*. S.d. <https://www.bl.uk/collection-items/the-descent-of-man-by-darwin>. Último acesso 31 de Outubro de 2019.
- Todorov, Tzvetan. *The Fantastic: A Structural Approach to a Literary Genre*. Ithaca, New York: Cornell UP, 1975.
- Torgovnick, Marianna. *Gone Primitive. Savage Intellects, Modern Lives*. Ltd.Chicago, The University of Chicago Press, 1990.
- Walker, Richard J. “He, I say – I cannot say I: Robert Louis Stevenson’s Strange Case”. *Labiriths of Deceit: Culture, Modernity and Identity in the Nineteenth Century*. *Liverpool University Press*. 2007. https://www.jstor.org/stable/j.ctt5vjbn7?seq=1#metadata_info_tab_contents . Último acesso 28 de Janeiro de 2020.
- Wells, H.G. “Zoological Retrogression”. *The Gentlemen’s Magazine*. vol.271, 1891: 246-253. <https://blogs.commonsgorgetown.edu/engl-594-fall2013/files/2013/08/Wells.ZoologicalRetrogression.pdf> . Último acesso 4 de Novembro de 2019.
- White, Andrea. “Allegories of the Self and Empire: A Study of Stevenson’s *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* and Conrad’s “A Smile of Fortune”. *Robert Louis Stevenson and Joseph Conrad. Writers of Transition*. Lubbock, Texas Tech University Press, 2009: 75-91.
- White, Hayden. “The Forms of Wildness: Archaeology of an Idea” *Tropics of Discourse. Essays in Cultural Criticism*, Baltimore & London, John Hogkins UP, 1985 ed. (1st publication 1978): 150-181.
- Winstanley, Mike. “The Rural Exodus”. *British Library*. 2011. http://www.bbc.co.uk/history/british/victorians/exodus_01.shtml. Último acesso 31 de Outubro de 2011.
- Wyhe, van John. “The History of Phrenology”, *History & Philosophy of Science*. Cambridge University. S.d. <http://www.victorianweb.org/victorian/science/phrenology/intro.html>. Último acesso 31 de Outubro de 2019.

Bibliografia não citada

Miyoshi, Masao. "Dr. Jekyll and the Emergence of Mr. Hyde". *College English*, vol.27, N.6, 1966:

470-480. <https://www.jstor.org/stable/374021?origin=JSTOR-pdf&seq=1>. Último acesso 28 de Janeiro de 2020.

Singh, Shubh M. and Chakrabarti Subho. "A Study in Dualism: The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde". *Indian Journal of Psychiatr.* Vol. 50(3), 2008: 221-223.

Tearle, Oliver. "A Summary and Analysis of Stevenson's Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde".

Interesting Literature. Loughborough University. S.d.

<https://interestingliterature.com/2019/08/a-summary-and-analysis-of-stevensons-strange-case-of-dr-jekyll-and-mr-hyde/>. Último acesso 28 de Janeiro de 2020.

Tredell, Nicolas. *Joseph Conrad: Heart of Darkness. Icon Critical Guides*. Cambridge, 1998.